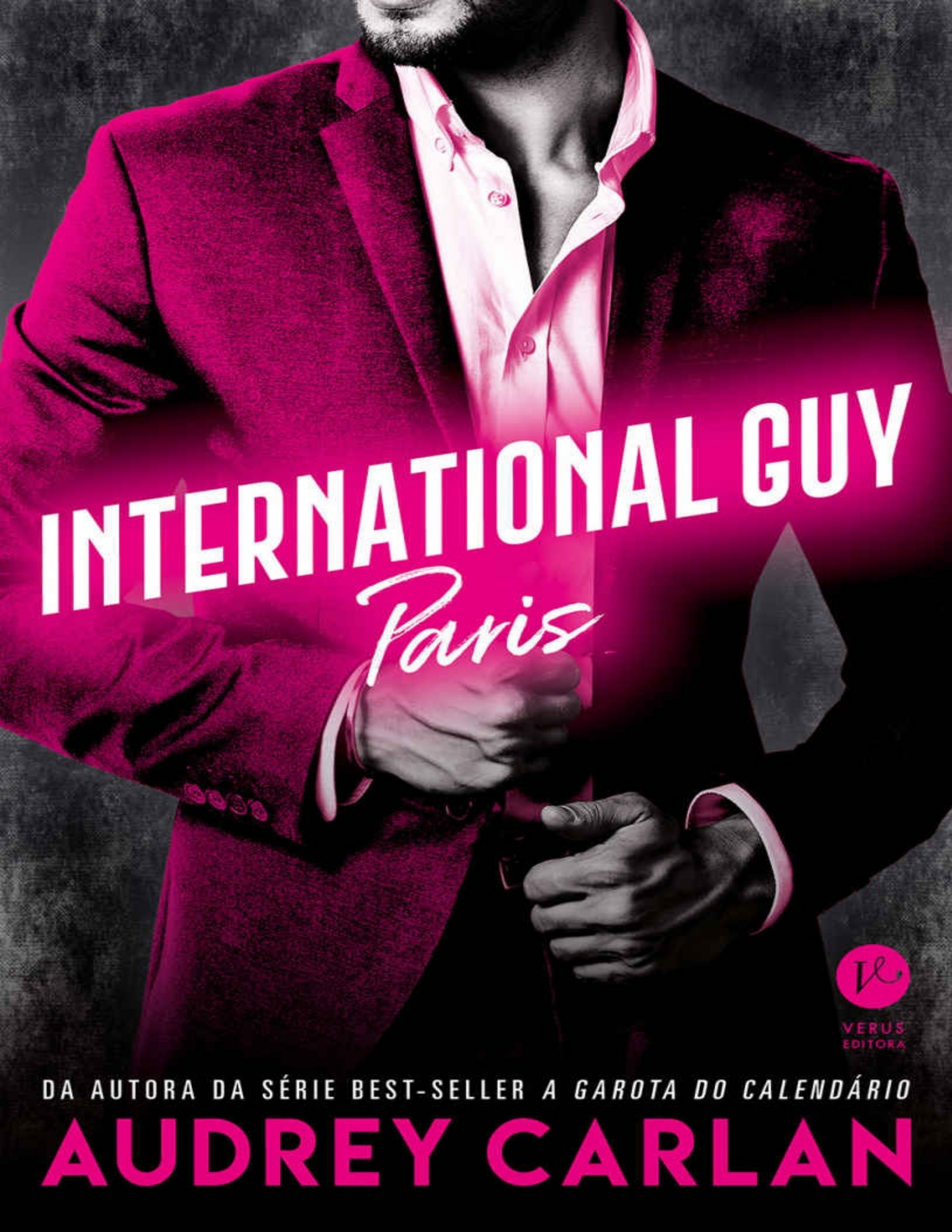

INTERNATIONAL GUY
Paris
VERUS
EDITORA
DA AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER A GAROTA DO CALENDÁRIO
AUDREY CARLAN

Também de Audrey Carlan

Série A GAROTA DO CALENDÁRIO
Volumes de *Janeiro a Dezembro*

Série TRINITY
Corpo
Mente
Alma
Vida
Destino

AUDREY CARLAN

INTERNATIONAL GUY

Paris

Tradução
Sandra Martha Dolinsky



VERUS
EDITORA

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Lígia Alves

Revisão
Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa
André S. Tavares da Silva

Foto da capa
kiuikson/Shutterstock (homem)

Título original
International Guy
Paris, New York, Copenhagen

ISBN: 978-85-7686-724-1

Copyright © Audrey Carlan, 2018
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2018
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278i

Carlan, Audrey
International Guy: Paris [recurso eletrônico] / Audrey Carlan; tradução Sandra Martha Dolinsky. - 1. ed. - Campinas [SP] : Verus, 2018.
recurso digital (International Guy; 1)

Tradução de: International Guy: Paris
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-724-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título. III. Série.
18-51586

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

À equipe da Hugo & Cie, especialmente a Hugues de Saint Vincent, orgulhoso líder da New Romance, e a minha linda e graciosa editora, Benita Rolland. Nunca poderei agradecer o suficiente por me presentearem com a beleza de Paris. É, de longe, a minha cidade favorita.

Este livro é para vocês.

Je vous adore tous les deux. Avec tout mon amour.

Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
Skyler

1

Eu amo as mulheres. Jovens. Velhas. Altas ou baixas. Do tipo nerd e intelectual até os mulherões sensuais — não sou exigente. Me dê corpos esguios ou curvas com carne para pegar... Cite o tipo que quiser, que eu já toquei, beijei e fodi todas as variedades. Os filósofos dizem que todo mundo na Terra tem um dom, algo único em cada um. O meu dom: eu entendo as mulheres. Parker Ellis é meu nome, e eu sou um sortudo filho da puta.

Mas pôr seu dom para trabalhar a seu favor é o maior prêmio de todos. Fazer todos os dias um trabalho que você ama de verdade não é o comum, muito pelo contrário. Eu estabeleci como objetivo de vida não trabalhar um dia sequer sem fazer algo que eu ame. E eu adoro as mulheres. Todas elas.

Descobri que as mulheres são criaturas complexas, nada fáceis de entender, e que não existem duas iguais. Essa é a razão pela qual criei a agência International Guy. Existe um número infindável de mulheres no mundo que precisam da ajuda de um homem confiável, forte e detalhista. Um homem como eu.

Eu me autodenomino Mago dos Sonhos.

Você quer alguma coisa e tem dinheiro para bancar seu sonho? Vamos discutir o assunto. Pelo preço certo tudo é possível, e eu sou o homem que vai ajudar você a conseguir o que quer.

Na International Guy, atendemos às necessidades da cliente. Nenhum pedido é exigente demais ou estranho demais. Contanto que não seja ilegal, estamos dentro.

Vamos começar com a minha equipe. Dizem que é preciso uma aldeia para criar um filho. Bem, para a International Guy, são necessários eu e mais dois: Bogart “Bo” Montgomery e Royce Sterling.

Conheci esses cavalheiros no primeiro ano em Harvard, e desde então somos o trio de fodões. Muito cedo eu soube que queria vencer por esforço próprio. Meu pai me ensinou que, se eu quisesse ser grande nos negócios e ter mais do que tínhamos, devia ir bem na escola. Ele era barman, e minha mãe, bibliotecária; eu definitivamente queria mais. Não que me faltasse algo em termos de amor ou apoio dos meus pais. Eu fui bem-criado, bem alimentado,

tinha roupa no corpo e sapatos nos pés, mas não nadávamos em dinheiro. Não sobrava muito, quando sobrava.

Fui criado nos arredores de Boston, onde o Red Sox reinava e os Patriots não podiam errar. Nossa casa era quente e pequenina. Minúscula. Dois quartos, um dos quais meu irmão e eu dividimos a vida toda. Minha mãe diz que isso nos deixou mais próximos. Não sei bem se é verdade, porque, no exato momento em que meu irmão mais velho se formou no ensino médio, ele se alistou. É militar de carreira desde então. Somos tão próximos quanto dois irmãos podem ser a um continente de distância.

Ao contrário do relacionamento que tenho com Bo e Royce. Eu morreria por esses dois, e vice-versa. Nosso vínculo nasceu do trabalho duro, solidariedade e amizade verdadeira. Em nosso caso, o truque para sermos amigos da vida toda é querer as mesmas coisas ao mesmo tempo.

Mulheres.

Dinheiro.

Poder.

Temos um conjunto de regras para a amizade e os negócios: nunca perder de vista o melhor para os outros dois; honestidade em primeiro lugar; e nunca transar com a mesma mulher. Jamais.

Trabalhamos juntos há cinco anos e conseguimos novas clientes importantes todos os dias. Nosso modelo de negócio é simples: dividir e conquistar. E nos juntarmos quando necessário. Se uma cliente em particular tiver algo específico para mim ou para meus parceiros, mandamos o homem certo para o trabalho.

Por exemplo, Bo é o nosso Mago do Amor. Não só a maioria das clientes fica de quatro por ele, como ele também as ajuda a encontrar o amor. Sua perícia em seduzir o sexo oposto é incomparável. Royce e eu podemos nos sair bem, mas nada se compara a Bogart. Ele tem controle sobre suas habilidades. Se uma cliente precisa aumentar seu poder de sedução, enviamos Bo. Se ela precisa de um acompanhante incrível para impressionar alguém ou fechar um negócio... a mesma coisa. Bo é um camaleão — ele sabe ser o que a mulher necessitar.

E Royce é o Mago do Dinheiro. Tudo o que esse homem toca vira ouro. Ele enxerga as coisas em cifras, e as mudanças financeiras, o mercado de ações, empreendimentos globais e tudo o mais são, para ele, como recitar o alfabeto. Roy nos tornou ricos muito jovens. Ele é a principal razão pela qual fomos capazes de erguer nosso negócio tão depressa, menos de uma década depois de formados. Se uma cliente tiver problemas financeiros ou preocupações com mudanças em seu modelo de negócio, mandamos Roy.

Eu? Eu tenho um pouco de cada um. Mas sou o único que sabe ler as mulheres. Descubro o que as motiva, a verdadeira necessidade por trás da

requisição de nossos serviços. Uma mulher pode telefonar solicitando nossa excelência como treinadores em questões de amor, mas, na realidade, ela já tem um homem em quem está interessada e precisa que algo aconteça. Esse “algo” pode ser ajudá-la a se tornar visível para o cara em questão, talvez atrair seu olhar. Ou quem sabe ela tenha problemas de autoconfiança. Ou então pode precisar de ajuda para encontrar um homem. Chegar ao cerne do que uma mulher realmente quer é o meu trabalho.

Quando Bo, Royce e eu decidimos começar um negócio depois que nos formamos em Harvard, os três pusemos a mão na massa. Na época, minha contribuição foi o plano de negócio, o conceito e o nome da agência. Nós concordamos que isso me dava um por cento a mais que aos meus amigos. O que significa que a minha participação na empresa é de trinta e quatro por cento, contra os trinta e três por cento deles. E isso me faz o chefe. Eu administro as operações do dia a dia e viajo quase tanto quanto eles; sou o contato inicial de todas as clientes. Nos últimos cinco anos, nós nos tornamos uma máquina bem lubrificada. Nada como ser o mestre do seu destino, e nós três descobrimos isso na International Guy.



As luzes verdes de neon apontadas para baixo em cada toldo que cerca o bar do meu pai dão à calçada um estranho brilho de plasma enquanto circundo o edifício até a frente. Pedi várias vezes para mudar a iluminação, mas ele é irredutível. Diz que deixa o lugar intrigante. O Lucky’s não precisa disso. Existe há cerca de cinquenta anos, com sólida aceitação entre os clientes — de empresários futriqueiros vestindo terno e gravata a trabalhadores locais usando boné do Red Sox. Este lugar é a minha segunda casa desde que eu tenho idade suficiente para andar. Enquanto eu crescia, meu pai me trazia aqui todos os dias depois da escola. Ele me sentava em um banquinho e passava a tarde me falando da vida enquanto eu fazia o dever de casa, até minha mãe sair do trabalho.

Quando eu já era capaz de ajudar, ele me punha para lavar copos, limpar mesas, varrer as calçadas e tirar o lixo — para contribuir. Eu nunca me incomodei de ajudar, especialmente desde que ele começou a me dar um pouco de dinheiro, que eu gastava com um ou outro par de pernas.

Além da família, este bar é tudo para o meu pai. Por isso foi a primeira coisa que comprei quando a International Guy começou a dar lucro. O dia em que tive dinheiro suficiente para comprar o Lucky’s e passá-lo para o nome do meu pai foi um dos mais felizes da minha vida. Jamais vou esquecer aquele momento. Meu pai sempre foi um homem orgulhoso, mas ele nunca me pareceu mais

orgulhoso de mim do que quando lhe entreguei a escritura, livre e desimpedida, de seu sonho.

Porém seu orgulho não teve nada a ver com o fato de eu ter lhe dado algo, e sim com o fato de que eu fiz o que me propus a fazer. Eu me formei no ensino médio como orador da turma e astro do time de beisebol, entrei em Harvard com uma bolsa de estudos integral, obtive o diploma de bacharel com honras e construí meu negócio do zero, então usei minhas conquistas para retribuir. Ao meu pai. O homem que eu admiro e vou admirar até o dia em que um de nós der o último suspiro. Ele poderia ter recusado, mas aceitou com gratidão e amor o que lhe dei. Esse é o homem que ele me ensinou a ser.

Agora, eu e os rapazes encerramos nossos atendimentos no Lucky's, tomando cerveja gelada e comendo amendoim, ou, em dias especialmente bons, uma boa dose de vodca e peixe com batata frita. Depende do dia e do caso. Esta noite preciso falar de uma cliente importante, por isso marquei o encontro aqui. A mais lucrativa que já tivemos. Esse trabalho vai pagar o equivalente a um mês de serviços, e mais, em um só contrato. No entanto, o atendimento é diferenciado. Disponibilidade total. Não é algo que estamos acostumados a oferecer.

Estremeço quando puxo a maçaneta de ferro fundido da pesada porta de madeira do Lucky's. O lugar já está agitado, e são apenas sete da noite de uma terça-feira. Examino o salão, observando as vigas de mogno escuro, as mesas com sofás de encosto alto ao longo da parede lateral, com separadores de vitral, e as mesinhas no centro. Normalmente, o Lucky's serve uma pequena variedade de petiscos à noite, que funcionam bem acompanhados de cerveja ou quando se está assistindo ao Red Sox ou aos Patriots.

Meu pai está no bar, com sua eterna camisa de flanela, desta vez azul, e uma camiseta branca por baixo. Tem um pano pendurado no ombro. Ele levanta a cabeça, com um sorriso estampado no rosto, quando eu entro. Aos cinquenta e cinco anos, ele está ótimo para a idade. Vejo o cabelo grisalho enquanto ele irradia seu sorriso branco e brilhante para mim — o mesmo que faz os clientes voltarem sempre, atrás de sua sabedoria. Com frequência os barmen são usados como terapeutas; meu pai sempre brinca dizendo que escolheu a profissão errada.

Aceno e vou para a mesa dos fundos, onde os rapazes sempre se sentam. Desde que meu pai assumiu o bar, ele mantém uma mesa disponível o tempo todo só para membros da família. É onde ele relaxa e minha mãe fica lendo quando quer estar perto dele sem atrapalhar. E é onde eu e os irmãos que a vida me trouxe nos sentamos para desopilar depois de uma semana longa ou um caso difícil.

— E aí, Park. Como vão as coisas, irmão? — Bo cumprimenta quando me

aproximo.

Ele está usando sua jaqueta favorita, de couro preto, sobre uma camiseta justa e jeans escuro, além de botas de motociclista.

— Tudo certo — respondo.

Royce levanta; sua pele cor de chocolate brilha com a iluminação do teto. Ele estende a mão, e uma abotoadura de ônix aparece na manga de seu terno sob medida.

— Meu irmão. — Seu sorriso é largo, branco e reluzente.

Aperto sua mão e lhe dou um tapinha nas costas. Assim que me sento, meu pai se aproxima, põe uma cerveja à minha frente e diz:

— Essa é a Sculpin IPA, da Ballast Point, em San Diego. Algo novo para os rapazes experimentarem. Não é local, mas é muito boa, na minha opinião. Depois me diga o que achou.

— Pode deixar. Obrigado, pai.

— Legal. Rapazes, outra? — pergunta, apontando para as bebidas deles.

— Para mim não — diz Bo, bebendo sua cerveja ainda pela metade.

— Eu vou tomar outro uísque puro, senhor. Obrigado — Royce responde.

Meu pai anui com o queixo antes de passar para as outras mesas.

— Muito bem. Quem é a grande cliente secreta sobre a qual você quer falar? — pergunta Bo, indo direto ao assunto.

Tomo um gole da cerveja gelada, deixando as notas cítricas deslizarem na língua. Lambo os lábios e suspiro, liberando o estresse do dia e sentindo o conforto de algo familiar se instalar em meus músculos.

— Recebi a ligação de uma herdeira hoje.

Bo faz sua garrafa girar.

— Como é?

— Hoje cedo, eu recebi uma ligação de Sophie Rolland.

Royce solta um assobio agudo.

— Caralho! Sophie Rolland?

Assinto e bebo mais da minha IPA.

— Quem diabos é Sophie Rolland? — Bo quer saber, franzindo a testa. O sujeito tem um lado bronco que deixa as mulheres loucas, mas pode ser cansativo se não estiver a par do assunto.

Royce ergue uma das sobrancelhas negras e encara nosso sócio.

— Sophie Rolland é a herdeira do império chamado Grupo Rolland. Eles são donos da maior marca de perfumes da França. Vale bilhões, pelo que eu li da última vez. Preciso fazer uma pesquisa para confirmar os números exatos.

— E o que isso tem a ver com a gente? — diz Bo.

— Rolland pai morreu de repente, de ataque cardíaco — afirmo, sem emoção

alguma. Eu não conhecia o homem, de modo que não fico triste com a notícia.

— Sério? — Royce arregala os olhos e levanta o uísque em direção ao teto. — *Salud* — murmura e vira o resto de uma vez. Seu pomo de adão ondula. — Caramba.

Esse é o cara. Balanço a cabeça e sorrio.

— É isso aí.

— O que foi que eu perdi? Será que alguém pode me dar uma luz aqui? — resmunga Bo, visivelmente irritado conosco.

— Sophie Rolland é a nova mulher no comando — digo e bebo minha cerveja, esperando que ele entenda.

— E ela não sabe diferenciar o perfume de uma flor do cheiro da sua bunda? — Bo chuta.

Roy e eu caímos na risada.

— Não exatamente. Parece que cheiro é com ela mesmo. Dom herdado da família. Mas na arte de ser uma CEO, administrar uma empresa e se portar à altura... nisso ela erra feio — digo, levantando meu copo em direção a Roy.

Ele sorri.

— Entendo. E quem melhor para prepará-la para assumir o comando da empresa depois da morte do pai? — sugere, esperto.

— Ah, agora sim — Bo diz e sorri.

Precavido, meu pai serve mais uma bebida para os meus sócios.

— E a IPA? — pergunta para mim.

— Ótima. Bem refrescante. Gostei. Acho que vai bem aqui.

Ele dá um tapa na mesa.

— É disso que eu estou falando! Obrigado, filho. — E sai apressado para servir outros clientes.

— Qual é o lance? — pergunta Bo.

O lance é quanto uma cliente oferece no início pelos nossos serviços. Elas entram com um número, que nós geralmente avaliamos — e elevamos, se for o caso. Mas este já começou alto.

— De duzentos e cinquenta mil a meio milhão, dependendo de quanto tempo ela precisar de nós — digo casualmente, mas minhas entranhas estão se contorcendo de agitação. — E ela paga tudo à parte: voos, refeições, consultores externos, mudança de visual...

Os dois ficam em silêncio. Podemos ouvir a respiração um do outro na pequena mesa.

Royce, sendo como é, fala primeiro:

— Quem você está pensando em mandar? Qual é a necessidade?

— Com essa quantidade de dinheiro logo de cara, todos nós. Você trabalha

com ela nas finanças e nas informações da empresa quando chegar a hora. O Bo faz a mágica dele no guarda-roupa e no poder de sedução dela. Eu entro com a parte da confiança e da habilidade nos negócios.

Bo alisa o bigode e o cavanhaque. Seu cabelo castanho é bem curto nas laterais e um pouco mais comprido no topo, enquanto o meu, loiro-escuro, tem fios mais longos que eu penteio para trás com um pouco de gel. As mulheres sempre elogiam meu cabelo, e eu adoro a maneira como o agarram e puxam enquanto as chupo.

Bebo mais cerveja, aguardando as ideias deles. Bo pega o celular e digita alguma coisa. Aperta os olhos e desliza o polegar pela tela.

— É, a moça é bonitinha, mas meio sem graça. A maioria das fotos dela é de quando era mais nova, adolescente. Diz aqui que ela tem só vinte e quatro anos, acabou de se formar na faculdade.

— Sim, e não só está de luto pelo pai, que a criou sozinho, como agora tem o fardo de assumir a empresa.

Olho para a tela do celular por cima do ombro dele, observando a imagem da nossa cliente. Ela é esguia, parada ao lado do pai numa entrevista coletiva. Está usando um vestido preto simples, sem maquiagem, o cabelo repartido ao meio, reto e liso. Mas, por baixo de toda essa simplicidade, há uma mulher linda, tenho certeza disso. E, pelo jeito como Bo está inclinando a cabeça e a avaliando, como faz com as modelos que fotografa, ele também sabe. Juntos, nós vamos encontrar uma maneira de fazer isso florescer em Sophie Rolland.

— Ela poderia simplesmente pôr o diretor financeiro no comando — diz Royce, batendo na borda do copo com o dedo indicador.

— Sim, mas, falando com a Sophie, tive a sensação de que ela sempre quis assumir a empresa da família em algum momento, e agora, mais do que nunca, quer mostrar ao mundo quem ela é. Sophie é a cliente perfeita: dinheiro para torrar, uma beleza real escondida debaixo de roupas sem graça e um negócio de grande sucesso. Ela só precisa da nossa ajuda para chegar lá — digo, estendendo o punho no centro da mesa. — O que vocês dizem? Vamos dominar Paris?

— Nós vamos para Paris? — pergunta Royce.

— Sim — sorrio.

Bo ergue o punho e toca o meu.

— Por esse dinheiro, nós vamos a qualquer lugar — diz e sorri.

— Por que não? Eu venho pensando em comprar um Porsche 911 conversível. Essa cliente vai me deixar muito mais perto do meu bebê prateado — diz Royce, beijando o próprio punho.

Eu reviro os olhos e Bo grunhe.

— Você e seus carros, cara. Erga o punho se estiver dentro.

Royce obedece e nós três batemos os punhos.

— A Paris — digo.

— A Paris — eles repetem.



Paris é encantadora na primavera, e isso não é só um ditado. As flores de cerejeira se multiplicam, o rio Sena fica lotado de barcos e as mulheres usam vestido e saia — meus favoritos — em todos os lugares. Meu Deus, como eu adoro um par de pernas nuas. É uma variedade sem fim de pele macia até onde os olhos podem ver, esperando para ser beijada e acariciada.

— A Torre Eiffel está bem ali, porra! — diz Bo, apontando pela janela da limusine que nos pegou no hotel.

Sophie Rolland não economizou nas comodidades ou serviços. Sua empresa nos colocou em um hotel cinco estrelas, onde cada um de nós foi instalado em uma suíte que parece uma casa, com direito a geladeira abastecida e cozinha completa para a nossa estadia prolongada. Com um serviço como esse, vai ser difícil fazer Bo sair. Somos todos solteiros convictos, mas Bo está em um nível diferente. Eu pelo menos gosto de voltar para casa, passar um tempo em meu apartamento, relaxar com meus pais e assistir a um jogo de beisebol com um ou outro parceiro de negócios. Já Bo poderia facilmente viajar pelo mundo sem ter uma casa para chamar de sua. Ele tem um apartamento no mesmo condomínio que eu, mas raramente está lá.

— É muito menor do que eu pensei — Royce comenta, olhando pela janela oposta.

Observo a torre pela janela escura do meio da limusine.

— Parece bem grande para mim. Robusta. Sólida. Basicamente como imaginei que seria. Os franceses são ótimos com estruturas artísticas. Como a nossa Estátua da Liberdade e o Cristo Redentor, no Brasil.

— Eles fizeram o Cristo do Rio de Janeiro? — pergunta Bo, franzindo a testa.

— Sim. Aprendi isso na aula de relações internacionais. Espere... você fez essa aula comigo, cara.

Ele abre um sorriso malicioso.

— Talvez eu tenha passado mais tempo prestando atenção na Melissa Thompson e em quanto tempo eu levaria para tirar a roupa dela do que nos detalhes das estátuas modernas.

Royce leva a mão à boca e ri.

— Pena que você perdeu todo esse tempo — digo. — Eu peguei a Melissa nas primeiras duas semanas de aula. Foi uma das minhas cinco melhores no segundo

ano.

O olhar de Bo dispara para mim.

— Merda! Foi por isso que ela nunca me deixou chegar junto? A Melissa foi uma das únicas mulheres que não me deram bola. Feriu minha autoconfiança. — E faz um bico, que mostra por que as mulheres se desmancham por ele. Até eu me sinto obrigado a fazê-lo sorrir agora. Ele continua: — Valeu, hein? Você podia ter mencionado que estava na área.

Balanço a cabeça.

— Foi divertido demais ver você tentar o semestre todo e fracassar. Considere isso o meu presente de humildade para você, irmão.

Ele emite um som que é meio grunhido, meio zombaria.

— Humildade. *Pfff*.

A limusine para abruptamente diante de um grande edifício. Saímos do carro e somos recebidos por uma mulher baixinha de cabelo castanho estilo chanel e um sorriso genuíno.

— Sr. Ellis? — pergunta.

Levanto a mão e dou um passo em direção a ela.

— *Bonjour*.

Suas faces pálidas ficam coradas conforme ela se inclina e me dá dois beijinhos, um em cada bochecha.

— Sou Stephanie Moennard, assistente da srta. Rolland, e vou cuidar de todas as necessidades de vocês durante a sua estadia.

Passo o braço em volta dos ombros dela e abaixo a cabeça.

— *Todas* as nossas necessidades? — digo e dou uma piscadinha.

As bochechas dela vão do rosa ao vermelho. Aperto seu ombro e a faço virar para os rapazes.

— Estes são Bogart Montgomery e Royce Sterling.

— É um prazer. Bem, venham comigo. A srta. Rolland está ansiosa para conhecê-los.

Ela nos leva por um lance de escadas até um elevador de vidro. Subimos ao oitavo andar, onde somos guiados por uma série de corredores. Ela bate em uma porta que parece ter mais de quinhentos anos, e a madeira nodosa range pela força que ela usa para abri-la.

Nós três a seguimos para dentro de uma sala surpreendentemente grande. Uma morena tímida termina sua ligação, levanta e dá a volta na mesa. Está usando um vestido preto liso que poderia facilmente ter sido comprado na promoção de uma loja de departamentos, o que fica evidente pelo péssimo caimento. Quando ela se aproxima, seu salto enrosca no tapete persa e ela agita os braços ao perder o equilíbrio.

Com reflexos felinos, eu a seguro e a puxo contra meu peito antes que ela caia. Passo o braço ao redor de sua cintura fina para mantê-la em pé. Ela ofega, e um sopro de ar sai de sua boca delicada. Um par de olhos chocolate me encara com uma expressão inocente sob cílios insanamente longos e negros. Seu queixo é arredondado e complementa perfeitamente o nariz fino. Sophie Rolland não está usando um pingo de maquiagem, e ainda assim sua pele brilha em um leve tom de bronze. Os longos cabelos castanhos estão divididos ao meio, em um estilo desinteressante e sem vida. Mesmo assim, qualquer homem que olhe de perto pode ver que ela é um diamante bruto.

Eu sorrio, levo a mão a sua nuca, enrolo-a em seu cabelo grosso e uso o polegar para levantar seu rosto em direção ao meu. Ela afasta os olhos timidamente. Um aroma delicioso a envolve enquanto a seguro. Inclinando-me em direção a seu pescoço, esfrego o nariz em sua pele, inalando profundamente, capturando a essência de seu perfume. Solto um gemido encostado em sua carne, deixando que minha apreciação de seu cheiro penetre profundamente sua consciência.

As mulheres precisam saber que, independentemente do que estejam vestindo, de como apliquem a maquiagem ou o que façam com o cabelo, sempre há algo de especial nelas que tem o poder de atrair a atenção de um homem. E estou totalmente atraído, porque o cheiro dela está me deixando louco. Fico com água na boca enquanto nego a mim mesmo o prazer de sentir o gosto da sua pele doce e me afasto. Ela suspira e abre os olhos, pestanejando, quase sonolenta.

Royce tosse atrás de mim e Bo limpa a garganta, mas eu não me viro nem a solto. Ela é importante; este momento é importante. Dá o tom para o restante do tempo que passaremos juntos, e tenho a sensação de que bem rapidamente esta mulher e eu vamos nos tornar muito mais que parceiros de negócios. Eu apostaria minha conta bancária nisso. Mas, nesse meio-tempo, há trabalho a fazer.

Mantenho Sophie perto de mim, deixando-a sentir meu corpo colado ao seu, do peito ao joelho, antes de fechar o negócio.

— *Ma chérie*, muito provavelmente você é a coisinha mais preciosa com que já tive o prazer de trabalhar. Não vejo a hora de te mostrar que você é uma obra de arte.

2

Sophie recua e contorce as mãos, como se estivessem molhadas. Eu sorrio. Talvez outras partes dela estejam molhadas agora, mas não suas mãos, definitivamente.

— Hum, obrigada. Sr. Ellis, presumo. — Ela me dá dois beijinhos no rosto. — E estes são...

Bo ginga para a frente. Em vez de dar um aperto de mão ou beijá-la no rosto, como os franceses cumprimentam, ele alisa o queixo barbado e caminha ao redor da srta. Rolland, avaliando-a. Analisa seu corpo e suas roupas com o olhar do fotógrafo talentoso que é, um verdadeiro artista, dentro e fora de seu estúdio de fotografia.

— Pernas longas e elegantes. Sapatos de merda — diz, fazendo uma careta. — O vestido é pelo menos dois tamanhos maior do que deveria. Eu diria que você usa 38-40, e não 42-44. Estou certo? — pergunta, indiferente, ainda circulando.

Quase posso ver as engrenagens em sua cabeça girando pela necessidade de criar beleza e capturá-la pela lente de sua câmera.

Sophie franze a testa.

— Não sei o que isso quer dizer.

Provavelmente porque, na Europa, a numeração das roupas é diferente.

Bo a ignora e se concentra apenas no corpo dela.

— O cabelo é bem tratado, mas poderia ser cortado em camadas, talvez até receber umas luzes para dar um pouco de brilho. Maquiagem é indispensável. Você sempre anda sem maquiagem?

Ele para diante dela, pousa a mão em seu queixo e avalia seu rosto, movendo-o de um lado a outro. Seu corpo estremece ao toque dele. O que não surpreende — Bo tem esse efeito sobre as mulheres.

Ele prossegue:

— Pele ótima. Boa estrutura óssea também. Conheço mulheres que matariam por esse rosto macio de bebê. Uma depilação nas sobrancelhas cairia bem. E as outras partes, você depila?

Ela arregala os olhos e cambaleia alguns passos para trás, até bater a bunda na mesa e ficar fora do alcance dele.

— *Mon Dieu!* — diz, levando a mão ao peito.

Vou até Sophie e encosto o quadril na mesa, ao lado dela.

— Não precisa surtar — digo. — Lembre-se que você está pagando pelo serviço completo. O Bo é mestre em aumentar o poder de sedução feminino por meio das roupas, do cabelo, da maquiagem, o que for necessário. Ele é um verdadeiro artista. E o mais importante é que você vai se sentir tão linda quanto uma pintura de valor inestimável.

— Você acha que eu preciso mudar meu visual? — ela pergunta, passando os dedos delicados pelo pescoço. Um movimento sexy e discreto, mas ela nem percebe. E meu trabalho é fazer com que esse lado dela aflore mais vezes.

— Bom, depende. Você quer ter a aparência de uma CEO poderosa e bem-sucedida, ou só fazer o seu trabalho? Uma parte do sucesso nos negócios é liderar pelo exemplo. Mostre aos seus funcionários e contatos que você é forte e deve ser levada a sério. A minha equipe e eu vamos tornar isso realidade, começando pela sua aparência. Um visual impactante no trabalho mostra aos seus colegas que você os considera importantes a ponto de fazer esse esforço. Depois que nós te dermos essas ferramentas, vamos ensinar você a vivenciar isso, a se tornar o que quer ser.

Ela assente.

— O que eu preciso fazer? — pergunta. — Não sei como o processo funciona. Quando contratei vocês, eu estava ciente de que precisava de ajuda. Me sentia perdida, incerta sobre a tarefa que tinha pela frente. Nem sei direito do que eu preciso neste momento.

Seu tom é inseguro e me comove. Toda mulher merece se sentir forte e bem estabelecida em seu papel. Pego a mão dela, levo-a aos lábios e pouso um beijo suave no dorso. Um tom rosado cobre suas bochechas. Tão lindo.

— Primeiro, deixe o Bo cuidar dos seus atributos externos. Depois, o Royce vai trabalhar com você para firmar a sua presença nas reuniões de negócios, ajudando nos seus eventuais deslizes e se reunindo com a sua equipe de executivos para determinar em que pé estão as operações internas da empresa. A última coisa de que você precisa enquanto assume os negócios é um complô. A sua equipe e, mais importante, os membros do conselho vão querer respostas sobre como você planeja administrar a empresa. Todos eles precisam sentir a sua autoconfiança não só para manter as coisas estáveis, mas também como uma agente de mudanças.

— Deixe comigo, garota — diz Royce, colocando as mãos nos bolsos e levantando o queixo.

Sophie respira fundo e engole em seco antes de limpar a garganta e dizer:

— Minha preocupação é que eu não esteja à altura. O meu pai ergueu esta

empresa e a administrou sozinho durante trinta anos. Depois da faculdade, eu deveria assumir um cargo executivo de nível inferior e conhecer o negócio organicamente. Agora — ela balança a cabeça —, não sei se estou preparada.

— Você *quer* administrar esta empresa?

Essa é a pergunta de um milhão de dólares — quase o que ela está pagando à International Guy para que as coisas aconteçam.

Ela fixa os olhos nos meus. Vejo tristeza neles, mas com uma pitada de esperança.

— Esse sempre foi o meu sonho.

— Então vamos fazer esse sonho se tornar realidade. Um passo de cada vez.

A barriga de Sophie ronca, e eu rio antes de passar o braço por sua cintura, forçando-a a se endireitar.

— Primeiro, almoço. Depois o Royce vai se reunir com o diretor financeiro e o diretor de operações enquanto nós vamos com o Bo fazer compras para o seu novo guarda-roupa.

Ela passa a língua pelos lindos lábios rosados, o que faz meu pau se animar. Só de ver sua língua aparecer, já quase fico duro. Definitivamente, há mais nessa mulher do que ela mostra ao mundo. E não vou parar enquanto não trouxer cada gota dela para fora dessa concha sem graça.

— E o que você vai fazer enquanto isso? — pergunta ela, se aproximando, e seu perfume delicioso, com notas doces e de especiarias, envolve meus sentidos.

Eu lhe ofereço um sorriso diabólico, pego sua mão e entrelaço nossos dedos.

— Eu vou estar segurando a sua mão, *ma chérie*... o tempo todo.



Depois do almoço, seguimos direto para a Avenue Montaigne, onde minha pesquisa apontou uma variedade enorme de grifes sofisticadas, como Gucci, Christian Dior e minha favorita: Jimmy Choo.

Seguro a porta de vidro para que Sophie e Bo entrem.

— Vamos começar com os sapatos? — ela pergunta, com seu sotaque francês que faz tudo parecer puro sexo. Eu poderia ouvi-la falar por horas a fio.

Passo o braço ao redor dos ombros dela e examino as prateleiras até encontrar exatamente o que estou procurando: um par de sapatos vermelhos de salto alto. O modelo tem o clássico bico pontudo e linhas gráficas, com uma fina tira de couro que envolve graciosamente os tornozelos e forma um laço na parte superior dos pés.

— Uma coisa que eu sei sobre as mulheres é que o primeiro passo para a mudança sempre começa com um par de sapatos de salto alto, sexy como o

pecado.

Ela olha para os sapatos com atenção.

— É muito bonito, mas não muito prático no escritório.

Eu sorrio.

— Não, não é. E é exatamente isso que nós queremos. — Invado seu espaço, pressionando o peito contra o dela e sussurrando em seu ouvido: — Imagine como seria sentir que os homens te desejam e as mulheres querem ser como você. Isso é o que a International Guy vai fazer por você.

Ela estremece quando meu queixo roça levemente sua mandíbula antes de recuar.

— Hum, vou experimentar esse — diz, piscando inocentemente e mordendo o lábio inferior.

Sim, ela está começando a sentir o clima esquentar entre nós. É só uma questão de tempo. Captei isso no segundo em que ouvi sua voz. Eu soube que queria ouvir essa cadência sensual sussurrando em francês no meu ouvido. Logo ela vai estar comendo na minha mão e cravando os saltos desses sapatos na pele macia da minha bunda. Só que ela é minha cliente. Não que tenhamos uma regra sobre não misturar negócios e prazer, mas nunca lidamos com tanto dinheiro ou com uma cliente tão importante. Não seria sensato ultrapassar essa linha com ela.

Ajeito meu membro crescente, fazendo uma leve pressão no pobre coitado. Para meu desânimo, ele não vê ação há semanas. O trabalho tem me deixado muito pouco tempo de diversão ultimamente, e não dá para entrar em campo quando não se está no estádio.

Limpo a garganta e sacudo o paletó, abotoando-o para esconder qualquer evidência de minha excitação.

— Que número você calça, *ma chérie*? — pergunto.

— Trinta e oito, que nos Estados Unidos é sete.

— Sete, o número da sorte — digo, dando uma piscadinha e mostrando o sapato de seiscentos e trinta euros à vendedora. — Trinta e oito, *merci*.

Sophie pega o sapato na mão e o vira, como se nunca tivesse visto nada igual.

— Esse modelo se chama Vanessa. Lindo nome para um lindo sapato — observa.

— Faz sentido, porque, quando o usar, você vai se sentir uma mulher diferente.

Ela fica vermelha e se senta, enquanto a vendedora traz o seu número.

— Também queremos ver estes cinco pares tamanho trinta e oito, minha linda — diz Bo, dando à vendedora outros sapatos de salto. A mulher se apruma sob a atenção dele.

Balanço a cabeça e me concentro na doce Sophie. Me ajoelhando, ajudo-a a calçar os sapatos. Depois lhe ofereço a mão e a conduzo ao espelho, colocando-me às suas costas.

Com o queixo em seu ombro, sussurro no ouvido dela:

— Suas pernas ficaram longas pra caralho.

Sophie movimenta os pés na frente do espelho, avaliando cada lado. Enquanto a observo, ela fica ereta, alonga o pescoço. A mulher mansa e tímida que conheci desaparece diante dos meus olhos, e outra, forte e sensual, toma seu lugar.

Coloco as mãos em sua cintura fina, roçando levemente os lábios em sua orelha.

— Poucas coisas na vida podem fazer uma mulher se sentir tão sexy como um par de sapatos de salto novinhos — digo. Quando vejo Sophie florescer diante dos meus olhos, tenho mais certeza disso do que nunca. Mulheres e sapatos. Adão e Eva. Yin e yang. Tudo se complementa.

— Adorei. — Ela sorri largamente, um sorriso que pode levar homens à loucura se dirigido a eles. — E agora? — pergunta, girando, radiante.

— Um guarda-roupa novo, baby — diz Bo, levantando as sobrancelhas enquanto a vendedora entrega os outros sapatos para Sophie experimentar.

Ela acaba comprando cinco pares. Seu motorista coloca as sacolas no porta-malas enquanto eu seguro a porta da limusine aberta para Sophie e Bo.

— Para onde, sr. Ellis? — pergunta François, o motorista.

— Christian Dior, meu bom homem.

Entro no carro ao lado de Sophie, que está usando os novos sapatos vermelhos. Suas pernas estão cruzadas, e os sapatos as fazem parecer muito longas. Maldita distração toda essa pele lisa à mostra. Aperto os lábios e observo a paisagem enquanto Bo conversa com nossa nova cliente.

Cliente.

Cliente.

Ela é minha *cliente*, não a próxima mulher que vai esquentar minha cama. Mas eu estaria mentindo se dissesse que não penso em todas as posições que essas pernas poderiam assumir durante o sexo.

Em volta da minha cintura.

Bem abertas.

Para cima.

Um zilhão de posições diferentes em que eu gostaria de foder Sophie Rolland passam por minha mente. Eu preciso transar. De preferência, com uma francesa que goste de falar sacanagem.

O carro para e eu saio rapidamente, como se o banco estivesse em chamas. Bo me segue, depois estende a mão para Sophie, ajudando-a a sair da limusine.

Nossa *cliente*.

Vou continuar me lembrando desse fato até ficar gravado em minha mente. Com clientes anteriores, não tive vontade de enfiar até as bolas enquanto elas gritavam meu nome com um hipnotizante sotaque francês. Mas alguma coisa na doce Sophie está estimulando minha libido, e eu preciso desesperadamente controlar isso.

Bo leva nossa garota para dentro da loja. Não dá para imaginar pelo jeans, a camiseta justa e a onipresente jaqueta de couro, mas roupas são o território de Bo. Ele gosta de brincar que, de tanto tirar a roupa das mulheres, entende tudo sobre o que pôr nelas. Seja pelo motivo que for, ele tem a habilidade de pegar um dente-de-leão e transformá-lo em uma rosa, encontrando a roupa certa para cada mulher.

— Vamos começar com vestidos, saias e calças para o ambiente de trabalho. — Ele leva Sophie até uma cadeira e a faz sentar antes de ir conversar com a vendedora.

Ela fica ali parada, mordendo o lábio. Eu me sento ao seu lado e pego sua mão. Ela prende a respiração, mas logo relaxa na cadeira; um pouco de seu nervosismo se dissipa visivelmente ao meu toque. Gosto dessa resposta mais do que quero deixar transparecer, mas a bloqueio como algo em que pensar mais tarde. Por enquanto, vou ser o que ela necessita para se sentir à vontade enquanto viramos seu mundo de cabeça para baixo.

— Você confia em mim, Sophie?

— Eu mal te conheço. — Garota esperta.

Aperto sua mão.

— E mesmo assim está sentada em uma loja, segurando minha mão como se eu fosse um salva-vidas, e não fugindo — observo.

Ela lambe os lábios, olha para os sapatos e depois para mim.

— Use a sua intuição. Você nos contratou, nós estamos aqui. Tudo vai mudar... para melhor. Agora o foco é você, *ma chérie*. É a sua hora de brilhar. Mostre ao mundo que você é puro ouro.

Sophie inspira e expira lentamente antes de assentir.

— Eu confio em você, Parker.

Sorrio e acaricio sua mão.

— Que bom, Sophie. Ótimo. Vou te ensinar muito sobre si mesma, trazer à luz coisas que você nunca sonhou que fizessem parte de você.

— E como você vai fazer tudo isso? — Sua voz treme. Sinto vontade de passar os braços ao redor dela, apertá-la forte e garantir sua felicidade, de mente, corpo e espírito.

Eu me viro de lado na cadeira e pego uma mecha de seus cabelos, levando-a

para trás da orelha para poder tocar seu rosto sem impedimentos.

— Uma faceta de cada vez. Começando com a empresária fodona e terminando com a mulher especialista em sexo.

Ela ri, levando a mão à boca. Mas eu a detenho antes que consiga.

— Nunca esconda seu sorriso. Anote minhas palavras: assim que eu terminar com você, os homens vão cair aos seus pés só para ser os responsáveis por colocar esse sorriso no seu rosto lindo.

As faces de Sophie ficam rosadas e ela desvia o olhar timidamente. Meu Deus, como eu adoro uma mulher tímida. Só melhora o desafio de fazer aflorar seus outros lados.

Bo e a vendedora voltam.

— O provador está pronto — ele diz, apontando por cima do ombro em direção aos fundos da loja.

— Vá na frente — digo, estendendo o braço e pegando a mão de Sophie, quente e reconfortante na minha.

Enquanto caminhamos para o provador, ela se recosta em mim.

— Estou curiosa para ver o que ele escolheu.

Sorrio.

— Eu também.

Bo pega a outra mão de Sophie e a puxa para uma sala. Examino a área enquanto ele a prepara para as primeiras provas, dizendo que peças combinar. Balanço a cabeça e me volto para as araras onde estão as roupas de executiva. Acima de uma arara cheia de terninhos há a imagem de uma anja. Uma anja absurdamente sexy. Loira. Cheia de curvas. Sexo personificado. Meu pau volta à vida mais uma vez diante do anúncio que mostra Skyler Paige, minha celebridade preferida — e maior crush de todos os tempos —, usando um terninho Christian Dior perfeito.

Não consigo parar de olhar para as ondas loiras de cabelo caindo sobre os ombros, em forte contraste com o blazer preto. Suas pernas parecem ter quilômetros dentro da calça justa, que afina em torno dos tornozelos delicados, os quais eu gostaria de mordiscar e beijar. Se eu tivesse uma mulher como Skyler, passaria dias provocando-a e a faria gemer de várias formas antes de lhe dar o que ela quisesse, o que só eu poderia lhe dar.

Foda.

Afasto os pensamentos lascivos envolvendo a mulher dos meus sonhos e volto para o assunto em questão. Posso pensar em Skyler outra hora, quando estiver precisando de um pouco de fantasia solitária. Vou usar essa imagem para fantasiar sobre a secretária sexy do meu personagem: o chefe alfa. Incliná-la sobre a minha mesa e lhe dar um aumento.

Rindo de minha própria idiotice, encontro uma calça preta estilo cigarrete e um blazer acinturado da mesma cor, com lapela de cetim e um único botão. Vai ficar magnífico em Sophie.

Voltando-me, vejo a vendedora que estava atendendo Bo.

— Pode me trazer estas duas peças no tamanho que o meu amigo escolheu para ela?

— Sim, claro.

Ela encontra os tamanhos certos, e eu a sigo de volta ao provador enquanto Sophie sai com uma saia lápis de couro preta e uma blusa de seda branca. Com os sapatos de salto vermelhos, ela parece pronta para matar.

Bato palmas.

— Sim, definitivamente.

Bo contorna Sophie, com a mão no cavanhaque.

— Podíamos apertar a costura mais ou menos um centímetro aqui — diz, passando as mãos pelos quadris dela. — Mostrar mais a sua bundinha empinada.

E o rubor anterior de Sophie se transforma em um tom de tomate maduro.

Franzo a testa.

— Para mim está perfeita. — Minha voz soa rouca, como se eu tivesse acabado de acordar, mesmo tendo saído da cama há horas.

Bo recua e expira ruidosamente, me avaliando antes de se aproximar e dizer, com a voz baixa:

— Tenho certeza de que você acha isso. Não tirou os olhos da bunda e das pernas dela desde que a conhecemos. Está querendo marcar território?

Estou?

Em vez de responder, fico irritado; meus pelos se arrepiam e minha pele fica desconfortável.

— Faça o seu trabalho e mantenha as mãos longe dela, só isso — resmungo.

Ele recua, erguendo as palmas abertas em sinal de rendição. Dá meia-volta e retorna para a nossa cliente.

— O visual ficou ótimo. Gostou, baby?

Sophie passa as mãos pelos quadris e meu pau se agita.

— É diferente, mas eu gostei. — Ela move o traseiro de um lado para o outro, rebolando, sentindo o toque do tecido.

— Vamos provar um vestido — sugere Bo.

— Não. — A palavra escapa dos meus lábios, sem admitir contra-argumento. Limpo a garganta. — O terninho.

Bo aperta os lábios e aponta para o provador.

— Você é quem manda. Sophie, vá em frente.

Ela entra no provador. No segundo em que a porta se fecha, ele vem para cima

de mim.

— Você está perdendo o foco, meu amigo — diz, cutucando meu peito.

Dou um tapa em seu dedo.

— Não viaja. Estou inteiro nessa.

Ele bufa.

— É, assim como quer estar inteiro na srta. Francesinha.

— Não me enche o saco — solto, franzindo a testa.

— Só estou dizendo o que vejo — ele retruca, petulante.

— Bom, você está errado. — Endireito os ombros e me certifico de que meu paletó esteja bem fechado, escondendo qualquer possível visão do meu pau duro.

Ver a bunda de Sophie envolvida em couro preto, suas longas pernas nuas arrematadas pelos sapatos de salto vermelhos, me deu instantaneamente uma quase ereção.

— Acho difícil. Mas vamos jogar o seu jogo — ele conclui, estalando a língua. — Vai ser a sua morte se você se meter entre as pernas dessa cliente.

— Como se você já não tivesse feito isso — resmungo baixinho, basicamente demonstrando que esse é precisamente o meu desejo.

Ele cruza os braços musculosos.

— Exatamente. Eu fiz isso, muitas vezes. E, toda vez que penso com o meu pau, é uma ideia de merda.

— Ao contrário de qualquer outro momento — rebato.

Bo balança a cabeça e volta para Sophie, arrematando por cima do ombro:

— Não diga que eu não avisei.

3

Lotados de Dior, Gucci, Prada e Valentino, ainda temos mais algumas paradas a fazer. Sophie boceja, recostando-se pesadamente em mim no banco da limusine.

— Está cansada, *ma chérie*? Quer continuar amanhã de manhã?

Ela balança a cabeça.

— Não, mas uma taça de espumante faria maravilhas — diz, apontando para o frigobar.

Sorrio e bato palmas uma vez.

— Minha especialidade.

Uma garrafa de champanhe francês de verdade está gelando no pequeno refrigerador. Inspeciono o rótulo, como se soubesse ler francês. Posso entender bastante, mas definitivamente não leio.

Sophie dá uma risadinha, balançando a perna cruzada por cima da outra. Quero tanto pegar essa perna e passar os dentes por toda a sua extensão macia, então morder esse par de coxas espetaculares e durinhas, como imagino que sejam. Já vi bastante delas, na verdade, quando Bo a fez vestir um tubinho "adequado para trabalhar" que encontrou na Gucci. Se aquele vestido é o que ele julga apropriado para o trabalho, vou estar fodido quando a vir com um dos vestidos de festa que ele escolheu.

Estremeço e afasto meus pensamentos errantes. Há dragões por esse caminho. Abro a garrafa e sirvo três taças de champanhe. Sophie suspira ao primeiro gole.

— Caralho — murmuro e cruzo as pernas, tentando afastar o desejo que passa pelo meu peito, cortando caminho diretamente para o pau.

Hoje o dia foi uma tortura. Preciso de um banho quente e de um tempo de qualidade com o Bráulio, ou talvez eu vá a um bar e tente encontrar alguém disposto a aquecer minha cama esta noite. Tem de haver um bom lugar para pegar mulheres por aqui. Bo deve saber. Vou perguntar a ele mais tarde, discretamente. Com a rotatividade do homem em relação ao que chama de "mocinhas", ele já deve ter pesquisado o melhor lugar para se dar bem. Claro, eu poderia simplesmente invocar a imagem da gostosa da Skyler Paige com seu terninho sexy. Péssima ideia pensar em Skyler por uma fração de segundo que seja — meu pau tem um radar para esse tipo de pensamento, e, depois que as

pernas de Sophie e minha celebridade preferida passam pela minha mente... estou ferrado. Pego um cubo de gelo no console e passo na nuca, para literalmente congelar as sensações lascivas que estão me dominando.

Sophie termina sua taça assim que o motorista para em frente às Galeries Lafayette, no Boulevard Haussmann. Segundo o Google, é uma das maiores lojas de departamentos de Paris.

Desta vez o motorista abre a porta. Bo e eu viramos nosso champanhe, e ele arremata com um arroto de nível dez no arrotômetro. E bate no peito.

— Ufa. Eu precisava disso.

O fedor se espalha, e eu saio do carro.

— Talvez seja bom ventilar a parte de trás — sussurro para François, olhando feio para meu amigo.

— Que foi? — diz ele, erguendo as mãos, inocente.

Balanço a cabeça e pego a mão de Sophie.

— Prepare-se — ela murmura.

— Por quê? — pergunto, me encolhendo.

— Esta loja é enorme. Dá para se perder aqui.

Bo abre a porta para nós dois, e imediatamente entendo o alerta dela. É como se estivéssemos entrando em um mundo diferente, de opulência e adoração por tudo o que é dourado. Paro no centro e olho para cima: o teto é uma cúpula toda feita de vidro colorido. Diversas sacadas indicam a variedade de andares e mercadorias disponíveis para moradores e turistas. Bo segue em frente enquanto eu observo tudo, admirado.

— Uau — solto e me seguro no braço de Sophie para me equilibrar.

É a mesma coisa que sinto quando entro em uma igreja católica. O prédio é magnífico, ainda que completamente exagerado. O estilo art nouveau dá uma atenção enorme aos detalhes. Não me lembro da última vez em que estive na presença de algo tão impressionante. O fascínio me envolve, como se eu estivesse diante de algo que com certeza jamais vou esquecer, e nem quero. É incrível. Diferente de qualquer coisa que eu já tenha visto.

— *Magnifique, n'est-ce pas?* — observa Sophie.

Não posso evitar minha reação carnal. É instantânea. Insana. E direta.

O fogo corre queimando pelo meu corpo. Excitação, luxúria e desejo rugem em meus ouvidos conforme pouso as mãos no rosto dela, pegando-a de surpresa enquanto ela olha para o belo teto de vidro. No momento em que minhas palmas tocam suas bochechas, eu ajo. Nada de pensamentos, só ação.

Deixando as consequências de lado, pressiono os lábios nos dela e a beijo.

Até dissipar sua surpresa.

Até dissipar seus pensamentos.

Até dissipar minha determinação.

Simplesmente a beijo. Por muito tempo. Tanto que seu corpo reage ao meu: seus braços se moldam às minhas costas, seus dedos se cravam em meus ombros por cima do terno. Eu não me importo. Nada importa, só compartilhar este momento com esta linda mulher. Sua boca se abre e eu mergulho a língua, provocando a dela. Ela tem gosto de champanhe e um cheiro divino. Seu aroma de açúcar e especiarias espirala em minha mente, me forçando a exigir mais, a me aprofundar mais. Sophie ofega e se agarra a mim; seu corpo pesa contra meu peito, como se ela se desse inteira neste único beijo.

Eu me afasto a contragosto, mordiscando de leve seu lábio suculento e a deixando firmemente em pé. Seus olhos ainda estão fechados, a boca entreaberta. Com os dedos, acaricio a lateral de seu rosto.

— Volte para mim, *ma chérie* — digo e rio de leve. Por fim ela abre os olhos e pestaneja, como se eu tivesse acabado de despertá-la de um lindo sonho. — Que beijo alucinante. — Pego seu queixo e acaricio seu lábio inchado com o polegar. — Você vai ficar bem?

Ela assente com a cabeça, atordoada.

Não posso deixar de rir de novo.

— Desculpe, eu me deixei levar pelo momento. Uma visão espetacular como essa precisava de um beijo. Sempre recordamos um primeiro beijo, não concorda?

Sophie fica vermelha.

— *Oui*. *Merci.* Vai ser uma ótima lembrança, de fato.

— É disso que estou falando. — Passo o braço em volta dos ombros dela. — Aposto que o Bo foi para a seção dos jeans. — Com o outro braço, gesticulo para a frente.

Ela franze a testa.

— Eu não uso muito jeans.

— Sosso, eu sei de cinco coisas que fazem uma mulher se sentir sexy. Você precisa confiar em mim.

— Sosso? — ela questiona o apelido que acabo de inventar.

Não planejei isso, mas me sinto conectado a esta mulher. À vontade perto dela. Obviamente à vontade o bastante para lhe dar um apelido carinhoso e beijá-la no meio de uma loja de departamentos. Esse não é meu *modus operandi* habitual, só para constar.

Decido me repreender mais tarde pelo beijo, mas não pelo apelido. Definitivamente, ela combina com Sosso.

— Continuando... — digo, ignorando sua pergunta. — Cinco coisas que vão garantir que você se sinta sexy.

— Tudo bem, sr. Ellis, me ilumine. Sou uma aluna interessada.

Interessada é a palavra-chave, mas eu me controlo para me restringir aos negócios.

— Você já conheceu o número um.

— Os sapatos?

Estalo os dedos.

— Bingo! Sapatos de salto. Me diz que você não se sente mais sexy usando estes sapatos. E não minta, você olhou para eles sem parar o dia todo.

— Assim como você. — Ela ergue uma sobrancelha.

Mordo o lábio inferior, querendo beijá-la de novo. A garotinha tímida está virando uma raposa.

— Não vou negar. Você fica sensual, mas o que eu quero saber é: você *se sente* sensual com eles?

Ela franze os lábios e continua andando, me guiando para a escada rolante que leva ao segundo andar.

— *Oui*.

— Ótimo. E o segundo item infalível para fazer uma mulher se sentir sexy é um PB, ou um terninho preto.

Sophie franze a testa.

— PB?

Esqueci a barreira do idioma.

— Pretinho básico.

Ela anui.

— No seu caso, um terninho preto básico. Algo para lhe dar confiança, esconder qualquer insegurança que você possa sentir na sala de reuniões ou quando precisar enfrentar os investidores do seu pai. Bem, agora são os *seus* investidores.

— Eu gostei do terninho.

Por quatro mil euros, quem não gostaria? Claro que não digo isso, porque dinheiro não lhe falta, nem ela deve se sentir mal pelo que sua família ralou para conseguir. Ainda assim, quatro mil é muito dinheiro para gastar em um conjunto de calça e blazer. Algo necessário no mundo em que ela vive, mas difícil de engolir de qualquer forma. No passado, já trabalhamos com algumas clientes ricas, mas nenhuma do calibre ou pedigree de Sophie Rolland. Este trabalho é uma grande tacada para a International Guy e — esperamos — o primeiro passo para chegar ao próximo nível. Se eu não estragar tudo, digamos, beijando a nossa cliente no meio de uma loja de departamentos no coração de Paris.

Como gosto de estar fisicamente conectado a ela, pego sua mão. Dou uma olhada na seção de jeans e vejo Bo escolhendo várias calças, totalmente absorto.

Só espero que ele não tenha visto o beijo.

— Oi, pessoal. Eu peguei estas peças para você experimentar, Sophie. Estilos diferentes para eventos e sapatos diferentes. Tem flare, skinny, mais larguinha e mais reta. — Ele entrega o monte para Sophie e aponta para o provador.

— Obrigada, Bo. Você é realmente bom nisso.

— Só podia ser. Minha mãe foi estilista a vida inteira. Eu aprendi a pregar botão em calça cargo antes de saber acertar uma bola de beisebol — ele explica, dando de ombros. — Único menino, com três irmãs supervaidosas e mãe solteira fashionista. O que eu posso dizer? Está no sangue. — Ele dá uma piscadinha e gesticula para que ela vá em frente.

No momento em que Sophie está fora do alcance da nossa voz, posso jurar que estou de volta ao vestiário da escola, conversando com meus amigos sobre como conseguir um avanço com uma peguete ocasional.

— Beijo de desentupir pia no meio da loja de departamentos? — diz Bo, erguendo as sobrancelhas e sorrindo maliciosamente. — Elegância pura.

Franzo a testa e levo as mãos à cintura, sabendo que ele tem razão. Não foi meu melhor momento. Em vez de discordar dele ou dizer algo ofensivo em defesa própria — porque, na verdade, não tenho nada a dizer —, solto apenas:

— Cala a boca.

Ele ri e me dá um tapinha solidário no ombro.

— Cara, se quiser fazer isso, faça. Mas tome cuidado para não estragar os negócios para todos nós. Você é esperto, faça dar certo. Legal?

Suspiro e corro os dedos pelo cabelo, de repente me sentindo exausto. Passamos sete horas num voo noturno de Boston a Paris, largamos as malas no hotel, nos trocamos e fomos conhecer a cliente. Acho que o jet lag está cobrando seu preço.

— Valeu, cara. Vou resolver isso.

Ele levanta e abaixa as sobrancelhas de um jeito bizarro.

— Aposto que sim — diz, mexendo os quadris em um movimento circular, imitando uma transa.

Eu lhe dou um soco no ombro, e nesse momento Sophie aparece vestindo uma calça jeans da 7 For All Mankind. Meu coração quase para de bater, e meu pau endurece instantaneamente.

— Ah... caramba. — Bo assobia e circunda Sophie, enquanto eu encaro fixamente sua bundinha no jeans de melhor caimento conhecido pela humanidade. Graças aos deuses da marca, que sabem vestir o corpo das mulheres. — Corte slim, perfeito, Sophie. Como esse idiota aqui atrás, os homens vão engolir a língua quando você aparecer com esse par de pernas.

Ela joga o cabelo sobre o ombro e olha para mim através do espelho a sua

frente. Meu olhar está fixo em seu traseiro perfeito.

— *Vous aimez?*

— Amém pra você também. Agora sim! — Inclino a cabeça e inspeciono suas longas pernas. O jeans molda sua bunda e abraça suas coxas e panturrilhas com perfeição. Não existe jeans melhor. Não tem como.

Sophie ri e faz meu coração começar a bater forte no peito.

— Eu perguntei se você gostou, não falei "amém". — Ela ri mais.

— Ah, pode apostar.

Paro atrás dela, passo os dedos em seus quadris e pressiono meu pau duro na carne macia de sua bunda. O loiro-escuro do meu cabelo parece mais claro ao lado do dela, castanho-escuro. O azul dos meus olhos a perfura enquanto observo seu lindo corpo. Aperto os dentes e empurro a virilha contra ela um pouco mais forte.

Ela ofega e respira fundo; seus olhos castanhos escurecem, as pupilas se dilatam. Aperto mais seus quadris, garantindo que ela possa me sentir completamente contra sua bunda.

— Acho que você já percebeu que eu adorei ver o seu corpo dentro desse jeans. — Eu me esfrego superficialmente nela. Sophie solta o ar que devia estar prendendo e lambe os lábios.

Caralho. Agora eu quero beijá-la de novo.

Engulo em seco, afundo os dedos em seus quadris e tento voltar ao assunto. Levando os lábios à sua orelha, espero que ela trave o olhar no meu pelo espelho.

— Agora me diga, doce Sophie. Você se sente sexy com essa calça?

Ela estremece em meus braços.

— Esta é a terceira coisa que eu sei — digo. — Um jeans justo revela todos os seus atributos. E, por Deus, este aqui faz maravilhas com o seu... *patrimônio*. — Deslizo as mãos e aperto cada lado do seu traseiro. Ela arqueia o corpo, projetando os seios para a frente em oferenda.

Se estivéssemos sozinhos no hotel, minhas mãos não estariam só na bunda dela. Uma mão estaria na frente, trabalhando em seu clitóris, e a outra segurando seu seio. Eu desceria a calça por suas longas pernas, faria Sophie se curvar sobre o braço do sofá, a cômoda, a mesa do café da manhã, e a pegaria por trás, forte e rápido. Posso afirmar que ela está pensando nisso também. Ela suspira, pressiona o corpo contra meu pau e morde o lábio inferior.

— Parker, é injusto ter o seu corpo lindo e duro contra o meu, a beleza do seu rosto diante de mim. Mal consigo respirar quando olho para o seu maxilar esculpido e o seu sorriso deslumbrante, e ter você assim tão perto, tudo isso que você é, se esfregando em mim... — Ela balança a cabeça, aturdida.

Sim, a doce Sophie está rapidamente se transformando em outra coisa. Admitir para mim que está excitada é um grande passo. Não que eu não esperasse isso, não sou idiota. Se meus pais não tivessem me agraciado com uma boa genética, eu não seria tão bom no que faço. Fui informado inúmeras vezes de que sou bonito. Independentemente do que se diga, um rosto bem desenhado, músculos definidos — que eu me esforço para manter — e respeito pelo sexo oposto podem nos levar longe na vida.

Eu recuo, instável, e ela dá um passo à frente.

— Acho que é suficiente por hoje. Continuamos amanhã, depois que nos reunirmos com o Royce e a sua equipe, tudo bem? — Fecho as mãos na frente da virilha, porque estou fora de controle.

Sophie Rolland é doce e beija muito bem, tem um corpo esbelto e em forma. E eu estou morrendo de vontade de levá-la para a cama.

Espaço.

Precisamos de espaço, longe um do outro. Espaço para eu controlar minha libido e poder fazer meu trabalho.

— Pode ir se trocar, baby. Nós te esperamos — Bo sugere.

Bo.

Mais uma vez, esqueci que ele estava aqui. Ver Sophie naquela calça, seu corpo implorando para que eu a despisse, esfregar meu pau em sua bunda empinada... Eu me perdi. Eu me perdi totalmente, pela segunda vez, em um lugar público.

Bo sacode sua jaqueta de couro e coloca as mãos nos bolsos.

— Meu amigo, você pirou de vez. Quando foi a última vez que pegou alguém?

— Está falando sério? — rosno.

— Totalmente. Você precisa transar. Eu não te via desse jeito por uma mulher há muito tempo. Desde a época em que você babava pela Kayla McCormick. Aquela vaca de merda. — E faz cara de quem vai vomitar.

— Está mesmo falando da minha ex? Já faz anos, Bo. Anos.

— Sim, anos que eu não via você se descontrolar por causa de mulher.

— Isso não é nada.

— É sim. Talvez não exatamente como a Kayla, mas... acho que as suas bolas vão explodir se você não afogar o ganso, e logo.

Meu corpo pesa; suas palavras me atingem como anilhas de duas toneladas.

— Eu preciso é que você cale a boca. E talvez de uma cerveja gelada, um banho quente e um hambúrguer com batata frita. Que tal você cuidar dessa merda toda pra mim, para eu poder esfriar a cabeça do pau?

Ele ri e tira o celular do bolso.

— Tudo bem, cara, sem problemas. Vamos cuidar de tudo, talvez até achar uma mocinha pra você.

— *Ugh!* Nada de “mocinhas”! — digo, puxando os cabelos e gritando para o teto de vidro.

— Você está bem? — pergunta Sophie, pousando a mão quente em meu antebraço.

Assinto.

— Sim, acho que é o jet lag. Você decidiu sobre a calça?

Ela sorri timidamente e olha para os pés, depois de novo para mim.

— Vou comprar duas do modelo que você gostou, de cores diferentes.

— É isso aí, Sosso. Vamos passar no caixa.

Ela caminha à minha frente, e não posso deixar de olhar para sua bunda — não tão boa no vestido quanto na calça jeans, mas perto disso.

Que merda há de errado comigo?

Sim, eu sei que faz tempo que não transo, mas isso aqui é um comportamento incomum, até mesmo para mim. Sophie é meiga — definitivamente, não é meu tipo usual. Normalmente eu tendo para as garotas que querem diversão. Aquela que vai embora logo após o sexo, ou que me permite fazer o café da manhã e depois cai fora. Aquela que saca as regras do jogo. Esse tipo de garota não é meiga; é uma mulher que sabe o que quer e vai atrás. Geralmente eu sou o sortudo beneficiário de uma mulher sexualmente liberal. Se ela compartilha seu corpo comigo, eu trato bem a ele e a ela. Sem exceções.

O que eu não faço é seduzir clientes com o objetivo de fazê-las enrolar as pernas em volta da minha cintura para que eu possa enterrar meu pau tão fundo que esqueça meu próprio nome. Sophie está fazendo isso comigo, e é uma puta distração.

Talvez Bo esteja certo. Talvez eu precise levá-la para a cama, mas sendo honesto. As mulheres não gostam de ser enganadas. O problema é que a honestidade pode ser um terreno escorregadio. Se você contar muito, elas ficam ofendidas. Se contar pouco, elas se sentem traídas.

Não tenho certeza de qual posição Sophie vai assumir. E essa é a razão exata pela qual eu não vou seguir por esse caminho enquanto não estiver seguro de que ambos estamos cientes do que pode acontecer e que aceitamos isso. Um relacionamento de longa distância, intercontinental, não faz parte dos meus planos. Nunca fez e nunca fará.

Mesmo assim, a atração existe. Eu não sou o único a senti-la. Se eu fosse um homem diferente, poderia ter seguido a doce Sophie até o provador e a possuído encostada na parede. Mas ela merece mais que uma rapidinha; ela merece romance, flores e todas as coisas que não estou pronto para lhe dar.

Bo bate em meu ombro, me fazendo recordar que eu estava em La La Land, perdido em pensamentos.

— Cara, não se preocupa. Tudo vai estar mais claro de manhã. Desde que você não tenha que roer o próprio braço para evitar acordar uma garota, está tudo bem. Beleza? — ele diz, com um sorriso cheio de dentes.

Eu tusso e rio ao mesmo tempo. Ninguém melhor que Bo para lançar um pouco de luz sobre uma situação confusa dos infernos. Ele está certo, amanhã é outro dia. Felicidade é uma escolha. O jeito como vai ser o seu dia é definido no instante em que você sai da cama. E, com Deus por testemunha, vou acordar sozinho amanhã.

Sozinho.

4

Meu nariz está coçando. Agora é o mamilo direito. Espere, alguma coisa está passando, leve como uma pluma, pelo meu peito, abdome e direto para o meu duro...

Abro os olhos e arqueio os quadris em direção à mão quente que envolve minha ereção matinal.

— *Levier et briller*, garanhão. — Uma linda americana de cabelos negros massacra a língua francesa quando tenta dizer “levante-se e brilhe”. Posso não ter fluência no idioma, mas prestei atenção suficiente nas aulas de francês da escola para saber que ela estraçalhou a frase. Não que isso importe, porque a mulher tem os olhos azuis mais claros que eu já vi e um olhar atrevido e sedutor.

— Caramba! — Baixo a cabeça no travesseiro enquanto Olhos Azuis passa as unhas pelo meu peito inteiro e nos pelos da minha virilha. Sua mão diabólica envolve mais forte a base do meu pau e ela cobre a ponta com o céu da boca. — Puta que pariu! — Enrosco os dedos em seus cabelos longos enquanto ela me chupa.

Conforme ela trabalha em meu membro, tento recordar como cheguei a esse apuro bem-vindo. Lembro vagamente de ter concordado em sair com Royce e Bo para jantar e tomar umas cervejas. Eles insistiram que eu ficasse acordado até tarde para me adaptar logo ao fuso horário parisiense e não sofrer tanto com o jet lag. Estupidamente segui o conselho deles, e agora aqui estou eu, sendo sugado por uma mulher cujo nome eu desconheço. Mas não é exatamente a pior situação em que já estive.

Flashes da noite passada se misturam em minha mente como negativos de um filme B pervertido.

Rindo com os rapazes em um bar na rua do hotel.

Cerveja fluindo sem parar.

A deusa de cabelos escuros sentada no meu colo.

Eu a beijando no táxi.

Espremendo suas curvas contra a parede da minha suíte, mãos para todo lado.

Roupas caindo como peças de dominó, se espalhando pelo chão do hotel

enquanto entramos no quarto.

Pegando-a por trás.

Papai e mamãe.

Cavalgada de costas.

— Caralho! — grito enquanto ela aspira meu pau com a boca, me ordenhando. Agora lembro por que a chamei de deusa. É um dos melhores boquetes que eu já recebi.

Minha liberação vem rápida e furiosa. Fodo sua boca como um cavalo selvagem. Ela acompanha, sem nunca perder o controle nem o ritmo, até me fazer gozar, jorrando em sua boca e gemendo alto no quarto. Respiro com dificuldade enquanto tento me recompor.

Quando arranca a última gota de mim, ela ri, limpa os lábios com o polegar e o indicador e desliza pelo meu corpo como uma serpente sexy. Estamos completamente nus. Sua fenda molhada entra em contato com meu abdome, e eu aperto os dentes, tentando evitar outra ereção.

— Não fique duro de novo, não tenho tempo. Tenho uma aula inaugural hoje, e desse jeito vou me atrasar.

— Você faz faculdade? — pergunto. Tenho certeza de que meus olhos se arregalam até ficarem do tamanho de dois pires. Que diabos eu estava pensando? Vou fazer trinta este ano. — Por favor, diz que você tem pelo menos vinte anos.

Olhos Azuis ri.

— Relaxa. Eu tenho vinte e quatro, garanhão. Você me perguntou isso na noite passada, mas obviamente não lembra.

Ela desliza os quadris, acordando a fera mais uma vez. Eu me esfrego nela enquanto ela se inclina e me beija. Eu a agarro e retribuo o beijo, curtindo suas curvas coladas a cada centímetro do meu corpo. Meu Deus, como eu amo as mulheres. Macias, maleáveis e sempre com um cheiro divino. Claro que agora ela tem cheiro de sexo e de mim. Mesmo assim, há notas subjacentes de seu aroma floral que eu inalo profundamente enquanto beijo sua mandíbula até o pescoço, puxando-a para cima a fim de alcançar seus seios exuberantes.

A deusa nua segura minha cabeça, correndo os dedos pelo meu cabelo.

— Tudo bem, talvez mais uma rodada, mas depois cada um segue o seu caminho. Eu tenho um ex-atual nos Estados Unidos.

Sorrio e mordo a ponta escorregadia do seu mamilo.

— E eu tenho um pau duro pronto para fazer você esquecer esse cara por mais uma hora.

Abro as pernas dela e nos faço rolar, então vejo o punhado de embalagens de preservativo descartadas. Segurança em primeiro lugar. Encontro uma fechada e me parabenizo mentalmente por carregar sempre um estoque, antes de pegar o

quadrado de alumínio e rasgá-lo com os dentes.

Olhos Azuis pega o látex e se ajeita para desenrolá-lo em meu membro ansioso, depois passa as pernas em volta dos meus quadris.

— Me dá — balbucia, com um beicinho.

— Primeiro, deusa, qual é o seu nome?

Seus lábios se curvam em um sorriso delicioso.

— Isso importa, já que nós nunca mais vamos nos ver?

Torço a boca e passo a mão por suas curvas maravilhosas enquanto penso em sua pergunta. O pior é que ela está certa.

— Não, acho que não — digo, antes de centrar meu pau em sua fenda e a penetrar.

Seu corpo inteiro se arqueia com um gemido de prazer.

— Ah, isso! Me fode gostoso.

Que tipo de homem eu seria se não desse o que ela quer?



Abro a porta da minha suíte do hotel. A garota de olhos azuis, pernas longas e cabelos sensuais para, pousa a mão no meu peito e me beija. Sua língua se enrosca na minha por longos minutos, até que ela solta um gemidinho e se afasta.

— Você abalou o meu mundo, garanhão. Vou te sentir no meio das pernas a semana toda. Obrigada.

Aperto sua bunda com força.

— Tenha uma boa vida. — E lhe dou um selinho.

— Você também — diz ela, dando uma piscadinha e indo em direção ao elevador.

Eu me apoio no batente da porta, por fim me sentindo eu mesmo. Bo estava certo. Eu precisava transar, assim como agora preciso de um galão de água.

Alguém limpa a garganta no corredor. É Royce, sua grande forma se elevando ao lado da mulher que o acompanha.

Nossa cliente.

Sophie.

Eu me encolho, de repente assustado, e todo o meu corpo se enrijece. Uma reação louca, porque não fiz nada de errado. No entanto, uma sensação desconfortável de repugnância corre pela minha coluna, descansando em algum lugar entre o coração e meu estúpido pau errante.

Ontem eu beijei Sophie no meio de uma loja de departamentos, apalpei sua bunda e deixei clara minha atração por ela. Na manhã seguinte, ela me flagra na

porta do meu quarto de hotel beijando uma desconhecida que peguei num bar.

Eu sou um idiota.

— Oi, gente. Estou quase pronto. Entrem — aceno para eles, evitando contato visual com Sophie a todo custo.

Royce e Sophie entram. Ele está usando um terno estiloso. Esse sabe vestir um terno. Como Sophie, ele gasta uma nota com roupas, geralmente Armani ou Tom Ford. Eu prefiro variedade em meu guarda-roupa e um bom alfaiate. Visual de hoje: calça de sarja, blazer esportivo da Ralph Lauren cinza-chumbo com estampa xadrez miúda e gravata listrada amarela e azul Ermenegildo Zegna sobre uma camisa branca. Sem abotoaduras. Royce é o único cara que eu conheço que sempre usa abotoaduras. Hoje ele está com as suas favoritas, de ônix, combinando com seu onipresente e estupidamente caro relógio Breitling, de seis mil dólares.

Ajeito o blazer e fecho o único botão.

— Alguém quer café? — pergunto, apontando para a bebida que fiz para mim e Olhos Azuis.

Este é o momento em que me permito fazer contato visual com Sophie... e ela está linda. Absolutamente estonteante. Vestindo um dos novos conjuntos de saia e blusa que Bo escolheu, ela parece poderosa, pronta para enfrentar o mundo. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo frouxo, fazendo o pescoço parecer delicado como o de um cisne. Nos pés, um par de Louboutins de bico arredondado, com a característica sola vermelha e pelo menos dez centímetros de salto. Meu pau notaria se já não tivesse sido chupado e fodido e agora não precisasse de um bom descanso. Mas meu coração e minha mente estão plenamente informados de como a nossa cliente está florescendo diante dos meus olhos.

— Você está incrível, Sophie — digo baixinho e sorrio, esperando não ter arruinado uma amizade ou nossa nova relação comercial.

Suas bochechas ficam rosadas.

— *Merci*. Tenho que agradecer a você e ao Bo, é claro. — Seus olhos encontram os meus por uma fração de segundo antes de ela os desviar e olhar para baixo.

Meu coração se aperta ao vê-la incapaz de olhar para mim por mais que alguns segundos. Como um cachorro com o rabo entre as pernas, dou alguns passos e olho por cima do ombro dela para onde Roy está se servindo de uma xícara de café, me certificando de que ele não escute. Os lábios de Sophie se apertam quanto mais eu me aproximo.

— Sosso, desculpe pelo que você viu. Eu bebi um pouco demais ontem à noite...

Ela me corta rápido.

— Você não me deve nenhuma explicação. — Suas palavras são um sussurro, mas carregam uma sinceridade que eu não esperava. Não sei dizer se ela está brava e disfarçando, se fazendo de bem resolvida, ou se realmente não se importa com o que viu.

Diante dos meus olhos, ela se apruma, ergue o queixo e se aproxima.

— Parker, eu não espero nada de você. Se escolhermos ceder à nossa atração, ambos devemos começar sabendo que vai durar pouco. Você mora nos Estados Unidos, e eu nunca vou me mudar da França. Tenho uma empresa para dirigir, você tem o seu negócio para cuidar. Isso é muito mais importante que... — Ela faz um gesto entre nós dois. — Como vocês, americanos, dizem? Uma *ligeirinha*?

Inclino a cabeça para trás e dou risada, muita. Não posso evitar.

— Uma rapidinha. Sim, eu compreendo. Fico feliz por você não estar...

— *Possuída?* — ela completa, confundindo os coloquialismos mais uma vez.

— Possessa. Possuída você seria se a gente desse uma rapidinha — brinco.

Ela ri alto. É a primeira vez que a vejo se soltar. Sophie ilumina tudo ao redor quando ri. Um dia ela vai fazer o homem certo muito feliz. Mas esse homem não sou eu. Embora eu não possa dizer que não sinto uma atração inegável por ela.

— Então está tudo bem? De verdade? — quero confirmar.

— *Oui*. Mas vou permitir que você pague o jantar para me compensar.

Seguro o riso, cobrindo a boca com o punho.

— Interesseira — provoco e balanço a cabeça, me sentindo mais leve agora.

Ela franze a testa.

— Os americanos falam de um jeito engraçado.

Passo o braço em volta dos ombros dela.

— Você não faz ideia. Mas fique comigo, criança, e vai dar tudo certo — digo.

— É o que eu pretendo, sr. Ellis.

Ela dá um tapinha amigável e solidário no meu abdome, e uma forte onda de alívio me percorre, me revestindo com a felicidade de um novo dia. Eu sabia que, quando acordasse hoje, seria épico. Comecei o dia com o pau na boca de uma deusa e vou terminá-lo jantando com uma doce herdeira.

A vida, definitivamente, sempre dá um jeito de equilibrar as coisas.

Royce junta as palmas e as esfrega.

— Preparados para falar de negócios? — Sorri. — Eu estou pronto para sujar as mãos com as suas finanças e propriedades.

— A limusine está esperando. O Bo vai conosco? — pergunta Sophie.

Royce pega o braço dela e apoia a mão delicada na dobra de seu cotovelo.

— Não, meu doce, dinheiro é comigo. O Bo não saberia o que fazer nem com

o capital dele se eu não o ajudasse. Além disso, ele tem companhia esta manhã. — Ele sorri e ergue as sobrancelhas para mim.

O que Royce quer dizer é que Bo gosta de dormir até tarde e, quando tem companhia feminina, não sai do quarto antes da hora do almoço.

— O Park e eu vamos tratar do aspecto comercial da coisa — confirma Royce. — O Bo vai estar de volta...

— Amanhã, para cuidar do seu cabelo e das aulas de maquiagem — acrescento, completando o plano.

— Não vejo a hora — diz Sophie, sorrindo.

Roy dá um tapinha na mão dela.

— Essa é a atitude certa.



— Sophie, veja isto — diz Royce, colocando uma pasta cheia de planilhas, gráficos e números na mesa diante dela.

Eu bocejo e me recosto no sofá, respondendo a e-mails e mantendo os ouvidos atentos ao que eles estão fazendo.

Royce aponta para uns números.

— Esta é a análise de custo-benefício dos seus três últimos produtos novos. Está vendo este aqui? — pergunta, batendo o dedo no papel. — O desempenho não é o que deveria. — Ele pega outra pasta. — E aqui está o plano de marketing para esse produto. A equipe está falhando em inovação, planejamento e acompanhamento. O seu pai reservou uma verba alta porque esse perfume tem potencial para ser o próximo mais vendido. É o produto perfeito.

— Sim, eu sei. Mas não faz sentido. É uma linha de perfumes que atravessa gerações, ideal para adolescentes, mães e avós.

Royce anui e ajusta os óculos sem armação, finos e elegantes, antes de lhe entregar uma folha de papel com os olhos duros como aço.

— Veja este conceito criado por uma das suas estagiárias.

— Uma estagiária? — Ela franze a testa e pega o documento, analisando-o rapidamente. — Os estagiários costumam passar suas ideias para o líder da equipe. Se o líder gostar, o estagiário começa a trabalhar no plano, como parte do lançamento oficial do produto. É uma maneira de incentivar o potencial dos mais jovens. O meu pai defendia o aproveitamento de todos os recursos, especialmente os inovadores. Por que isso não foi implementado? O conceito é brilhante — ela diz, apertando os lábios.

Royce assente e cruza os braços.

— Eu verifiquei, e esse mesmo gerente apresentou o trabalho da estagiária,

mas pôs o nome dele no projeto. Essa estagiária específica é responsável pelo sucesso dos dois últimos produtos. Mas está recebendo reconhecimento zero e tem três advertências disciplinares na ficha dela, do mesmo supervisor. Eu acho que você precisa conversar com ela. Não só parece que ela tem as melhores ideias de todo o departamento de marketing como os dois últimos conceitos que ela criou são o motivo pelo qual você está ganhando dinheiro com os outros produtos. Por alguma razão, a última ideia dela não foi posta em prática, e toda a linha de produtos está fracassando.

Sophie franze a testa, pega o telefone e aperta um botão.

— Stephanie, por favor, mande Christine Benoit, do departamento de marketing, vir até a minha sala imediatamente. *Merci*.

Sorrio ao reconhecer que ela está fazendo um esforço evidente para falar tudo em inglês, para nosso benefício.

Roy se inclina para a frente.

— Acho que você vai acabar tendo que falar com um dos membros do conselho também. O gerente de marketing é filho de Louis Girard.

A expressão de Sophie é de desdém.

— Esse membro do conselho só traz problemas para a minha família desde que começou a investir na empresa — diz ela. — Meu pai contratou o Enzo, filho dele, por consideração. E agora parece que o tiro está saindo pela culatra.

Ela suspira, apoiando a cabeça na mão e o cotovelo na mesa. A julgar pelo seu olhar vidrado e distante, posso dizer que ela está pensando na melhor maneira de sair dessa situação.

Royce folheia mais documentos e franze a testa.

— Bom, a coisa ainda se complica. Eu verifiquei o arquivo pessoal do Enzo, e ele tem sete queixas de mulheres diferentes por abordagens sexuais inapropriadas. Mas recebeu só um aviso do chefe do departamento pessoal a cada ocorrência. Parece que o sr. Moreau está protegendo o sujeito. E bastante, com base no que estou vendo. Qual é a política da empresa para assédio sexual?

— Muito rigorosa. Primeiro um aviso, depois uma advertência disciplinar oficial e, se acontecer uma terceira vez, demissão.

— E ele recebeu sete avisos nos últimos dois anos. Sophie, esse sujeito é encrenca — diz Royce, entregando o arquivo pessoal que estava lendo.

— *Oui*. *Beaucoup d’emmerde en effet.*

Procuro em meu vocabulário de francês da escola. Ela disse algo sobre problemas.

— Parece que você sabe o que vai ter que fazer — comento.

Sophie bate o dedo no lábio inferior e diz:

— Não é tão simples destruí-lo.

Sorrio.

— Sosso, acho que você quer dizer acabar com ele, ou demiti-lo.

— *Oui*. Isso.

— Por quê?

Royce interrompe:

— Esse sujeito recebeu sete avisos, mas imagine quantas funcionárias deixaram de contar ao RH sobre esse tipo de experiência. Eu aposto o meu Breitling que uma horda de mulheres nesta empresa já sofreu com o comportamento desprezível dele, mas não disse nada por medo.

Ela inspira longa e pausadamente.

— O pai dele faz parte do conselho e é bem eloquente — diz. — Vou ter que descobrir a melhor maneira de lidar com isso.

Eu me levanto e fico atrás dela. Pouso as mãos em seus ombros e os massageio até que ela se solta e a tensão que vejo macular seu rosto desaparece.

O telefone toca, e ouvimos a voz de sua assistente:

— A srta. Benoit está esperando.

— Mande-a entrar — diz Sophie.

Eu volto para o sofá. Royce continua a vasculhar as finanças e os arquivos de Sophie enquanto ela se posiciona para receber sua funcionária na porta.

Uma jovem tímida entra. Ela é uma fada, minúscula e linda. Seu cabelo está trançado nas costas, e a ponta lhe chega à bunda. Usa uma bela calça azul-marinho de cintura alta e um blazer branco. Beleza simples.

Sophie estende a mão.

— É um prazer conhecê-la, srta. Benoit. Sou Sophie Rolland. — Ela se dirige à moça em inglês, o que eu agradeço. — Estes são o sr. Ellis e o sr. Sterling, de uma consultoria americana que eu contratei. Eles vão participar da nossa conversa.

A estagiária segue o exemplo da chefe, falando em inglês perfeito e se sentando na frente dela.

— Prazer. Posso perguntar do que se trata? Devo dizer que fiquei surpresa ao ser chamada à sala da presidente. — Ela balança uma das pernas sob a cadeira, o nervosismo tomando conta.

Isso me lembra de como me senti quando fui chamado à sala do diretor, no ensino fundamental. Só que eu fui parar lá por ter olhado debaixo da saia de uma colega de classe. Acho que, na época, eu já estava ansioso para descobrir as diferenças entre meninos e meninas.

— Srta. Benoit, pelo que eu sei, você encaminha seus planos de marketing para o líder da sua equipe, o sr. Girard.

A mandíbula da estagiária se contrai visivelmente, e ela aperta os lábios.

— Sim.

— E dois dos seus planos ajudaram imensamente a linha de produtos — continua Sophie, direta e profissionalmente.

— Você sabe que eram meus? — Christine pergunta, chocada, arregalando os olhos.

— Graças aos esforços do meu consultor — diz Sophie, indicando Royce.

Ele pisca para a cliente, galanteador. Eu contenho uma careta. Ele não está interessado em Sophie, não é o tipo dele. Roy gosta de mulheres de bunda grande e seios que não caibam na mão. Brancas, negras, hispânicas, asiáticas, indígenas — a etnia não interessa para Roy, só as curvas.

Christine contorce as mãos, e Sophie nota o movimento.

— Eu também sei que esse mesmo gerente está pegando as suas ideias e apresentando como se fossem dele, além de ter tido um comportamento sexual inadequado com você.

A funcionária tosse e desvia os olhos, e uma carranca pesada contorce seu lindo rosto.

— Pode falar livremente comigo, srta. Benoit. Eu não sou meu pai e não me atenho a antigas amizades.

— Bom, do jeito que você está dizendo, parece que foi só uma vez.

— Não foi? — pergunta Sophie, franzindo a testa e estreitando os olhos.

Christine endireita a coluna e aperta as mãos com tanta força que consigo ver os nós de seus dedos ficarem brancos.

— Ele tentou mais vezes do que eu posso contar nos dedos. Uma vez eu tive que dar uma joelhada nos genitais dele, quando ele me encurralou tarde da noite, depois do horário de expediente.

Sophie empalidece, e de seus lábios sai um grunhido contrariado.

— Ele pôs as mãos em você?

Christine assente e olha para o outro lado.

— Tocou em você mais de uma vez?

Outro aceno de cabeça.

— Onde exatamente? — As palavras de Sophie saem calmas e serenas, mas, pelo comportamento dela e pelo jeito como aperta as mãos em punhos, posso dizer que ela está tudo menos relaxada.

Christine engole em seco, olha para mim e depois para Royce.

— Você se sentiria mais confortável se nós saíssemos? — pergunto, me levantando do sofá.

Ela balança a cabeça.

— Não, só estou... envergonhada.

— Não há do que se envergonhar. Nós estamos aqui para ajudar, mas

precisamos saber tudo para montar um caso sólido contra ele. O pai dele faz parte do conselho de diretores.

Christine ofega.

— Eu sei. Por isso eu sabia que nunca aconteceria nada com ele, mesmo eu tendo contado para o sr. Moreau todas as vezes que ele me passou uma cantada ou me bolinou.

— Bolinou? — Royce repete, rangendo os dentes.

Ah, merda. Uma coisa que não se faz perto de Royce é tocar uma mulher de um jeito que ela não permita. A mãe dele sofreu violência doméstica, e ele odeia ver mulheres sendo fisicamente atacadas ou tocadas sem consentimento.

— Roy... — alerto.

— Christine... — Sophie usa o primeiro nome da estagiária pela primeira vez. Esperta: entra em um nível mais pessoal com ela. — Como foi que ele tocou você?

A moça engole em seco e passa a mão de modo genérico pela área do peito.

— Aqui. E já perdi a conta de quantas vezes ele passou a mão no meu traseiro. A pior vez foi quando ele me encurralou, como eu disse, mas eu resolvi com a joelhada.

— E você contou tudo isso ao sr. Moreau?

— Todas as vezes.

— Christine. — Sophie se levanta abruptamente e a funcionária a acompanha. — Obrigada pelo seu tempo e pela honestidade. O seu comprometimento com a empresa e as suas ideias inovadoras não passaram despercebidos. Nas próximas duas semanas você vai receber uma proposta formal para fazer parte definitivamente da nossa equipe. Preciso de um pouco mais de tempo para me inteirar de tudo, considerando a situação — diz Sophie, referindo-se ao falecimento recente de seu pai.

— *Merci, merci, madame*. Eu nunca sonhei em...

— Nunca deixe de sonhar — interrompe Sophie, com um sorriso. — O RH vai entrar em contato em breve para falar sobre o seu cargo, salário e benefícios.

— Obrigada. *Merci!* — Christine se levanta e sai da sala com um sorriso brilhante no rosto.

— Bom trabalho — digo, já ao lado de Sophie, pegando a mão dela e beijando seus dedos. — Estou orgulhoso de você.

— Sim, você se portou como a mulher no comando — acrescenta Royce.

— Obrigada, senhores. — Ela dá um tapinha na minha mão. — Obviamente, eu tenho muito mais trabalho a fazer.

Seu rosto é uma máscara de determinação feroz. Ela pega o telefone:

— Stephanie, mande o sr. Moreau à minha sala em trinta minutos. Meia hora

depois disso, quero o sr. Girard esperando.

Sorrio.

— Ponha os dois no devido lugar!

— Acabe com eles! — conclui Royce.

Sophie apoia as mãos na cintura, parecendo muito uma super-heroína. Ela está animada, e eu adoro vê-la se transformar em si mesma a cada segundo, diante dos nossos olhos.

5

— Sr. Moreau, por favor, sente-se. — Sophie gesticula para o sofá diante da cadeira atrás da qual ela está parada.

Se eu tivesse de adivinhar, diria que o homem tem cinquenta e poucos anos. Está vestido para impressionar, de terno, cabelo bem curto e arrumado, óculos sem aro e sapatos caros que brilham como uma moeda recém-fabricada.

Ele desabotoa o paletó, senta no sofá, cruza uma perna sobre o joelho e descansa a mão em cima dela. A linguagem corporal cheia de si faria presumir que ele é o rei do castelo.

— A que devo o prazer, *ma chérie* Sophie?

Sinto um calafrio diante do termo carinhoso. Sophie não mencionou que é próxima do diretor de RH, nem reagiu como se tivesse ficado triste com o que descobrimos. Ela ficou brava com a notícia, furiosa até. Observo-a enquanto ela estreita os olhos e pousa as mãos no encosto da cadeira diante de Moreau. Ela mantém uma posição de poder, permanecendo mais alta enquanto ele está sentado. Boa menina.

Nos últimos trinta minutos, Royce e eu a treinamos sobre como lidar com a situação quando se trata de um funcionário de alto escalão, e sobre as opções que ela teria. Falamos de como ele poderia responder, quais eram as escolhas de Sophie e como poderiam afetar a ela e à firma. Também confirmamos as políticas da empresa e discutimos a melhor maneira de lidar com um canalha como Enzo Girard. Quando terminamos, ela firmou o queixo, endireitou a coluna e disse que estava pronta.

Enquanto observo do sofá no outro lado da sala, posso ver que ela está mesmo pronta.

— Eu não sou sua *querida*. Dirija-se a mim como srta. Rolland.

O homem se eriça e se endireita.

— Por favor, desculpe se me excedi.

— Sim, você se excedeu — diz ela, direta.

Sinto vontade de aplaudi-la, mas fico em silêncio enquanto ela dá ao sujeito o que ele merece.

— Me perdoe — ele pede, apertando o maxilar, como se fosse doloroso

pronunciar essas palavras.

Ela assente.

— Eu o chamei aqui hoje porque chegou ao meu conhecimento que um dos nossos funcionários recebeu não uma nem duas, mas sete queixas diferentes por assédio sexual.

Ele franze a testa.

— Não é possível. Ele teria sido demitido depois de três.

Sophie franze os lábios e caminha até sua mesa, onde está o arquivo de Girard, então o entrega a Moreau, cuja boca retorcida mostra sua irritação por ser confrontado.

— Ele é filho de um dos nossos mais estimados membros do conselho — o homem justifica. — Presumi que o seu pai, e agora você, perdoaria o comportamento do sr. Girard devido à posição dele na empresa.

Sophie inclina a cabeça para trás e ri. Moreau fica vermelho e faz uma careta.

— Você acha isso engraçado?

Ela retorna a cabeça à posição original e uma mulher feroz e justa surge diante de nós.

— O sr. Girard tem sete queixas contra ele. *Sete.*

— Mas não da mesma mulher. Eu tomei a liberdade de considerar esse fato. Depois de cada aviso que ele recebeu, nenhuma delas se queixou de novo, exceto a srta. Benoit. O sr. Girard talvez goste de olhar e tenha certa propensão à grosseria. Deve ser punido por isso, ou receber uma lição? — diz ele, achando divertido.

— Você está justificando a atitude dele? — ela dispara de volta.

Ponto para Sophie.

Caramba, esse cara é um boçal. Escrotos feito ele queimam a imagem de homens em posição de poder. Como alguém que dirige uma empresa e ama e respeita as mulheres, eu gostaria de levá-lo a um beco escuro e lhe mostrar o que um homem de verdade pensa de sua moral e suas filosofias, dar a esse lixo uma lição que ele não esqueceria tão cedo.

Moreau tosse e se levanta.

— Não é meu trabalho proteger a empresa de um escândalo? Não creio que um delito valha a reação que certamente viria do pai do sr. Girard.

Errado. Uma acusação de assédio pode acabar com a empresa.

— Isso não é decisão sua. Você, sr. Moreau, deveria fazer o seu trabalho! — Sophie eleva a voz, mas sem gritar.

Ela é muito incrível.

— Eu fiz o meu trabalho.

— Dando ao sr. Girard permissão tácita para assediar de maneira implacável

as mulheres desta empresa? E uma mulher em particular, que declarou ter sido assediada e *bolinada* várias vezes. E nada disso está registrado na ficha de Girard.

Ele se agita e contorna a mesa em direção a Sophie. Royce se aproxima dela sem dizer uma palavra, de braços cruzados. Ele é muito imponente. Quando um homem robusto de mais de um metro e noventa o olha de cima e você tem quase trinta centímetros a menos — além de ser mirrado em comparação com o corpo sarado de Royce —, você recua. E depressa.

Moreau caminha em outra direção e eu relaxo no sofá, mas não tiro os olhos dele.

— Você deixou repetidamente de denunciar casos de assédio sexual — continua Sophie.

— Se está se referindo à estagiária, srta. Benoit, ela provocou. Ele me explicou tudo. Disse que ela estava sempre flertando e lhe dando bola, e depois se fazia de ofendida quando ele reagia.

Merda pura. Ele está jogando verde, e eu fico arrepiado de pensar que um homem como este é o diretor de RH.

— Você conversou com ela? Veja bem o que vai dizer, porque eu já falei com a srta. Benoit — prossegue Sophie, enquanto meu desprezo por esse dinossauro aumenta cem pontos.

Ele arregala os olhos momentaneamente, mas logo põe uma máscara sem emoção no lugar.

— Sim, eu conversei com ela em várias ocasiões. Expliquei que era só um mal-entendido. Além disso, ela nem é uma funcionária efetivada. Em quem nós devemos acreditar: no filho de um membro do conselho, que trabalha aqui há alguns anos, ou na estagiária imatura que acabou de sair da faculdade? Eu acho que a resposta é óbvia — ele conclui, fazendo um movimento depreciativo com a mão. — E o seu pai também pensaria assim.

— Você levou essa situação ao meu pai quando ele era vivo? Isso vem acontecendo há dois anos, com base na data das queixas.

Moreau franze a testa, ergue a cabeça e enche o peito, em uma demonstração de bravata.

— Não foi necessário. O seu pai me permitia atuar como bem entendesse. Eu sabia como ele teria lidado com a situação, e fiz exatamente como ele teria feito.

— Você está errado. Foi o meu pai quem criou a política da empresa contra assédio sexual. Ele só teve uma filha, uma *mulher*. Nunca ia querer que eu fosse assediada no meu local de trabalho, e não suportaria, em absoluto, que qualquer mulher fosse tratada como objeto, especialmente na empresa dele. Ele respeitava as mulheres, todas elas. Tratava cada um dos funcionários com gratidão e

respeito pelo trabalho que faziam, independente do gênero.

É isso aí. Minha vontade é fazer um high-five com Sophie. Olho para Roy, e só pelo seu sorrisinho sei que ele também está orgulhoso dela.

— O que você quer que eu diga, *ma chérie*? Estamos em um impasse, e o seu pai não está mais aqui para resolver esse desacordo.

É aí que vejo a empresária poderosa subir à superfície. É lindo ver como Sophie fica ereta, firma a mandíbula e ergue a cabeça.

— É a segunda vez que você me chama de *ma chérie*. Eu não sou sua querida, sou sua chefe. Sou dona desta empresa e responsável por todas as pessoas aqui dentro. Isso significa que, quando alguém não faz o próprio trabalho seguindo as políticas que nós estabelecemos para manter as pessoas seguras, decisões difíceis devem ser tomadas. E, como tal, lamento informar, sr. Moreau, que você está dispensado do seu cargo no Grupo Rolland.

O homem dá alguns passos para trás e leva a mão ao abdome, como se tivesse perdido o fôlego. Provavelmente perdeu, depois desse soco no estômago.

— Você não pode estar falando sério.

— Mas estou, sr. Moreau. Sua demissão entra em vigor imediatamente. Sua indenização será paga nas próximas quarenta e oito horas.

Royce se aproxima e pousa a mão no bíceps do homem.

— Eu o acompanho para recolher seus pertences pessoais — diz com voz de trovão, profunda e definitiva.

— Isso é um absurdo! Eu trabalho nesta empresa há vinte anos. Fui contratado pessoalmente pelo seu pai. Você não pode fazer isso comigo!

Sophie cruza os braços.

— Na verdade, não só posso como fiz. Por favor, não dificulte as coisas fazendo um escândalo. O sr. Sterling o acompanhará até sua sala, onde você poderá recolher suas coisas e sair. A indenização devida lhe será paga. Obrigada pelos seus anos de serviço. Passar bem, sr. Moreau.

— Você vai se arrepender dessa decisão! Eu vou garantir isso! — ele grita enquanto Roy o leva até a porta.

— Duvido muito — Sophie retruca e sorri docemente.

É como levar um soco na cara de uma princesa da Disney.

— Vamos, ande logo ou eu te arrasto. Não vai querer que eu amasse o meu terno, vai? — A voz de Roy parece o grunhido de uma pantera. — Se isso acontecer, você vai se arrepender. — Ele empurra o homem irado para fora e fecha a porta.

Sophie puxa uma enorme quantidade de ar e deixa os ombros caírem, e vejo seu rosto se contrair enquanto as lágrimas rolam por suas bochechas. Eu a abraço, acariciando seus cabelos.

— Você foi fantástica, doce Sophie. Surpreendente. Estou orgulhoso de você.

Ela soluça em minha camisa, trêmula.

— E-Está m-mesmo?

Assinto e beijo sua têmpora, deixando os lábios ali para que ela possa sentir minhas palavras, além de ouvi-las:

— Sim, muito orgulhoso. Você cuidou da situação, defendeu o que era certo e mostrou como quer que as coisas funcionem. E então aplicou a política da empresa. Tudo você, Sosso.

Ela trava os braços ao redor da minha cintura enquanto apoia a cabeça em meu peito. Tão quente e pequena em meus braços... Eu poderia abraçá-la por um século, fazer qualquer coisa para protegê-la do mal. Em pouco tempo eu me afeiçoei a Sophie, e juro que não posso explicar por quê.

— Realmente não havia outra saída para ele — digo, e quero que isso cale fundo nela. — Ele não merecia ficar. Quebrou as regras da empresa e protegeu um homem que estava assediando mulheres. Durante anos. Isso nunca é certo. Você fez o que devia. Sente que fez o que devia, Sophie? — Eu preciso saber como está sua cabeça.

— Sim. Mas foi difícil. Eu nunca demiti ninguém antes.

Passo as mãos pelos fios de cabelo que escapam de seu rabo de cavalo. São macios, sedosos, exatamente como devem ser sob os dedos de um homem.

— Você vai ter que fazer um monte de coisas de que não gosta para administrar uma empresa deste tamanho. Tem milhares de funcionários a levar em conta nas decisões que tomar, cada um com vida, casa, contas para pagar. E eles precisam vir trabalhar e se sentir seguros. Você garantiu isso a eles hoje. Agora, só tem que lidar com o sr. Girard.

— A Stephanie me mandou uma mensagem agora há pouco dizendo que ele ligou para avisar que não vem trabalhar hoje porque está doente. Isso vai ter que esperar.

— Melhor. Você precisa de um tempo para processar tudo. Que tal eu te levar para jantar, como prometi?

Sophie encosta o queixo em meu esterno, com os lindos olhos castanhos vidrados e tristes. Acaricio seu rosto e enxugo suas lágrimas com os polegares.

— Vai ficar tudo bem. As coisas vão ficar mais fáceis com o tempo.

— Obrigada. Por estar aqui e por me ensinar a fazer essas coisas.

Contra todo o meu bom senso, eu me inclino e pouso os lábios nos dela. Esta é a segunda mulher que beijo hoje.

O que há de errado comigo?

Eu me afasto antes que o desejo de aprofundar o beijo me domine.

— Jantar?

Sophie abre um sorrisinho.

— Sim, jantar. E vinho. Muito, muito vinho.



— Quando você disse que me levaria para jantar, eu não fazia ideia de que seria no mundialmente famoso Jules Verne, na Torre Eiffel — diz Sophie, apertando minha mão enquanto o atendente nos guia por uma entrada oculta para os clientes dos restaurantes.

Estamos no ventre da fera, cercados por abundantes barras de ferro e rebites enquanto esperamos nossa vez de entrar no elevador particular que leva lentamente do nível térreo a cento e quinze metros acima, onde fica o restaurante.

— Por aqui, *messieurs-dames*. — O atendente, elegantemente vestido com um terno preto, gesticula, indicando o elevador aberto.

É compacto e aconchegante, com a parte de trás envidraçada. O sol está se pondo no horizonte enquanto subimos no monumento mais emblemático do país.

— É incrível! — Sophie suspira, encostando-se em mim.

Franzo a testa.

— Você nunca tinha vindo à Torre Eiffel?

— Não, eu já vim, mas era criança. Viemos em uma excursão com a escola e, claro, sempre vejo de baixo quando passo por aqui, mas nunca subi depois de adulta.

Passo o braço em volta da cintura dela.

— Fico feliz por estarmos fazendo isso juntos.

— Mais lembranças de uma primeira vez?

Ela lembrou...

— Sim. E com uma linda mulher ao meu lado, que eu nunca vou esquecer.

— Então devíamos nos beijar, não? — Ela se vira, encosta o peito no meu e passa os braços em volta do meu pescoço. — Primeiras vezes devem ser sempre marcadas com um beijo.

Eu me inclino e pouso a mão em sua bochecha macia. Ela se ergue na ponta dos pés, levando os lábios a poucos centímetros dos meus.

— Não pense. Simplesmente faça — diz.

Não precisa falar duas vezes. Grudo os lábios nos dela, em um beijo lento e profundo. Ela abre a boca, me convidando a entrar. Eu aceito o convite, lambendo fundo, devorando-a. Seu aroma de açúcar e especiarias gira ao meu redor, me levando ao paraíso. Sua língua dança com a minha quando viro a cabeça para a esquerda, depois para a direita, indo mais fundo, querendo mais.

Nosso beijo esquenta, os corpos pressionados um contra o outro, tentando se aproximar. Preciso sentir pele... a pele dela.

Desço a mão do seu rosto ao pescoço e cubro seu seio sobre a seda do vestido, então desço mais até encontrar a bainha. Logo estou com a mão na cinta-liga de veludo na coxa de Sophie. Empurro-a contra o vidro e me esfrego nela enquanto sugo sua língua.

Ela geme em minha boca assim que o elevador para e a campainha toca, anunciando que chegamos ao nosso destino. Preciso fazer um grande esforço para abandonar sua boca e seu corpo, mas me afasto e ela desliza as mãos pelo vestido, ficando apresentável mais uma vez. É tão fácil para as mulheres. Elas podem simplesmente respirar fundo e disfarçar o desejo e a atração. Não ficam com um taco de hóquei no meio da calça quando estão excitadas. As faces coradas podem ser explicadas pelo calor ou pelos hormônios. Os homens não podem fazer o mesmo quando têm uma ereção do tamanho da maldita torre. Abotoo o paletó sobre meu membro e a guio à minha frente enquanto a atendente pega nosso nome e procura a reserva que fiz hoje de manhã, quando chegamos ao Grupo Rolland. Tive sorte de conseguir a reserva, que aparentemente é mais fácil no meio da semana, se você estiver disposto a gastar centenas de euros pelo menu degustação.

Sentamos a uma mesa perfeita para duas pessoas, ao lado das janelas que vão do chão ao teto e nos dão uma vista espetacular de Paris ao anoitecer.

— Sabia que é o chef Hugues de Saint Vincent que vai preparar a nossa refeição? Ele é um gênio da gastronomia. — Sophie abre um sorriso largo. E eu prometo fazer mais coisas para pôr esse sorriso em seu rosto.

— É mesmo?

— *Oui*. Meu pai dizia coisas incríveis sobre o chef. Ele vinha muito aqui quando eu estava na universidade. Ele amava a França e qualquer coisa tradicionalmente francesa. Prometeu que me traria aqui um dia depois do meu retorno. Infelizmente, não era para ser. — Ela olha pela janela, e uma expressão triste toma o lugar da alegria anterior.

— Então vamos brindar ao sr. Rolland e fazer uma refeição esplêndida em homenagem a ele — digo, pousando a mão sobre a dela na mesa.

Sophie assente e sorri.

— Vai ser ótimo — diz.

O sommelier nos oferece o primeiro dos seis vinhos que acompanharão nossos pratos esta noite. É um branco revigorante com um nome francês complexo, cujo gosto é parecido com o sauvignon blanc neozelandês.

Degustamos o vinho apreciando a vista enquanto o céu se ilumina de rosa e púrpura, que vão escurecendo. Luzes por toda a cidade começam a piscar em

castelos distantes e casinhas geminadas, como vaga-lumes nas planícies verdes de Massachusetts, meu lar.

Chegam o segundo vinho e a entrada, um sargo com molho de azedinha. No instante em que Sophie dá a primeira garfada, ela geme e meu pau percebe, se agitando mais uma vez. Ele deveria estar satisfeito depois de toda a diversão com Olhos Azuis, mas Sophie me faz reagir — assim como a ele. Ajeito a calça, tentando encontrar um pouco mais de espaço, certificando-me de que a toalha de mesa branca esconda qualquer coisa vulgar que possa aparecer.

— Me fale de você, Sosso. Como é ser uma herdeira francesa?

Ela toma um gole de vinho e faz um biquinho.

— Não é tão interessante quanto você imagina. Passei os últimos seis anos na universidade, fazendo a graduação e depois o mestrado em administração. Antes disso, meus dias eram cheios de atividades da escola e de cursos, como idiomas e piano. Meu pai era rigoroso quanto a saber falar fluentemente as principais línguas usadas no mundo dos negócios.

— É mesmo? Quantas línguas você fala?

Ela levanta a mão.

— Inglês, obviamente. — E ergue um dedo. — Italiano, espanhol, alemão e um pouco de japonês. Acho difícil entender as línguas asiáticas.

Pisco, abobado.

— Você fala cinco idiomas?

— Quase seis, se você contar o francês. E um dia vou ter melhor domínio do japonês.

— Sophie, você é mesmo impressionante.

Eu rio e bebo o restante do meu vinho. Quando ela faz o mesmo, nosso fiel sommelier traz o próximo, de outra região francesa. É amanteigado e tem notas cítricas, lembrando o chardonnay da Califórnia.

— Se me permite perguntar, e a sua mãe em tudo isso? — Pego um pedaço de pão e o coloco na boca, suspirando quando o azeite de alecrim atinge meu paladar. Que delícia.

Sophie espera que eu acabe de mastigar antes de responder.

— A minha mãe morreu no parto. Meu pai a amava muito, nem se casou de novo depois dela. Acho que, quando você encontra a pessoa certa, não importa quanto tempo passe com ela, nunca vai querer ninguém mais. Pelo menos é o que meu pai sempre dizia.

— Uau. Acho que ele tem razão. Meus pais começaram a namorar na escola, se casaram logo depois de formados e tiveram o meu irmão, Paul, e eu dois anos mais tarde. Estão juntos e felizes há trinta e seis anos. Eles tinham só dezenove anos quando se casaram. O meu pai até hoje jura que eu vou saber quando

encontrar a mulher certa. Diz que eu vou sentir nos ossos e no coração, como algo físico.

— Você acredita nisso? — pergunta ela, girando o vinho dourado dentro da taça.

Assinto e me recosto na cadeira. O vinho, para não dizer a companhia agradável, está me deixando solto e relaxado.

— Não há por que não acreditar. Meu pai é meu exemplo, nós somos muito parecidos.

— E você já sentiu isso alguma vez?

— Não. Mas acho que não estou aberto a isso. Ando muito focado em consolidar a International Guy com meus sócios nos últimos anos. Toda a minha atenção está voltada para isso. Talvez a proverbial *mulher certa* tenha passado despercebida.

Sophie ri.

— Acho que não. Como o seu pai disse, você vai saber. Eu estou aberta a esse sentimento, mas, assim como você, preciso me concentrar no trabalho, manter a empresa do meu pai viva e bem. Isso é mais importante para mim do que qualquer outra coisa.

Mordisco o lábio inferior.

— Faz sentido. Imagino que você provavelmente vai encontrar o cara certo em um evento de negócios no futuro.

Sorrio e Sophie ergue a taça.

— A encontrar o amor no local de trabalho, ou em qualquer lugar — diz e ri.

Bato minha taça na dela.

— A encontrar o amor na hora certa.

— Não acho que exista uma hora certa para qualquer coisa. Simplesmente acontece — ela comenta, franzindo a testa.

Por um longo momento, penso no que ela disse e percebo que está certa.

— *Touché*. — Ergo minha taça mais uma vez. — Ao amor que simplesmente acontece.

6

A comida é de dar água na boca, a vista é extraordinária, o vinho flui e estou me divertindo muito com Sophie. Não me lembro da última vez que ri tanto com uma mulher.

— Você é muito divertida — digo enquanto garfo mais um pedaço delicioso de confit de pato com um molho insanamente saboroso. A esta altura, eu simplesmente como o que põem à minha frente, porque cada prato que nos servem é melhor que o anterior.

Sophie ri.

— Você está *capado*!

Caio na risada e bato na mesa, fazendo os copos tilintarem. Nenhum cai, felizmente, senão eu me tornaria o acompanhante mais mal-educado que ela já teve. Mas algo em Sophie me faz acreditar que ela não se importaria muito. Essa garota aceita as coisas que aparecem a sua frente.

Ela é inexperiente nos negócios? Sim, mas seus instintos são afiados. Um pouco de aperfeiçoamento de suas habilidades naturais, com a ajuda de Royce e minha, e ela valerá ouro. Quanto ao gosto para roupas, ela deixa a desejar. Especialmente considerando que vive em uma das capitais mundiais da moda e pode bancar qualquer grife sem pestanejar. Ainda assim, gosto do fato de ela ter personalidade, ser ávida para aprender e captar tudo muito depressa.

— É chapado, não capado! — Rio de novo, mas tento me conter.

Ela ri e dá um gole em nossa quarta taça de vinho. É um chianti italiano que combina lindamente com o pato. Até agora, parece que a cada harmonização o vinho fica mais encorpado e escuro. Para mim está ótimo, eu amo vinho e comida. Ponha os dois juntos e você terá uma bela festa.

— Agora me conta, doce Sophie: o que uma linda jovem como você faz para se divertir?

Ela apoia o cotovelo na mesa e descansa a cabeça na mão.

— Leio, vejo séries americanas na Netflix...

Deixo o queixo cair, em uma explícita manifestação de choque.

— Não acredito!

Ela assente.

— É verdade. Eu adoro *Leverage*, sobre uma equipe de ladrões altamente qualificados que roubam coisas e as entregam aos pobres. Como um Robin Hood moderno.

— Eu já vi! Adoro essa série. E tem uma Sophie nela.

— E um Parker! — ela exclama, contente.

— Nossa, tem razão! Só que o Parker é uma loira capaz de fazer todas aquelas acrobacias e de se espremer em lugares apertados.

Sophie assente.

— *Oui, oui!* Aposto que você poderia fazer parte da equipe deles. Você é muito bonito e combina com o papel. Além disso, tenho certeza de que tem alguns *triques* na manga.

— É truques na manga, não triques, gracinha!

Ela cobre a boca enquanto ri, descontraída. Suas bochechas vão ficando mais rosadas quanto mais vinho bebe.

— O que você faz para se divertir nos Estados Unidos? — pergunta e dá um gole na bebida. Uma gota carmim brilha em seu lábio inferior. Se eu estivesse sentado ao lado dela, e não do outro lado da mesa, lamberia essa gota de seu lábio carnudo. Aposto que ela teria um gosto incrível misturado com o vinho. Por fim, ela lambe o lábio e eu gemo, passando a mão pelo cabelo.

O vinho está me aquecendo por dentro, e percebo que eu não tenho uma preocupação no mundo enquanto janto com Sophie. Não parece um jantar de negócios, apesar de ela ser minha cliente. Bem, não tenho agido tão profissionalmente assim, considerando que a beijei e agarrei sua bunda ontem, além de ter dado uns amassos com ela no elevador. Sophie e eu estamos entrando em uma área cinzenta e muito mais emaranhada dessa relação, e, mesmo que eu quisesse pisar no freio, ela deixou clara a situação hoje cedo. Se decidirmos ser amantes aqui em Paris, vai ser por pouco tempo. Ela determinou, não eu. E estou cem por cento de acordo com essa decisão. Não consigo tirar da cabeça a ideia de passar algumas noites entre as pernas dela.

— Parker, onde você está? — ela pergunta, franzindo a testa.

Afasto os pensamentos luxuriosos.

— Aqui mesmo. Só estava pensando. O que eu faço para me divertir?

— *Oui*.

— O meu pai é dono de um bar chamado Lucky’s na cidade onde eu moro. Os rapazes e eu vamos lá uma ou duas vezes por semana para jantar e beber. Jogamos conversa fora, sinuca, esse tipo de coisa.

— Parece divertido. Então vocês são bem próximos?

— Sim, eles são mais que parceiros de negócios. São como irmãos para mim.

— Isso é importante em uma empresa pequena.

— É sim. A gente faz funcionar. Eu cuido do dia a dia, eles fazem uma série de coisas fora do escritório e, para clientes grandes como você — arqueio uma sobrancelha —, nós três entramos com a artilharia pesada.

— Artilharia pesada? Estou imaginando um filme de guerra, com tanques e metralhadoras.

Ela me faz rir de novo.

— Nada disso, é uma expressão. Significa que, quando os três atuam no trabalho, a cliente é muito importante. E você é, para todos nós.

Seus olhos parecem brilhar quando o garçom traz outro prato.

— *Mon Dieu!* Desse jeito você vai me engordar!

Balanço a cabeça.

— De jeito nenhum, você é perfeita. Agora coma. Acho que este é o penúltimo. Só faltam o prato principal e a sobremesa — digo, erguendo as sobrancelhas para provocá-la.

Mas ela não morde a isca. Em vez disso, se inclina para a frente, lambe os lábios e sussurra:

— Eu pensei que a sobremesa seria na sua cama no hotel.

Minha cabeça não explode, mas quase. Essa resposta eu não esperava.

— Sophie, não vou levar você para a cama esta noite, independente de quanto eu queira fazer isso.

Que merda eu acabei de dizer?

Ela faz um leve beicinho e se recosta na cadeira.

— Não entendi. Você quer, eu quero. Não sou uma florzinha delicada, se é com isso que você está preocupado.

Pego sua mão e a seguro nas minhas.

— Sophie, você é mais que uma trepada rápida para mim.

— Mas aquela mulher hoje de manhã era boa o suficiente.

Eu a interrompo:

— Sophie, como eu já disse, eu tinha bebido. Bastante. Para não dizer que estava meio delirante por causa do jet lag. Senão, definitivamente eu não teria levado aquela moça para o meu quarto depois de beijar você no mesmo dia. Para ser sincero, estou meio sem graça com isso. Nem sei o nome dela.

Ela arregala os olhos.

— Você transou com ela e não sabe o nome?

Aperto a mão dela e imagino que pareço adequadamente constrangido, porque me sinto um perfeito canalha.

— Ouça, não vou mentir e dizer que nunca fiquei com uma mulher só por uma noite. Eu já fiz isso, mais vezes do que consigo me lembrar agora. Mas não com você. Você é uma cliente e se tornou uma amiga, alguém que merece um pouco

mais de mimo do que um jantar depois de dois dias de trabalho duro.

Ela puxa a mão e a pousa no colo.

— Como quiser.

— Sophie Rolland... você vale ouro, baby. E precisa ser tratada à altura. Nunca deixe um homem te tratar como menos que uma joia rara.

Em vez de desviar o olhar, como suspeito que ela talvez prefira, Sophie crava os olhos em meu rosto.

— Você acha que eu valho mais?

Sorrio e absorvo tudo o que ela é. Bochechas rosadas, olhos cor de chocolate, pescoço delicado e uma boca feita para beijar.

— Sim, eu acho. E vou te mostrar exatamente quanto mais ao longo da semana.

Ela torce a boca em um sorriso sexy.

— Não vejo a hora.

Mordo o lábio inferior.

— Nem eu.



Na manhã seguinte, Bo entra no salão de beleza como se fosse dono do lugar. Vai até o proprietário, dá um tapinha no ombro e um aperto de mãos nele, antes de virar e estender o braço.

— Esta é a jovem de quem eu falei. Srta. Sophie Rolland.

Sophie caminha com a cabeça erguida, diferentemente da mulher que conheci há apenas alguns dias. Dá dois beijinhos no rosto do homem, que tem um topete de uns cinco centímetros que de algum modo parece perfeito nele. Ele está vestindo um suéter leve preto, com as mangas arregaçadas, e calça social da mesma cor. Nos pés, um par de mocassins de couro preto, sem meias. Sei disso porque sua calça ajustada chega só aos tornozelos. Não é exatamente meu gosto, mas fica bem nele.

— Você vai ser minha obra-prima, *chérie*. Depois que eu terminar com você, o seu namorado vai cair de joelhos em adoração.

Sophie franze as sobrancelhas.

— Eu não tenho namorado.

O homem sorri.

— Ah, então vai arranjar um depois que eu terminar! Sente-se, sente-se. Me deixe pôr as mãos em você.

Dou um tapinha no ombro ossudo do magricela e aperto o suficiente para que minhas intenções fiquem claras.

— Vá com calma, amigo — digo. Olho para a placa na porta, que diz “Dorian Petit Hair Design” em uma fonte fina e elegante. — Dorian, é isso?

Ele anui, permanecendo imóvel.

— Trate-a como a dama que ela é, sim?

— O sr. Montgomery assegurou apenas os melhores serviços para a nossa cliente VIP. Eu darei isso a ela, se você me deixar trabalhar — diz ele, livrando-se de minha mão.

Ele pega uma capa, agita-a como se estivesse provocando um touro premiado e a amarra em volta do pescoço de Sophie, para proteger sua roupa.

Bo segura meu braço e me leva para o canto.

— Você, fique sentado aqui. Não se meta, este é o meu território. Confie no meu julgamento.

— Ele disse que ia pôr as mãos nela.

Bo balança a cabeça e esfrega o queixo.

— Provavelmente ele vai ter que fazer isso para cortar a porra do cabelo dela. Relaxa! Caramba, eu pensei que a noite com a americana peituda ia resolver o seu probleminha. Ainda está babando pela nossa cliente?

Suspiro.

— Não é da sua conta.

— Porra, então está. Tudo bem, meu amigo, baixa a bola. Eu cuido dela nos meus domínios. Melhor: por que você não vai dar uma volta? Vá ler seus e-mails, analisar um dos trinta e tantos currículos de assistente que o headhunter enviou, adiantar toda aquela papelada e as pesquisas. Estamos com a galinha dos ovos de ouro literalmente comendo na nossa mão. Está tudo certo. Relaxa um pouco, eu cuido da Sophie. — Ele aponta para a porta. — Vá.

Tudo bem. Levanto as mãos, em um gesto de rendição.

— Eu vou. Tenho uma coisa para fazer mesmo.

— Ótimo, então faça. Aproveite e ligue para o headhunter. O idiota não para de me ligar. Não tenho opinião a dar sobre quem contratar. Simplesmente escolha alguém.

— Como se fosse simples contratar um assistente para nos ajudar no que fazemos. Nossa rotina não é exatamente fazer relatórios e memorandos. Tenho que encontrar alguém que saiba ser discreto, que compre lingerie feminina sem constrangimento. Que pegue o telefone e pergunte a uma executiva poderosa que tamanho de sutiã ela usa. Sem falar na habilidade de fazer uma pesquisa profunda sobre as nossas clientes antes de irmos conhecê-las. Não é um perfil que eu posso anunciar em um site de empregos.

— Foi por isso que nós concordamos com o headhunter e com o preço exorbitante dele. Cuida disso, cara. Eu tenho que conversar com o cabeleireiro

sobre as luzes da Sophie. Posso fazer o meu trabalho?

Eu lhe dou um soco no braço.

— Ai! Isso dói, cara. Não aqui — aponta para o bíceps —, mas aqui — e circula seu coração, fazendo um beicinho dramático.

— Cala a boca — rosno.

Bo ri e me empurra para a porta.

— Fora. E nem pense em voltar nas próximas duas horas, pelo menos. Ela vai demorar para ficar pronta.

Sem dizer outra palavra, saio do salão. O motorista abre a porta da limusine.

— Para onde, senhor?

— Preciso voltar às Galeries Lafayette para comprar algumas coisas. Se importa de me levar e esperar? Senão eu posso chamar um táxi.

Ele balança a cabeça e gesticula para que eu entre.

— De jeito nenhum. Estou aqui para servir ao senhor e à srta. Rolland. Eu sei que ela vai ficar ocupada por um bom tempo. É um prazer dirigir para o senhor.

— *Merci beaucoup*.



A loja me fascina tanto quanto da primeira vez. É difícil acreditar que apenas alguns dias atrás eu dei o primeiro beijo em Sophie no meio deste lugar. Independentemente de minha falta de bom senso, não me arrependo. Isso não só abriu a porta para um novo lado de Sophie, mais agressivo sexualmente, como me fez perceber que é possível se sentir atraído por alguém e querer ao mesmo tempo transar com a pessoa e ser amigo dela.

Uma verdadeira amizade colorida.

Não é o tipo de relacionamento que eu já tenha tido. Geralmente eu namoro com exclusividade — o que costuma durar apenas algumas semanas, antes que o trabalho atrapalhe. Essa é a razão pela qual eu não menti quando disse a Sophie no jantar de ontem que já peguei muitas mulheres só por uma noite. Em meu negócio, eu conheço muitas mulheres. E amo tudo nelas. Especialmente levá-las para a cama. Eu não seria um solteiro de vinte e nove anos se não gostasse de transar... com regularidade. E normalmente não me comprometo com uma mulher por mais de algumas trepadas. Definitivamente não as considero amigas nem planejo manter contato com elas depois que nosso acordo acaba.

Pensar em não manter contato com Sophie depois que nós formos embora da França me faz sentir um desconforto no peito. Eu gosto dela. Aprecio de verdade conversar e estar com ela. Além disso, ela é linda e sexy pra caralho. Não que ela tenha consciência disso, mas parte do meu trabalho aqui é lhe mostrar que ela

é desejável, ajudá-la a conquistar autoconfiança para administrar todos os aspectos da sua vida e saber que ela merece tudo. Ajudá-la a dirigir uma empresa bilionária, a sentar cara a cara com os peixes grandes na mesa de reuniões, a conhecer e controlar o lado sensual e sexual de sua feminilidade. A ser livre para explorar coisas novas. Estou aqui para lembrá-la de que ela é jovem e precisa se soltar de vez em quando. Isso tudo é o que eu espero dar a ela. E, se isso incluir também algumas trepadas noite afora... que assim seja. Eu sou um homem de palavra, afinal.

Sorrio, caminho até o balcão da MAC Cosmetics e vou direto para os batons. Os vermelhos me atraem como um farol. Pego um chamado Ruby e esfrego nas costas da mão, imaginando-o na boca de Sophie. Não é a cor certa. Mais abaixo há um em destaque, em uma base preta fosca com a parte interna vermelha metálica. “Viva Glam Red”, diz.

Puxo o batom de teste e o esfrego na mão, ao lado da primeira faixa. O vermelho aberto é luxuoso e faz lembrar uma mulher glamorosa dos anos 50. Perfeito.

— *Superbe couleur!* — diz uma mulher muito magra toda de preto. Seu cabelo loiro é bem curto e desfiado, o que combina com seu tamanho mignon. Ela também está usando batom vermelho.

— *Parlez-vous anglais?* — pergunto, recordando o básico da escola. Mesmo com Sophie falando francês de vez em quando, não me sinto à vontade para manter uma conversa com um estranho.

— Sim, claro. Eu disse que é uma cor ótima.

— Acho que vai ficar espetacular na mulher para quem vou comprá-lo.

— Que gesto gentil. E, só para você saber, todos os lucros dessa compra vão para o nosso Fundo MAC Aids, que apoia a luta contra o HIV e a aids.

— É mesmo?

— *Oui*. Quer dizer, sim.

— Fantástico. Vou levar três, por favor.

— Algo mais?

Balanço a cabeça.

— Não, obrigado.

Pago a conta e vou para o setor de lingeries. Hora de encontrar algo safado e bonito para a doce Sophie. Pego meu celular e ligo para Andre Canton, o headhunter que contratamos.

O telefone toca uma vez antes de ele atender.

— Canton Global, Andre falando.

— Oi, Andre, aqui é Parker Ellis. Estou retornando a sua ligação.

— *Ligações*, você quer dizer. Tenho de admitir, sr. Ellis, que você e seus

sócios são homens difíceis de achar. Pensei que tinham esquecido que contrataram a minha empresa para encontrar um assistente executivo para vocês.

Eu rio enquanto pego a escada rolante para outro andar das Galeries Lafayette. Passo por compradores e turistas que admiram e se maravilham com a arquitetura e a magnificência do lugar. Entendo o que eles estão sentindo. O cérebro derrete se você ficar olhando demais.

— Desculpe, é que nós estamos na França a negócios. Que bom que consegui te ligar. Parece que você tem uma boa lista de possíveis candidatos.

— Sim, tenho. Eu enviei os currículos para vocês. Algum deles lhes pareceu ter potencial?

Passo os dedos pelo cabelo, cravando as unhas no couro cabeludo.

— Olha, sem querer parecer um cretino, eu só olhei alguns, e nenhum tinha o que estamos buscando. Gostaria que você reduzisse a lista para as cinco pessoas com maior potencial.

— Só cinco?

— Sim. Não temos tempo para analisar mais de trinta currículos de pessoas que talvez possam servir. Eu preciso que você escolha uma pessoa que compreenda as nossas práticas comerciais heterodoxas e a natureza singular do nosso trabalho. Tem uma caneta?

— Sim, pode falar.

— Procure as seguintes características: disponibilidade para viajar dentro e fora do país em cima da hora. Capacidade para trabalhar com três chefes que podem ter filosofias contraditórias em relação a como fazer algumas coisas. Não ter receio de fazer perguntas extremamente pessoais a clientes de alto nível. Ter habilidades para hackear.

— Hackear? — Andre interrompe.

— Talvez *hackear* seja a palavra errada. Tem que ter excelentes habilidades com computador e pesquisas na internet. Precisamos de um nerd especialista em reunir perfis de grandes nomes. Como ele vai conseguir as informações é problema dele.

— Sei. — Ele não parece convencido, mas eu continuo mesmo assim.

— Ser capaz de trabalhar sozinho. Sabe, Andre, durante algumas semanas não vai haver ninguém no escritório além do assistente. Ele tem que ser capaz de agendar reuniões e teleconferências, reservar todas as nossas passagens e acomodações, ajudar com orçamentos e a administração geral dos negócios.

— Então a pessoa vai ter que estar em Boston se for escolhida. Você quer a pessoa na sede da International Guy?

— Sim, com certeza. Às vezes vamos levar o assistente junto em alguma viagem, ou mandá-lo para atender a cliente. A pessoa que trabalhar na

International Guy tem que ser capaz de dar conta de muita coisa e crescer com a equipe. A curva de aprendizagem vai ser enorme, porque não há ninguém nessa função, nem nunca houve. Nós estamos criando o cargo e planejamos pagar bem para preenchê-lo.

— Tenho a sensação de que vocês precisam de um pau para toda obra.

— Bingo! — Sorrio, porque essa é a descrição perfeita.

Finalmente vejo a placa da marca de lingerie Aubade. Mais uma vez, a mulher dos meus sonhos está espalhada por todas as paredes desta seção da loja. Skyler Paige. Em uma foto ela está com um sutiã de renda preto, meia-calça e cinta-liga devastadoramente sensuais, a mão no rosto e o indicador pousado no delicioso lábio carnudo. A mulher exala sexo, dos olhos dourados até a ponta dos dedos dos pés, pintados de rosa. Porra, até os pés dela são bonitos.

— Nível de escolaridade? — a voz de Andre explode em meus pensamentos lascivos, me trazendo de volta para o assunto.

— Qualquer um. A questão não é com que rapidez a pessoa digita ou que faculdade da Ivy League frequentou. Eu quero alguém que pense de um jeito inovador, inteligente, uma pessoa segura, que tenha a mente aberta e sem medo de sujar as mãos e fuçar a vida de alguém na internet.

— Tudo bem. Desconsidere os currículos, nenhum dos que eu mandei vai servir. Pode demorar um pouco para eu encontrar a pessoa certa.

Vejo uma camisola azul-marinho com renda preta que sei que vai ficar sensacional em Sophie. Ergo os tamanhos e escolho o que vai servir com base apenas em um palpite.

— Tempo nós temos — confirmo.

— Tudo bem, eu ligo quando tiver novidades. Pode, por favor, prometer retornar minhas ligações em um período de tempo razoável, como alguns dias, e não algumas semanas?

Solto um assobio, porque o sujeito está certo. Eu andei enrolando-o.

— Sim, claro. Desculpe.

— Tudo bem. Eu entro em contato quando tiver alguma coisa.

Nós nos despedimos enquanto eu espio um baby doll de seda rosa-claro. O calor ronda a área da minha virilha quando minha mente cria a imagem da pele pálida de Sophie vestindo isso. Depois de comprar as peças, levo-as ao setor de pacotes para embrulhar.

Cortejar uma mulher sempre começa com uma refeição. Depois, presentes.

Hoje à noite minha Sosso será mimada. Não consigo mais evitar a atração. Sophie deixou claro que a diversão será bem-vinda. Quanto mais estou perto dela, mais a quero.

7

François, o motorista, abre a porta da limusine para mim e eu deslizo pelo banco de couro frio. Meu celular emite um sinal sonoro, indicando uma nova mensagem.

> **Mago do Amor**
> O cabelo está pronto. Ela ficou estilosa pra caralho. Estamos fazendo as unhas na casa ao lado.

Toda vez que vejo “Mago do Amor” na tela do meu celular, morro de rir. É o que vem escrito abaixo do nome de Bo na nossa empresa. Royce é o Mago do Dinheiro, por razões óbvias, e eu sou o Mago dos Sonhos. Nós três inventamos as alcunhas numa noite de pôquer e bebidas em Harvard, e elas pegaram. Surpreendentemente combinam com cada um e ajudam a explicar às nossas clientes, atuais e futuras, o que fazemos.

— Vamos voltar ao salão, François.

O motorista assente. Quando chegamos, olho para os dois prédios ao lado do Dorian Petit Hair Design e me dirijo ao da direita. Abro a porta de vidro e sou atingido pelo cheiro de esmalte e acetona.

A recepcionista me cumprimenta.

— *Bonjour*.

— *Bonjour*. Estou procurando meus amigos. Uma morena desta altura — indico com a mão onde Sophie bateria em mim — e um americano grande com jaqueta de couro, barba e cara de metido.

Ela me dá um sorriso e aponta para um corredor.

— *Merci beaucoup*. — A língua estrangeira sai sem muito entusiasmo. Quando falo francês, não é com a sensualidade de Sophie. Perto dela, se eu me concentrar no tom, no modo como ela mexe os lábios, quase gozo na calça, como um adolescente se masturbando com uma *Playboy*.

Eu a ouço rir antes de vê-la. Essa risada penetra meu coração e o preenche. Viro no corredor e encontro Bo e Sophie com os pés em bacias de água azul e a

bunda em cadeiras de massagem. Cada um deles tem uma taça de champanhe borbulhante na mão.

Bo parece um lunático com a calça jeans enrolada até as canelas, os pés descalços e sendo atendido por uma francesinha pequena. Está sem a jaqueta, a camiseta esticada sobre o peito largo. Eu malho com os rapazes regularmente, nenhum de nós tem preguiça na academia. E ver esse homão relaxando, fazendo os pés, não combina.

Paro na frente deles e fico olhando.

— Cara... o que você está fazendo?

Suas feições se contorcem em uma expressão confusa.

— O que parece que eu estou fazendo? Cuidando dos meus pés. Quando foi a última vez que você cuidou dos seus? — Ele age como se fosse normal perguntar isso a um homem.

— Bom... *nunca*, porque eu não sou mulher.

Ele faz um som que parece um grande balão perdendo ar por um buraquinho.

— Tire os sapatos e as meias e sente a bunda na cadeira. Vamos dar um jeito nisso agora, meu amigo.

Jogo a cabeça para trás e Sophie ri. Depois bebe seu champanhe, tentando fingir que não está vendo ou ouvindo, mas claro que está.

— Isso não vai acontecer — murmuro.

— O quê? Seu cagão. Tem medo de receber um pouco de cuidado e carinho nesses pés feios?

Debocho:

— Eu não tenho pés feios. E eu mesmo cuido deles. — E cuido de verdade. Corto as unhas toda semana e os esfrego bem no banho. Nenhuma mulher reclamou até hoje.

Bo balança a cabeça.

— Você é um cagão.

— Sou nada.

— Então por que está com medo? — ele provoca, dando de ombros e bebendo seu champanhe.

— Cara... — alerto entredentes.

— Senta a bunda na cadeira. Experimente uma coisa nova. Beba uma taça de champanhe. Viva um pouco. Caramba, se as nossas clientes fossem tão difíceis de convencer, eu teria uma linha diferente de trabalho — ele resmunga.

Uma atendente me guia para a cadeira ao lado de Bo. Balanço a cabeça e aponto para outra, ao lado de Sophie.

— Tudo bem, eu não queria sentar perto de você mesmo — diz Bo, presunçoso. — Espere e verá. Você vai me agradecer, meu amigo. Depois vai me

perguntar onde eu me depilo.

Tiro os sapatos e as meias e dobro a barra da calça com cuidado. A última coisa que eu quero são as pernas da minha calça amassadas.

— Só no dia de são nunca — respondo, e dessa vez Sophie ri alto.

Suas bochechas estão rosadas, provavelmente por causa do álcool — e muito também pela companhia. Meu palpite é de que Bo a fez rir a manhã toda.

— Não me diga que você não se depila — diz Bo, tirando um pé da água e o colocando onde a pedicure aponta.

— Não, eu não me depilo. Como já disse, eu cuido da minha higiene sozinho, como a maioria dos homens.

— Você não raspa nem o saco? — continua ele.

— Você raspa? — devolvo a pergunta, um tanto chocado.

Quer dizer, nós tomamos banho no mesmo vestiário na academia, mas eu não presto atenção no bilau dos meus amigos. A gente simplesmente evita olhar para baixo, por respeito à privacidade um do outro, mas agora vou fazer questão de checar para ver o motivo de tanta falação.

Bo balança a cabeça e bebe o restante de sua taça de champanhe.

— Vou precisar de outra, querida — diz, gesticulando para a pedicure.

Ela sorri e assente, pegando a taça e indo para os fundos, onde imagino que fica a sala de descanso ou a cozinha.

Meu amigo se inclina para a frente, apoia os cotovelos nos braços da cadeira e se curva um pouco sobre Sophie para falar comigo:

— Eu sou todo lisinho lá embaixo. E as mulheres vão à loucura. Experimente um dia, você não vai se arrepender. — Então olha para Sophie e dá uma piscadinha.

Idiota.

— Você ia gostar disso, Sosso? — pergunto em voz baixa, para que fique só entre nós dois.

Ela pisca lentamente e anui.

— *Oui*. Parece sexy.

— Bom, eu não me depilo. Então pode esquecer.

Não me depilo ainda, acrescento mentalmente. Preciso pesquisar um pouco mais sobre as vantagens da depilação antes de rejeitar a ideia completamente.

— Cara, estou dizendo. Não tem sensação igual a pegar uma mulher quando vocês dois não têm nenhum pelo lá embaixo. A conexão é *insana*. — Ele remexe os quadris em um movimento sugestivo. — Porra, preciso arrumar uma mocinha hoje à noite.

Eu engasgo.

— Cala a boca, Bo. Sophie, ignore-o. Ele é um canalha.

Ela ri.

— Eu gosto de você, Bo, sempre honesto. — E dá um tapinha na mão dele, bem-humorada.

— Não há outra maneira de ser, baby. — Ele pisca para ela.

As bochechas de Sophie ficam mais coradas. Maldito. Ele precisa parar de flertar com qualquer par de pernas e manter sua libido e seu charme sob controle. Pelo menos perto de Sophie. Ela não precisa ser capturada em sua teia de luxúria e sexo sem sentimento.

— Dá um tempo — rosno baixinho.

Ele sorri maliciosamente.

— Eu não estou fazendo jogo. Se estivesse, você estaria ferrado.

Inspiro longa e lentamente, deixando o ar sair ainda mais devagar. Bo está me provocando, é sempre assim. Ele adora uma boa zoeira, mas eu amo o cara e sei que ele não iria atrás de alguém por quem eu demonstrasse interesse. Mas me provocaria até o fim dos tempos só para se divertir.

A bacia massageadora está cheia de água, e a pedicure me pede para colocar os pés lá dentro. Os jatos estão ligados, e eu mergulho os pés. A tensão nas minhas costas, pernas e pescoço está sendo trabalhada pela cadeira, e a dos pés pelos jatos. Só de estar sentado aqui já começo a relaxar e a me distrair.

A pedicure de Sophie está passando as mãos pelas pernas dela, massageando os músculos. Ela estende a mão e pega a minha. Viro a cabeça e olho de verdade para seu rosto pela primeira vez desde que voltei das Galeries Lafayette. Seu cabelo está cortado em camadas em volta do rosto, as madeixas longas caindo sobre os ombros e chegando ao topo dos seios. Ainda está dividido ao meio, mas o estilo e o corte fazem parecer mais moderno. Tem algumas mechas caramelo entre os fios, o que acrescenta uma profundidade e um brilho que seu cabelo não tinha antes.

— Sophie, você está linda. Seu cabelo ficou incrível. O que achou?

Ela abre um sorriso de orelha a orelha, do jeito que um dia deixará um homem de joelhos só para vê-lo todos os dias pelo resto da vida.

— Adorei. Me faz sentir forte, poderosa. Isso é normal?

— É o passo número quatro para fazer você se sentir sexy. Um novo corte de cabelo faz maravilhas pela psique da mulher. E também beneficia os homens, pois nós adoramos uma mulher confiante. Os homens correm atrás de mulheres assim, para fazer com que sejam suas.

— E você?

Dou meu sorriso diabólico e me inclino mais perto.

— Eu vou gostar de agarrar esse seu cabelo enquanto te pego por trás.

Ela ofega e suas pupilas se dilatam. Minha doce garota gostou da ideia. À

noite vou dar um jeito nisso. Não aguento nem mais um dia sem estar dentro dela.

— Promessas, promessas... — Ela estala a língua, provavelmente pensando na noite passada, quando rejeitei sua investida.

Depois que terminamos de jantar ontem, eu a levei para casa, a acompanhei até a porta e a beijei até ela ficar sem fôlego. O que eu não fiz foi aceitar a oferta de uma saideira ou de qualquer outra coisa. Agora me arrependo dessa decisão; queria ter sido menos rígido. Mas a noite de hoje vai ser algo para registrar no livro de memórias, com certeza.

Bo geme, nos interrompendo.

— Você é uma deusa! — suspira enquanto a pedicure massageia os músculos de suas pernas.

Sophie e eu nos entreolhamos e começamos a rir. Alguém me entrega uma taça de champanhe, que faço tilintar com a de Sophie.

— Às primeiras vezes. — Como fazer os pés em Paris bebendo champanhe. Definitivamente não é algo que eu já imaginei que faria.

Ela brinda comigo e nós tomamos um gole. As bolhas formigam em minha língua. Fecho os olhos e aproveito ao máximo minha primeira pedicure, pensando em todas as maneiras que vou aproveitar minha primeira vez com Sophie.



Parker Ellis
Use o vestido vermelho de alcinhas e os sapatos vermelhos. Eu te pego às 7.

Sophie Rolland
Vermelho deve ser sua cor favorita. Até mais tarde.

Sorrio relendo as mensagens que troquei com Sophie mais cedo, depois de deixá-la no trabalho, nas mãos capazes de Royce. Ele tinha uma série de preocupações em relação aos Laboratórios Rolland, o lado científico dos negócios dela, que, segundo ele, exigiam atenção imediata. Vou falar com Sophie ou com Roy mais tarde para saber do que se trata.

Quando o dinheiro fala, você anda. Ponto. Royce não usa o termo *imediatamente* a menos que haja um grande problema. Enquanto ele cuidava do

trabalho, eu cuidei dos planos para hoje à noite: encomendar nosso jantar privado e uma noite de sedução com a herdeira mais cobiçada da França.

Guardo o celular no bolso do paletó e bato na porta de Sophie. É uma minimansão, pelos padrões parisienses. Depois de algumas pesquisas, descobri que foi a propriedade de seu pai e a residência principal dele durante toda a vida. Faz sentido que ela queira ficar aqui, mas imagino que seja difícil saber que a única família que você já teve nunca mais vai voltar para casa. Quando o mordomo abre a porta, imagino que ela não tenha passado muito tempo falando sobre o pai ou lidando com o luto. Ela se jogou de cabeça nos negócios e assumiu o comando da empresa logo depois de enterrá-lo.

O homem me leva a uma sala e me oferece uma bebida.

— Um gim-tônica seria ótimo.

Ele assente e começa a preparar minha bebida enquanto observo a sala luxuosa. Dois sofás de veludo vermelho com guarnição de madeira, um diante do outro. Um carrinho de bar vintage com uma grande variedade de garrafas, de diferentes cores, alturas e gostos. Um piano de cauda no canto, de frente para um conjunto de janelas que dão para a cidade, com uma vista perfeita da Torre Eiffel iluminada à noite.

Quem decorou esta sala gostava de antiguidades, com um toque de tradicionalismo e elegância. Eu gosto disso, me faz lembrar Sophie. Reservada até você a conhecer. Absolutamente elegante. Linda e com uma alma antiga. O jeito como ela aprende as coisas rapidamente e logo as aplica na vida pessoal e nos negócios demonstra sua extrema inteligência e disposição para o sucesso.

O mordomo me entrega o drinque.

— Onde está a Sophie?

— A srta. Rolland está em seus aposentos particulares. Ela virá em um instante, já a avisei da sua presença.

Anuo e ponho a mão no bolso, balançando sobre os calcanhares até o mordomo sair. Então vou atrás da minha doce menina, apalpando os batons que tenho no bolso.

Encontro um corredor e passo imediatamente a sentir o cheiro de açúcar e especiarias de Sophie, então o sigo até um conjunto de portas duplas, uma delas entreaberta. Seu perfume é mais forte aqui. Empurro a porta e um grande quarto se revela.

Armários de cerejeira escura flanqueiam cada lado do quarto, como enormes sentinelas guardando seu posto. No centro, há uma cama king size com dossel. As colunas são mais grossas na base e se retorcem para cima, afinando. Há curvas profundas entalhadas na madeira, formando um desenho floral que combina bem com a personalidade de Sophie. A colcha é de um tom púrpura-

escuro com filigranas douradas, e há pelo menos meia dúzia de almofadas jogadas na cabeceira. Algumas têm fios de ouro, outras flores, outras ainda pompons e franja. Um pequeno recanto para o seu lado menina.

Um luxuoso tapete persa em tons de púrpura, dourado, branco e vinho cobre todo o piso, dando ao ambiente uma sensação de aconchego e encantamento.

Ouço uma torneira jorrar à minha esquerda. A porta do banheiro está ligeiramente aberta, e posso ver lampejos de vermelho. Empurro a porta e bebo meu gim-tônica, enquanto observo Sophie ajeitar os cabelos.

— Você está maravilhosa — digo baixinho, sem esconder o espanto e a admiração ao vê-la tão segura.

Ela dá um pulo mas logo relaxa, baixando os ombros quando percebe que sou eu.

— Vire para mim — ordeno.

Sophie obedece e me presenteia com sua beleza. O vestido é um pedaço mínimo de tecido que se molda a cada curva de seu corpo. Não há como ela estar usando nada por baixo; se estivesse, eu saberia. Essa é justamente a razão pela qual eu pedi que usasse este vestido em particular. Passo os olhos da cabeça ao peito dela. Os seios pequenos estão livres do sutiã, os mamilos eretos, pressionando o tecido em uma demonstração carnal de feminilidade. Sua cintura é fina, as pernas, insanamente longas e brilhantes. Lambo os lábios e tomo um grande gole do gim-tônica, permitindo que esfrie minha necessidade instantânea de atacá-la, e só aí me aproximo.

— Gostou? — ela pergunta, erguendo uma sobrancelha.

— Adorei, porra — rosno e dou os dois passos necessários para esmagar seu corpo no meu em um abraço selvagem e devasso.

Ela ofega no segundo em que nossos corpos se tocam e enrola os braços em meu pescoço. Largo a bebida, passo uma mão em torno de sua cintura e a outra nas ondas longas e fluidas de seus cabelos. As camadas provocam meus dedos até que consigo agarrá-los firmemente. Inclinando sua cabeça para trás, tomo sua boca em um beijo ardente. Ela a abre de cara, me deixando entrar, precisando de mim tanto quanto eu dela. Sophie geme baixinho, e meu pau endurece dolorosamente. Eu lambo mais fundo, sentindo gosto de hortelã e cheiro de especiarias enquanto a beijo.

Quando ela já está mole em meus braços, eu a levanto pela bundinha empinada e a coloco sentada na pia do banheiro. Inferno, preciso de espaço para me controlar, ou vou levá-la para a cama e fodê-la agora mesmo. Nem vamos chegar às surpresas que tenho para ela. E isso seria uma pena, porque eu sei que ela vai se sentir uma princesa esta noite.

Ela abre os olhos inebriados de luxúria, duas poças de chocolate marrom-

escuro me saudando. Eu poderia olhar em seus olhos a noite toda.

— Eu tenho a última das cinco coisas que vão fazer você se sentir a mulher mais sexy do mundo.

Ela ri e enrosca os dedos na lapela do meu paletó. Estou vestindo meu terno mais caro esta noite, só para ela. Um Armani preto que Royce exigiu que eu comprasse na última temporada. “Para as ocasiões especiais em que você precise impressionar. Ouça o que estou dizendo, meu amigo”, ele insistiu daquele jeito que diz “eu sei do que estou falando”.

Pego os três batons e lhe entrego um, colocando os outros na bancada.

— Os outros dois são de reserva. Um para deixar na bolsa, um na gaveta de maquiagem e o outro onde você quiser.

— Batom? Você comprou batom para mim? — ela pergunta, e uma linha fina surge entre suas sobrancelhas.

Eu me inclino e a beijo, segurando seu queixo.

— Não é qualquer batom. É o máximo em glamour. Me dê aqui. — Mexo os dedos, pedindo o batom. Ela o bate na palma da minha mão.

Precisando estar mais perto, eu levanto o vestido dela e abro suas pernas para me encaixar entre elas. Tirando a tampa, giro o tubo até a ponta do cilindro carmim aparecer.

— Abra um pouco a boca.

Segurando seu queixo, pego o batom e o esfrego algumas vezes em seu exuberante lábio inferior, certificando-me de o deixar completamente coberto. A seguir, faço uma curva do ponto mais alto do lábio superior para o lado direito, depois para o esquerdo, repetindo o processo até a parte de cima combinar perfeitamente com a de baixo.

Sua boca fica absurdamente deliciosa coberta de vermelho. Inspiro fundo e expiro como um dragão cuspidor de fogo. Meu pau vai de meia-bomba a duro feito pedra em poucos segundos. Engulo em seco e tento me recompor, limpando a garganta.

— Abra a boca de novo — sussurro.

Ela responde imediatamente, e eu grunho, desejando que fosse meu pau que estivesse enfiando em sua boca aberta, e não o dedo. Coloco o indicador lá dentro.

— Agora feche a boca.

Claro, ela se supera e gira a língua ao redor de meu dedo. Eu gemo e mordo a bochecha, forte, a ponto de sentir gosto de sangue. Puxo o dedo para fora e lhe mostro o anel vermelho em torno da base do meu indicador.

— É um truque fácil para o batom não manchar os dentes. — Eu pronuncio as palavras, mas mal reconheço a aspereza em minha voz. É algo que eu aprendi

com minha mãe, mas admitir isso não teria o apelo sensual que quero ter com ela agora.

Sophie sorri, trava as pernas em volta da minha cintura e afunda os calcanhares na minha bunda. Então se inclina para trás e desliza a mão entre nós, abrindo meu cinto.

— O que você está fazendo?

Seus dedos são incrivelmente rápidos. Antes que eu possa me mexer, ela já abriu o botão e o zíper da calça, e sua mão está dentro da cueca, pegando meu pau.

— Caralho — sibilo.

Sua mão é o céu e o inferno ao mesmo tempo, me acariciando, esfregando o polegar na gota que sai da cabeça.

Do nada, ela se torna uma raposa faminta por sexo. Sophie me empurra para trás, o suficiente para poder descer da bancada, sem soltar meu pau, até ficar de joelhos com a boca em volta dele.

Apoio uma das mãos na pia e a outra no cabelo dela. Sophie parece uma modelo da *Playboy* dos anos 50, com seus cachos longos e fluidos, olhos castanhos profundos, pele pálida e lábios vermelhos. Sua boca faz mágica ao redor do meu membro, engolindo-o profundamente e deslizando a língua ao longo de cada centímetro. Ela dá especial atenção à pele sensível perto da ponta e esfrega a língua ali.

Meu corpo inteiro estremece. Chamas lambem minha pele, e de repente morro de calor com esse terno idiota. Sinto a eletricidade na base da coluna e não consigo parar de meter em sua boca celestial. Ela geme ao meu redor; seus lábios vermelhos estão me matando. Com uma das mãos ela agarra minha bunda, me pedindo para tomá-la com mais força, ir mais fundo.

— Não quero machucar você — digo, quase sufocando.

Ela me inclina e faz meu controle ir de dez a zero com poucas palavras, falando indecências em francês comigo:

— *Prends-moi sauvagement. Tu sais que t’en as envie. Sers-toi de moi, Parker. Sers-toi de ma bouche pour ton plaisir*.

Basicamente, o equivalente a dizer: “Me pega com força. Você sabe que quer. Me use, Parker. Use a minha boca para o seu prazer”. E ela não para.

— Sophie, se você não quiser que eu goze na sua garganta, é melhor parar — aviso.

Sinto a base da coluna formigar enquanto entro superficialmente em sua linda boquinha mais uma vez.

Em vez de parar, ela geme, envolve a base da minha ereção e me puxa em perfeita sincronia enquanto me chupa furiosamente.

Não posso evitar. Pego sua cabeça e meto fundo dentro de sua boca. Sem parar, ela toma tudo de mim, até meu corpo começar a tremer. A tensão se acumula da cintura para baixo, minhas bolas se retesam, querendo entrar em ação. Aquele chiado familiar começa na base da minha ereção um segundo antes de eu gozar. Cada jato da minha liberação reveste sua língua, e ela engole tudinho, espremendo meu pau e sugando o que sobrou, até eu não ter mais nada para lhe dar. Estou drenado. Física, emocional e mentalmente.

Eu me curvo e a puxo para abraçá-la, com meu pau satisfeito entre nós, latejando contra sua barriga.

— Merda, Sophie, existe alguma coisa que você não seja capaz de fazer? — digo, maravilhado.

Ela ri e beija meu pescoço.

— Foi um bom *banquete*?

Sorrio com o rosto em seu pescoço e lhe dou um beijo.

— Baby, é boquete.

— É quase a mesma coisa. — Ela sorri diabolicamente. — Eu praticamente te comi. — Pressiona os lábios em meu queixo. — E lambi, e beijei.

Ela mordisca meu lábio inferior e eu gemo, tomando sua boca, provando um pouco de mim nela. Seu perfume de especiarias misturado com meu almíscar natural tem um cheiro divino. E um gosto ainda melhor. Ela poderia engarrafar essa merda, e eu a passaria no meu corpo todos os dias.

— Sinto que devo retribuir — digo, me esfregando nela, minha ereção dando sinal de vida outra vez.

— Já? — Ela arregala os olhos e recua.

— O que eu posso dizer? Você é muito gostosa.

Ela sorri maliciosamente enquanto olha para meu pau.

— Acho que esse é um jeito melhor de arrumar o batom, concorda?

Quando olho para o meu membro, há um anel vermelho perfeito bem na base.

— Caralho — digo e aperto os punhos conforme meu pau levanta lentamente diante de nossos olhos.

— Estou com fome — diz ela, recuando um passo, depois outro, fazendo seus saltos clicarem no piso de ladrilhos.

— Eu também — rosno.

Meu olhar trava no corpo dela, e só penso em deitá-la e entrar fundo entre suas pernas. Lambo os lábios e vou em direção a Sophie.

Ela levanta a mão e aponta o dedo para mim.

— Não, não. Você me prometeu um encontro. Um encontro *de verdade*. Nunca tive um homem que fizesse tudo por mim. Estou ansiosa — diz ela, fazendo beicinho.

Diante da sinceridade de suas palavras, paro onde estou, enfio minha ereção de volta na cueca e levanto a calça.

— Arrume esse batom borrado. Não posso te olhar assim a noite toda e não pensar em você de joelhos.

Ela arregala os olhos e um sorriso sacana se espalha em seus lábios.

— *Oui*, sr. Ellis. — E rebola de volta para a penteadeira. Eu gemo, puxo o cabelo e olho para o teto.

— Vai ser uma noite longa pra caralho.

8

Quando François nos deixa na entrada da área que leva ao Louvre, Sophie gira sobre os saltos sensuais como o pecado com um sorriso brilhante no rosto, e seu vestido se agita deliciosamente na brisa.

Ainda bem que eu a fiz colocar um casaco, ou teríamos uma horda de homens excitados olhando para ela como um cachorro salivando diante de um bife. Não quero os olhos de ninguém, só os meus em sua pele nua e luxuriosa... Não esta noite.

Esta noite é nossa. Para levarmos nossa amizade a um nível mais físico. Nós dois sabemos que isso aqui não vai durar para sempre, e eu quero aproveitar tudo o que puder. Tenho o pressentimento de que o plano de Sophie é exatamente o mesmo. Ela não afirmou o contrário, e isso para mim já é suficiente. Além disso, o boquete insano e delicioso que ela me fez mais cedo ainda está atiçando minha libido.

— Você me trouxe ao Louvre, sr. Ellis. O destino mais turístico de Paris, além da Torre Eiffel, aonde você também me levou — ela observa, soltando uma risadinha adorável.

Sorrio e passo o braço ao redor de sua cintura, levando-a através do arco de pedra em direção à estrutura de vidro em forma de pirâmide.

— Bom, em primeiro lugar, eu nunca tinha vindo ao Louvre antes de hoje à tarde, quando vim ajeitar tudo. E, em segundo, duvido muito que um jantar exclusivo cercados por algumas das obras de arte mais perfeitas do mundo seja um encontro comum para você.

— Nós vamos jantar aqui? — pergunta ela, e seus olhos se iluminam, animados.

— Sim.

Eu a levo em direção à pequena fila na entrada da pirâmide de vidro. A esta hora da noite, o museu está quase fechando, o que significa que muito poucos ainda podem entrar e a maioria já está saindo. Eu garanti para nós dois uma exibição particular dos quadros e esculturas mais admirados, e também um pequeno jantar privativo em uma parte do museu fechada só para nós. Por sorte os rapazes e eu estudamos com um dos curadores do Louvre, o Mark, senão eu

nunca teria sido capaz de conseguir algo assim. Nem conseguiria pagar por isso sem sofrer um sério desfalque na conta bancária. Isso só não aconteceu porque, quando meu amigo descobriu quem eu ia trazer hoje, fez de tudo para agradar uma potencial futura doadora do calibre de Sophie. Então ele me pôs em contato com um chef particular que tem um serviço de jantar completo e bebidas ao estalar de um dedo.

Descemos dois andares de escada rolante até a área aberta, onde se pode optar por visitar as exposições especiais, comprar ingressos ou ir para a entrada principal do museu. Quando eu vim mais cedo, para conhecer o lugar e arranjar tudo, achei estranho que metade do museu seja no subsolo. Há também uma rede de lojas, butiques, restaurantes e metrô sob o Louvre. Quando se trata de engenhosidade, a França é imbatível.

Sophie segura minha mão enquanto avançamos na fila e vamos até a atendente que Mark me apresentou. Ela nos faz entrar sem problemas. Observo as pessoas se movimentando, subindo e descendo as enormes escadas de mármore que levam em direções opostas. O edifício é imenso e parece um labirinto quando se tenta atravessá-lo. Essa é a razão pela qual eu vim antes. Agora sei exatamente aonde ir e qual a melhor maneira de chegar.

— Para onde primeiro? — pergunta Sophie, com uma excitação na voz que eu ainda não tinha ouvido, mas de que gosto muito.

— Nada de perguntas sobre a noite, apenas sobre nós.

Pouso a mão nas costas dela e a guio para um elevador particular. É preciso ter uma chave especial para usá-lo, coisa que eu tenho, porque Mark me deu. Pegamos o elevador até uma seção isolada, que ainda não está aberta ao público. A nova exposição vai mostrar a obra de Georgia O’Keeffe, uma artista americana já falecida.

Os saltos de Sophie ecoam no piso de mármore até entrarmos em um salão, e ela arfa, levando a mão à boca. Bem no centro da nova exposição há uma mesa elegantemente posta para duas pessoas, com flores frescas, velas, pratos e taças, e uma garrafa de champanhe gelando no suporte ao lado. O chef que contratei para nossa pequena recepção e sua equipe se superaram. Vou agradecer a Mark pela dica com uma doação especial da International Guy para o museu.

Quando entramos, um homem de terno preto com um pano branco sobre o braço nos cumprimenta e puxa a cadeira para Sophie. Ela tira o casaco, coloca no encosto da cadeira e se senta, assim como eu.

— Gostariam de começar com um pouco de champanhe com o primeiro prato? — ele pergunta.

Eu anuo.

— Por favor.

Sophie olha em volta com os olhos arregalados e brilhantes de alegria.

— Isto aqui é incrível. E a arte... sensacional!

— É uma exposição que ainda não está aberta ao público. Vai abrir na semana que vem.

Para a minha sorte, meu timing foi perfeito. Ela estreita os olhos ao observar uma tela bem conhecida: uma flor branca com o miolo e o fundo verdes.

— São quadros de Georgia O'Keeffe — digo, apontando para o que ela está olhando.

— *Oui!* Achei mesmo que eu já tinha visto essa obra.

— Ela é famosa pelas flores e paisagens do Novo México. Nasceu nos Estados Unidos e foi chamada de mãe do modernismo americano. Nós tivemos sorte de conseguir esta mostra particular.

O garçom enche nossas taças e nos dá privacidade.

— Pegue sua taça. Vamos olhar mais de perto, mas tenha cuidado. Aquele quadro ali — aponto para a pintura da flor branca — está emprestado para o Louvre. Foi vendido em um leilão por mais de quarenta e quatro milhões de dólares.

Sophie abre a boca, impressionada, e eu penso no círculo vermelho em volta do meu pau. Inspiro longa e lentamente e me concentro nas obras. A faixa de luz suave acima de cada quadro destaca perfeitamente as pinceladas e a paleta singular de cores.

— Esta é *magnifique* — ela sussurra, como se estivesse tão impressionada que tem medo de falar alto demais.

Os tons fortes de laranja e vermelho praticamente saltam da tela. Eu me inclino para a plaquinha dourada à esquerda da moldura.

— *Papoulas orientais*, 1928. Quase cem anos, mas parecem tão reais.

Ela concorda, bebe seu champanhe e segue para a próxima tela: uma paisagem do Novo México. Os azuis e verdes profundos inflam e rolam com as colinas e os vales de uma forma distante, mas completamente identificável. É difícil compreender que não é real.

Sigo Sophie para outro quadro, o crânio de um touro. Ela faz uma careta de desagrado.

— Não gostou do touro?

— Não gosto de imagens de morte. — Ela suspira.

Tudo bem. Não vou discutir o assunto, especialmente tão perto da morte de seu pai.

Quando chegamos a uma concha branca em um fundo vermelho, ela inclina a cabeça, dá de ombros e segue em frente, desconcertada. Eu rio.

— E agora, qual é o problema com as conchas?

— Nada. Meio sem graça. — Segue para a próxima pintura e todo o seu corpo fica imóvel. É outra das flores de O'Keeffe, esta vermelha, rosa e branca.

— *Flor da vida II*, pintado na metade dos anos 20 — anuncio em voz alta, lendo a placa.

Sophie mira a pintura, perdida em pensamentos. Eu a abraço por trás e passo a mão livre em torno de sua cintura, puxando-a para mim. Ela suspira antes de soltar seu peso sobre meu peito. Respirando perto de seu ouvido, sussurro:

— As pessoas dizem que as flores dela parecem vulvas, porque ela mostrava com frequência o órgão reprodutor da flor, que fica no centro. Dizem que ela queria expressar algo sobre seu próprio gênero. O que você acha?

Deixo a boca pairar sobre sua orelha, a seguir passo o queixo pela lateral de seu pescoço, descansando-o em seu ombro. Sophie estremece, e esse leve tremor corre pelo meu corpo, enviando mensagens de prazer para meu cérebro e membro, que eu ignoro por enquanto. Haverá tempo para isso mais tarde. Bem mais tarde.

Ela não tira os olhos da tela a sua frente, hipnotizada.

— Este quadro me faz pensar em sexo. Sexo lindo, devasso e glorioso.

Beijo seu ombro nu, apertando-a mais. Tenho vontade de morder sua carne, mas me controlo.

— Vou precisar de mais uma bebida e de uma cadeira antes de ver o resto.

Ela ri e se vira em meus braços, então pousa um beijo doce em meus lábios.

— Obrigada por me trazer aqui. Este é o melhor encontro que eu já tive.

— E mal começou, *ma chérie*.

Ela fica vermelha toda vez que a chamo desse jeito.

— Bom, caso eu esqueça de comentar mais tarde, estou me divertindo muito, *chéri*.

Passo os braços ao redor dela, segurando a taça vazia entre os dedos.

— Eu também.

Ela me precede de volta à mesa, onde encho nossas taças assim que o garçom traz o primeiro prato: uma tábua de charcutaria, com embutidos e queijos.

Pego uma torrada, coloco uma fatia de prosciutto em cima, em seguida uma camada de queijo de cabra seguida por um cubo de marmelada, para dar um toque adocicado. Entrego-a a Sophie antes de fazer a minha. Juntos damos uma mordida, e nós dois soltamos um gemido. Começamos a rir um do outro.

— Tudo bem, já que nós dois sabemos como a noite vai acabar, vamos falar de sexo. — Sorrio e, querendo criar expectativa para a última parte da nossa noite, continuo: — Qual o foi o melhor lugar em que você já transou?

Sophie franze os lábios.

— Os franceses são muito abertos em relação a sexo. — Ela bate o dedo no

lábio inferior, pensativa. — Acho que vou decepcionar você. Eu diria que o lugar mais arriscado foi na piscina da minha casa, com o meu namorado da escola.

— Legal, gostei — digo, subindo e descendo as sobrancelhas.

Ela balança a cabeça, rindo.

— Sua vez.

Puta merda. Nota mental: nunca faça uma pergunta que possa voltar para você.

— Eu diria que foi na roda-gigante, em um parque de diversões.

A expressão de choque de Sophie diz tudo.

— Detalhes. Eu quero detalhes! — ela pede, bebendo um grande gole de champanhe.

Sorrio.

— Muito bem. Eu era calouro na faculdade, estava com uma garota e éramos muito animados. Era puro sexo. Ela gostava de transar em lugares diferentes. Acontece que ela era exibicionista e quase me fez ser preso por atentado ao pudor!

Ela ri, cobrindo a boca.

— *Mon Dieu!* Não consigo nem imaginar como fazer isso.

Recostando-me na cadeira, encho o peito dramaticamente.

— Se há vontade, dá-se um jeito. — Só consigo manter a pose por um segundo antes de ter um ataque de riso mais uma vez, e Sophie também.

— Minha vez! Qual é a sua posição sexual favorita? — pergunta ela, mexendo os ombros e, com eles, os seios.

Caralho, não vejo a hora de colocar as mãos e a boca neles, morder e torturar seus mamilos.

— Uau... — Balanço a cabeça, voltando para a pergunta. — Humm, estou dividido. Adoro pegar a mulher por trás, porque o poder que me dá de controlar o corpo dela é — junto os dedos e beijo as pontas —, como vocês dizem, *magnifique*! Mas também adoro ver o rosto dela quando a faço gozar. Isso é algo especial, e único para cada mulher.

— Concordo. Vamos fazer as duas — ela propõe, sem ironia na voz.

Rindo, preparo mais um aperitivo, dessa vez com pão, queijo e fruta. A pera com mel desliza sobre minha língua, combinada com o brie cremoso, e eu exclamo:

— Que delícia!

Ela anui.

— *Oui*. E isso é só a entrada.

Depois de passarmos mais alguns minutos tentando superar as melhores combinações um do outro, o garçom traz os próximos pratos: uma salada e filé

mignon com purê de batata ao alho.

Ansioso para saber o básico sobre Sophie, volto a fazer perguntas:

— Qual é a sua cor favorita?

— Seria muito bobo admitir que é rosa?

Rosa. Suave, linda e feminina. Adoro isso.

— Não, Sosso, combina com você. Apesar de que não compramos nada rosa, que eu me lembre. Precisamos corrigir isso.

Pego meu celular ali mesmo. A garota adora rosa, deveria ter roupas dessa cor.

Parker Ellis
Compre umas blusas rosa para a Sophie. É a cor favorita dela.

— Não precisava fazer isso! — diz ela, batendo em minha mão.

Pego seus dedos e beijo cada um deles. Bo responde instantaneamente:

Mago do Amor
Ok. Eu cuido disso amanhã. Ela precisa de mais alguma coisa?

Levantando o telefone, mostro a tela para Sophie. Ela sorri e balança a cabeça.

— Acho que vocês já fizeram mais que o suficiente. Se bem que ainda estou nervosa com a reunião do conselho este fim de semana, especialmente depois do que o Royce descobriu hoje. Além disso, o sr. Girard vai estar de volta amanhã, de acordo com o supervisor dele. Ele disse que estava doente nos últimos dias e não foi trabalhar, mas não sei se acredito. Essa ausência me deu bastante tempo para me preparar. O pai dele não vai ficar satisfeito.

— É difícil, mas essas coisas negativas não vão ser comuns no seu dia a dia. O que o Roy descobriu de tão importante hoje?

— Um problema sério com os nossos produtos químicos. Um dos que usamos regularmente venceu. O chefe da área resolveu economizar e usar o produto vencido. Isso nos faz correr vários riscos: pode mudar a composição do perfume, a forma como reage na pele, uma série de coisas. Meus químicos estão furiosos, eles não vieram para a empresa para trabalhar nessas condições. É outra ponta solta que vou ter que consertar, e não estou muito ansiosa para isso.

Levo minha cadeira para o lado dela e pouso a mão em seu ombro.

— Ei... olhe para mim.

Ela ergue os olhos cor de chocolate para encontrar os meus.

— Você vai conseguir. Lembre-se: você é filha do grande Jacques Rolland. Ele construiu esse império, e você, minha doce Sophie, vai manter o seu legado e torná-lo ainda maior. Acredite em si mesma. Você consegue. Eu sei disso, o Royce sabe, o Bo sabe, e a sua equipe e os membros da diretoria também vão saber.

Ela balança a cabeça e franze a testa.

— Não tenho tanta certeza. Eu trabalhei duro nos últimos dois meses, desde que perdi meu pai, tentando ser aquilo de que a empresa necessita, mas os problemas continuam aparecendo.

— E você vai lidar com eles, um de cada vez. Isso é tudo o que qualquer um pode fazer. Você não é diferente de qualquer outro presidente de empresa. Talvez você não perceba, Sophie, mas já está fazendo o seu trabalho.

Ela olha para nossos pratos pela metade antes que um sorriso lento comece a se formar em seus lábios, para então se transformar em um de orelha a orelha.

— Estou mesmo, não é?

— Sim, *ma chérie*, está. E muito bem, devo acrescentar. Agora me conte como planeja resolver o problema do produto vencido e o que vai fazer com o chefe da equipe.

Sophie entra em detalhes sobre o que ela e Royce descobriram e como concordaram que seria a melhor maneira de lidar com o problema. Depois de ouvir seu plano, que consiste basicamente em dar uma advertência ao chefe do setor, registrando o ocorrido, explicar as práticas da empresa e garantir parâmetros de qualidade, sei que ela tem tudo sob controle. O destino de Sophie sempre foi liderar; ela tem o sangue do pai. Nada vai mudar isso. A mulher foi preparada para liderar a empresa desde que nasceu. Só não tinha confiança e experiência, o que foi ganhando com o tempo — e talvez com um pouco de persuasão da equipe de especialistas da International Guy.

No geral, posso dizer que nossa equipe a ajudou. E muito. Nós lhe demos a confiança de que ela precisava, o senso empresarial para ir fundo e a determinação para seguir adiante. Além disso, mostramos que ela é uma mulher extremamente sexy e arrebatadora, que pode se impor na sala de reuniões — e, sem sombra de dúvida, no quarto. Não vejo a hora de confirmar esse último item.

A garfada final do meu filé é tão boa que me reclino na cadeira e gemo, dando tapinhas na barriga. Bebo um longo gole do vinho tinto que foi servido com o prato e engulo enquanto admiro a beldade diante de mim.

— Sabe, Sophie, estou gostando desta nossa conversa.

— Por que você parece tão surpreso?

Sinto uma onda de constrangimento corar minhas bochechas e me inclino para a frente. Limpo a boca com o guardanapo de tecido e o deixo na mesa.

— Eu nunca tive uma amiga. Não costumo passar muito tempo conhecendo as mulheres que namoro, e estou usando esse termo de maneira leviana.

Ela franze o cenho.

— Por quê?

Torcendo os lábios, eu me recosto na cadeira e passo a mão pelo cabelo.

— Acho que eu sempre temi que elas tivessem a impressão errada, que esperassem um compromisso duradouro. Eu nunca me senti pronto para isso.

Sophie passa as mãos sobre o guardanapo, coloca-o ao lado do prato e pega seu vinho.

— Talvez a questão não seja você não se sentir pronto. Talvez você nunca tenha conhecido uma mulher com quem se sentiu conectado de forma mais profunda.

— Eu me sinto profundamente conectado a você — respondo, sem nenhum filtro.

Porra. Não quero que ela tenha a ideia errada... E aqui estou eu fazendo de novo: me preocupando com o resultado.

Sophie ri.

— E eu a você. No entanto, nós dois concordamos que isso aqui é mais uma amizade — ela curva os lábios em uma expressão atrevida e autoconfiante — com um pouco, ou *muito*, de sexo quente para preencher o vazio.

— Preencher o vazio? — pergunto, imaginando o que ela quer dizer.

— Sem querer parecer uma *bundavaga*, estou ansiosa para acabar com o meu período de seca.

— Bunda vaga! — Tremo de tanto rir. — Você quer dizer vagabunda. Você precisa ver um pouco mais de Netflix!

Ela arregala os olhos quando percebe o que disse e faz um beicinho fofo.

— É, acho que sim.

— Então me conta sobre esse período de seca. De quanto tempo estamos falando? Porque a mulher que caiu de boca em mim hoje não parecia estar sem prática.

Ela sorri.

— Você gostou, né?

— E ainda tenho o círculo vermelho no meu pau para provar.

Ela morde o lábio e meu membro responde, se mexendo de novo. Caramba, preciso estar dentro dela antes que minhas bolas explodam. Sophie apoia o rosto na mão e diz:

— Mais de um ano.

— Mais de um ano que você não transa?

— *Oui*. *Triste mais vrai.*

— Em inglês, meu bem.

— Triste, mas é verdade. — Ela franze a testa.

— Um ano? Trezentos e sessenta e cinco dias sem se divertir?

— *Oui* — diz ela, com uma expressão sombria, deslizando o indicador na borda da taça de vinho.

Como é possível que essa mulher passe uma semana sem que alguém dê em cima dela, a convide para sair e tente levá-la para a cama? Independentemente da resposta, não vou permitir que isso continue por mais um minuto além do necessário.

Eu me levanto abruptamente, pego sua mão e a ajudo a ficar em pé.

— Que foi? — ela pergunta.

— Vamos resolver isso agora. Vem.

Puxo sua mão e ela se apressa para me acompanhar. Estou em uma missão, e nada vai me impedir.

— Parker... o que deu em você? — pergunta ela, arfando, enquanto aperto o botão para chamar o elevador e voltar ao andar principal. Já estou digitando em meu celular para que o motorista esteja pronto.

— Sophie, quieta, ou vou acabar comendo você encostada na parede do elevador. Estou falando sério.

— No Louvre? Não! — ela arfa.

— *Oui!* Esse seu período de seca acaba agora.

9

O cheiro de açúcar e especiarias preenche minhas narinas enquanto passo a língua no pescoço de Sophie. Eu a prensei na porta da casa dela, e minhas mãos apertam sua bunda.

— Não me canso do seu cheiro, Sosso.

Mordo a curva de seu pescoço, onde ele encontra o ombro, tentando desesperadamente capturar sua essência entre os dentes. Sophie geme, arrancando o paletó de meus ombros e o deixando cair no chão. O casaco dela eu tirei antes mesmo de sairmos da limusine. Nós nos empolgamos tanto no carro que François fechou o vidro interno.

— *S'il te plaît. Emmène-moi au lit* — Sophie murmura, passando as unhas pelas minhas costas.

Arrepios de necessidade ricocheteiam de cada um desses dez pontos diretamente até a ponta dos meus pés. Ofego contra sua clavícula e deslizo o queixo entre o tecido de sua roupa e seu peito. Enrosco um dedo na alça do vestido e a puxo pelo braço. Ela encolhe os ombros e a outra alça desliza por seu bíceps.

— Tenho certeza que você disse *por favor* e *cama*. O resto não importa. — Pego um dos seios pequenos dela e o cubro o máximo que posso com a boca, lambuzando o mamilo com a língua.

— *Oui*. Cama. Agora. — Ela deixa o vestido cair até a cintura, onde fica preso.

Eu me afasto um pouco, com as mãos em seus quadris e os olhos em seu peito.

— Linda, baby. Agora exiba esses peitos para mim.

Ela se arqueia, oferecendo os seios nus, com as costas na porta, os braços nas laterais do corpo, apoiando as mãos na madeira. Seu corpo ondula sedutoramente enquanto passo o dedo no meio de suas clavículas, entre os seios, parando no umbigo. Provoco a entrada, enfio o dedo e esfrego, até seu corpo ficar trêmulo.

— Está sentindo isso no clitóris, não é, Sosso? — Passo a unha de leve dentro do seu umbigo, até ela se contorcer. — Sim, está — digo, presunçoso.

— *Oui, oui. S’il te plaît, Parker... S’il te plaît.*

— Não tenha pressa, *ma chérie*. Eu pretendo te venerar, acabar com essa seca e substituí-la por algo que vai durar um bom tempo.

— Parker, não me torture — ela sibila e fecha os olhos quando tomo seu mamilo nos lábios e o chupo. Suas mãos voam para meu cabelo e ela me segura contra o peito. Mas nem precisa: pretendo me dedicar a esses bicos durinhos até ela ficar tão molhada que eu possa beber o mel da sua boceta.

Belisco e puxo seu outro seio. Suas mãos estão inquietas em mim, até que ela percebe que também pode brincar. E é aí que vão para o meu cinto. Como antes, seus dedos são ágeis. Estou distraído com seus seios suculentos e só percebo quando já é tarde demais. Ela pega e aperta minhas bolas.

— Sosso, vai com calma, baby. — Tento me afastar, mas ela aperta mais forte, determinada. Consigo libertar minhas bolas e esfrego toda a minha extensão em seu corpo, precisando do atrito.

— Me leve para a cama. Agora — ela rosna, mostrando os dentes brancos. Cada palavra é como o golpe de um chicote na ponta do meu pau.

— Peça e receberá, *ma chérie*.

Tiro a mão dela de dentro da minha calça, engancho o braço atrás de seus joelhos e a levanto como a uma princesa. Seus seios balançam sedutoramente enquanto eu caminho pelo corredor até o quarto dela.

Sophie não perde tempo. No segundo em que a levanto, sua boca já está no meu pescoço, chupando, lambendo, mordendo, me deixando louco de tesão. Tão louco que, quando chegamos ao quarto, eu fecho a porta com um pontapé e a jogo na cama como um saco de batatas.

Ela ri, caindo na nuvem de travesseiros roxos e dourados.

— Tire a roupa.

Ela ergue uma sobrancelha enquanto me desfaço da calça e a deixo cair aos meus pés. Tiro os sapatos, as meias e chuto a calça longe enquanto desabotoo a camisa. Ela se livra do vestido, mostrando o corpo completamente nu. Eu não estava errado.

— Você vale ouro, baby. Olhe só para você, deitada diante de mim como a joia mais rara. É hora de te mostrar o seu valor.

Caminho em direção à cama. Sophie esfrega as pernas uma na outra, e não é preciso ser um gênio para saber que está pressionando o pequeno feixe de nervos com o qual estou prestes a me familiarizar.

— Abra as pernas. Quero ver cada centímetro seu.

Sem escrúpulos, sem reclamações nem discussão, Sophie obedece, me oferecendo seu tesouro mais doce.

Apoio um joelho na cama, seguro suas pernas abertas, pouso as mãos no

interior de suas coxas e baixo a cabeça. Seu almíscar natural se mistura com o açúcar e as especiarias que eu amo, me fazendo delirar. Meu pau parece um tubo de aço, esticado ao máximo. Ignoro a fera, mergulho e lambo o centro dela, do ânus ao clitóris, onde me demoro fazendo uma série de oitos com a língua. Ela tenta fechar as pernas, mas não permito.

— Deixe as pernas abertas enquanto eu te deixo molhada, louca e te faço gozar mais forte do que você já gozou na vida. Caramba, Sosso. — Eu a lambo e a fodo com a língua, sorvendo seu mel. — Nenhum homem provou essa boceta linda durante um ano. Que desperdício!

E essa é a verdade. Ela tem gosto de açúcar, especiarias e tudo de bom, igual ao seu cheiro. Divino. Enfiando dois dedos dentro dela, eu os dobro, encontro o ponto certo e vou fundo.

Um fluxo de obscenidades — penso eu — em francês enche meus ouvidos enquanto mergulho o rosto em seu sexo mais uma vez.

— *Parker, oui. Oui. Plus fort. Plus fort.*

— Você quer mais e mais forte?

Ela força os quadris para cima. A melhor oferta que recebi a noite toda. Cravando os dedos em sua bunda, mergulho a língua profundamente, o máximo que posso, e sinto o gosto da joia escondida dentro dela. Ela dá um pulo, entrelaça os dedos em meus cabelos e cavalga em meu rosto. Mal posso acompanhar o cavalo selvagem debaixo de mim.

Eu a chupo profundamente e mexo os dedos para dentro e para fora de sua fenda encharcada, e poucos minutos depois ela trava as pernas na minha cabeça, arqueia o corpo e grita para os céus.

Continuo a chupar e beijar sua boceta, ajudando-a a ter o maior de todos os orgasmos.

Quando ela está completamente mole, subo pelo seu corpo, deixando uma trilha de beijos, e aperto cada mamilo antes de tomar sua boca. Então a faço provar de si mesma.

— Viu como você vale ouro? Tem gosto de mel e de sol.

Ela suspira, enrosca o corpo ao meu, desliza a mão entre nós e ataca meu pau. Dessa vez eu gemo e me esfrego em sua mão, necessitando estar dentro dela... *agora*. Ela desce para se encaixar, mas eu a interrompo.

— Vou pegar um preservativo, *ma chérie*.

— Não precisa, eu sou saudável e estou protegida.

— Eu também, mas vou querer chupar você de novo. E, embora goste de compartilhar seu gosto com você, não tenho vontade de provar o meu. Sacou?

Ela ri e segura meu pau, girando o polegar na pontinha.

— Saquei.

— Agora solte a fera para eu poder emborrachar.

Sophie se estica languidamente enquanto eu recuo, pego minha calça e a tira de preservativos que coloquei ali mais cedo.

— Pelo que vejo, você veio disposto — diz ela, olhando para os cinco preservativos que deixo na cama, ao lado de suas pernas.

— Esperançoso, talvez. Disposto, definitivamente. — Deslizo a mão por sua panturrilha e coxa bem torneadas até o seio, onde começo a girar e puxar, fazendo seu mamilo endurecer ainda mais.

— *Tellement bon* — ela murmura quando mudo de seio, trabalhando no outro mamilo até os dois parecerem morangos maduros.

Antes de eu chegar a sua boca, a dócil Sophie vira uma tigresa. Com uma força que eu não sabia que ela tinha naquele corpo tonificado e flexível, ela me vira, de modo que fico de costas na cama e ela montada em mim.

— Minha vez de brincar. — E sorri maliciosamente, jogando o cabelo comprido para trás.

— Fique à vontade, *ma chérie*.

Levo as mãos para trás da cabeça e deixo que ela me devore. Ela começa beijando meu queixo, pescoço e passando a mão pelos meus peitorais. Seus dedos roçam meus mamilos em círculos e seguem os sulcos em meu abdome.

— Você é tão forte... Tem os maiores músculos que eu já vi. — E passa as mãos por todo o meu peito, como se estivesse realmente vendo algo novo.

Eu sorrio.

— Continue. Você está fazendo meu ego inflar.

Ela olha para meu pau, pega-o pela base e diz:

— É assim que os americanos chamam um pau duro? De ego?

Eu rio, mas meu riso se transforma em gemido quando Sophie esfrega sua fenda quente e a escorrega por todo o meu comprimento, para a frente e para trás, rebolando a cada vez. Com os dedos, procuro e encontro uma embalagem metálica na cama, rasgo-a com os dentes e tiro o látex, então entrego a ela.

— Me encape, babe. Quero estar dentro de você — digo, exigente e firme.

Ela sorri, coloca a camisinha na ponta do meu pau e a desenrola. Estou tão duro por ela que sinto esse movimento até nas bolas.

— Pode sentar.

— Com prazer — ela sussurra, de joelhos, centrando sua fenda e descendo no meu membro.

Aperto seus quadris enquanto as paredes de seu sexo estrangulam meu pau.

— Fode gostoso. Esse ano na seca valeu, você está toda apertadinha, baby — rosno, cravando os dedos em seus quadris.

Ela geme, inclina a cabeça para trás e rebola até que suas paredes se abrem e

me deixam entrar até o fundo. Mesmo depois de um orgasmo, ela está apertada pra caralho. Eu empurro para cima enquanto ela desce, até entrar tudo. Seu rosto é uma máscara de prazer e dor. Querendo que seja bom para ela, deslizo o polegar em sua carne escorregadia, conectada à minha, e encontro o clitóris, então aplico a pressão necessária. A resposta é instantânea, e não apenas na expressão de choque em seu rosto. Suas pernas ficam tensas, sua boceta se fecha e eu urro em êxtase.

— Se mexe, Sophie, ou eu vou assumir o controle — aviso, com os dentes apertados.

— *Oui*. *Mon Dieu*, você é tão grande.

Sorrio, amando suas palavras. Seu corpo ondula sobre o meu, mas seus movimentos contidos não são suficientes. Nem de longe.

Girando e ficando de joelhos, colo seu peito no meu. Ela passa as pernas em volta da minha cintura e os braços ao redor dos meus ombros. Eu a ergo e meto com força. Ela arqueia o pescoço, e um arrepio percorre minha espinha, aterrissando na base do meu membro.

— Eu vou te comer com força, Sophie. Espera só, baby, você vai me sentir ao longo da semana... — eu a levanto de novo, e ela crava as unhas no meu ombro, do jeito que eu gosto — ... inteira.

Eu a derrubo de costas na cama e continuo metendo fundo. Ela salta em meu pau, como uma boneca de pano.

— Ah... vou gozar... — Seu corpo fica tenso, e tudo se torna tão apertado que eu mal posso me segurar.

Quando o orgasmo a domina, eu a deito de volta no colchão, pego uma de suas pernas e a empurro para cima, alta e bem aberta. Meu pau entra mais alguns centímetros nessa posição, e eu aproveito a nova profundidade como se fosse minha última chance.

Sophie grita uma ladainha de palavrões em francês e continua gozando. Ela crava as unhas tão fundo em minhas costas que eu tenho que pegar seus braços, entrelaçar nossos dedos e pressioná-los na cama, acima de sua cabeça. Continuo fodendo até que todo o meu corpo fica quente, em chamas. O suor escorre pelas minhas costas, deslizando pelas costelas.

— Não consigo parar de te comer — rosno, metendo fundo dentro dela.

O rosto de Sophie se contorce em uma expressão de deliciosa agonia. Ela mantém a boca aberta, os olhos bem fechados.

— Eu adoro o seu pau — sussurra.

E isso é tudo que preciso ouvir. A gota-d’água. Minhas bolas se retesam dolorosamente, prontas para explodir. Arqueio as costas e forço os quadris para baixo, esmagando seu clitóris com a pelve, enquanto a explosão detona na base

da minha coluna, me destruindo com seu esplendor. Eu entro fundo, solto meu peso sobre ela, cravo os dedos em seus ombros e me seguro firme. O gozo jorra de dentro de mim no preservativo. Estou tão entregue que não percebo imediatamente Sophie agarrada a mim, sussurrando docemente em meu ouvido enquanto meu corpo treme e se agita contra ela. Todo o meu peso está sobre ela quando estremeço uma última vez. Exalo toda a tensão reprimida que acumulei esperando para ter esta mulher na minha cama. Por fim... alívio.

Ela corre os dedos para cima e para baixo em minhas costas, suavemente. Beija minha têmpora, a bochecha, a testa — tudo o que seus lábios podem alcançar. Alguns minutos depois consigo respirar mais naturalmente, e meu pau amolece o suficiente para eu saber que preciso sair de dentro dela. Escorrego a mão entre nós e aperto o preservativo para ter certeza de que não vai escapar.

Deslizo para fora e ela me solta, com os olhos semicerrados e a expressão de uma mulher que acabou de ter o melhor orgasmo da sua vida.

— Volto logo — digo, a beijo suavemente e vou ao banheiro.

Quando volto, ela está debaixo das cobertas, com o outro lado dobrado, como um convite. Deito, passo o braço ao redor dela e pressiono meu membro em sua bunda nua.

— Tudo bem, *ma chérie*?

Ela boceja.

— Nunca estive melhor.

— Durma. Amanhã é outro dia.



Na manhã seguinte, na sede do Grupo Rolland, estou sentado em seu sofá enquanto ela encara o sr. Girard.

— Você entende as consequências das suas ações, sr. Girard? — A voz de Sophie é fria, calma e completamente segura.

O pilantra — como comecei a chamá-lo em minha mente — dá um sorriso afetado. Juro que vou quebrar esse inútil ao meio se ele continuar com essa cara de indiferença. Imbecil.

— Posso ver pelo seu sorriso que você não entendeu, de modo que vou lhe explicar em termos mais simples. Você recebeu sete queixas detalhadas por assédio sexual. Uma mulher registrou várias ocorrências do referido assédio, incluindo toques inapropriados. Isso é motivo para demissão imediata por justa causa.

O homem magro e loiro, que obviamente acha que sua merda não fede, balança a cabeça e alarga o sorriso. Eu ranjo os dentes. Que vontade de arrancar

esse sorriso da cara dele.

— Você não vai me demitir — o pilantra declara, resoluto.

Sophie inclina a cabeça e olha fixamente para ele.

— Não?

— Não. Meu pai faz parte do conselho de diretores, é um investidor da empresa. Você não pode fazer nada. — Ele se levanta e abotoa o paletó. Sophie aperta as mãos na lateral do corpo.

Muito bem, Sosso. Mantenha o controle. Você consegue, incentivo-a mentalmente.

— Lamento dizer, sr. Girard, mas isso já foi feito. Você está demitido do Grupo Rolland. Não confio em você nem para recolher seus pertences pessoais na sua sala, de modo que eles já foram embalados. — Ela aponta para uma caixa na mesa diante dele.

— *Espèce de salope! — Sua vagabunda*, ele grita e avança para Sophie, prensando-a contra a parede com a mão em volta de seu pescoço.

Antes que eu possa arrancá-lo de cima dela, ela já levou dois socos no rosto. E ele tenta atacar mais uma vez, enquanto ela desliza parede abaixo, atordoada.

— Filho da puta, eu vou matar você! — Eu o esmurro com tanta força que sua cabeça voa para trás e ele cai em cima da mesa lateral, derrubando uma luminária, que se estraçalha no chão. Estou em cima dele antes que possa levantar e golpeio sua cabeça no tapete. — Você bateu em uma mulher, seu merda!

A porta se abre e posso ver a sombra de Royce. Um calor eletrificado domina o ar quando ele vê Sophie caída do outro lado da sala, ensanguentada.

— Ah, merda! — exclama, entrando na sala, com outro homem atrás.

— Park! Solta o cara — grita Bo.

Balanço a cabeça e soco o canalha de novo, satisfeito com o som de ossos esmagados enquanto a pele dos meus dedos se rasga. Não me importo e levo a mão para trás para esmurrá-lo de novo. Tudo o que vejo é vermelho.

Alguém segura meu braço e me puxa para trás. Sinto cheiro de couro e pinho. Bo.

— Não vale a pena, meu irmão. Você já deu uma lição nele, quebrou o nariz do cara. Ele vai respirar pela boca por um bom tempo. — Bo mantém os braços apertados em volta do meu peito enquanto eu arfo e rosno para o homem ensanguentado, deitado em posição fetal, gemendo.

— Não o suficiente — digo, agitando as pernas. — Eu não me importaria se ele tivesse que respirar por um tubo.

Bo dá um tapa em meu peito com força suficiente para fazê-lo ecoar e o esfrega em círculos, tentando me acalmar.

— Eu te entendo. — Espalma meu peito e crava os dedos em meu coração. — Eu te entendo. Mesmo assim, não vale a pena o transtorno.

Um soluço interrompe minha sede de sangue. Volto a cabeça bruscamente, procurando Sophie.

— Sosso!

Bo me solta e vejo Royce pegá-la no colo e levantá-la do chão. Ele a leva para o sofá e a abraça, sussurrando e acariciando seu cabelo.

— Você vai ficar bem, meu doce. Já acabou. O Park deu uma lição nele. Você não tem com que se preocupar agora, querida — balbucia enquanto os ombros dela tremem e ela esfrega o rosto machucado no pescoço dele.

Aperto os dentes ainda mais quando outro homem, mais velho, de terno azul-marinho, cabelos grisalhos e uma careta, entra na confusão.

— O que está acontecendo aqui? Recebi um telefonema da sua assistente para vir até o centro da cidade e encontro o meu filho sangrando, caído no chão. É melhor alguém me dizer agora mesmo o que aconteceu, antes que eu chame a polícia — diz ele, eriçado.

Mais uma vez, Bo me segura antes que eu possa voar para cima do Girard pai.

— O seu filho acabou de agredir a Sophie! — sibilo.

Ele leva a cabeça para trás e franze o cenho. Seu olhar vai do filho, encolhido no chão depois da surra que lhe dei, para Sophie, que agora o fita com o nariz sangrando e os lábios inchados, assim como a área ao redor do olho esquerdo. Ver seu rosto perfeito todo machucado me provoca uma raiva tão intensa que sinto meus dedos se apertarem e estou pronto para socar aquele merda mais uma vez.

— Calma, cara. Ele já está no chão e vai enfrentar uma batalha judicial dos infernos — afirma Bo.

— Como é? Está dizendo que o meu filho a atacou? Por que diabos ele faria isso? — o pai pergunta, com voz monótona e desprovida de emoção.

Sophie tira as pernas de cima das de Royce, que a ajuda a levantar. Em seu pescoço vejo marcas vermelhas que provavelmente estarão roxas ao anoitecer. Sua voz é áspera quando fala.

— Eu o demiti.

— *Por quê?* — Girard pai avança sobre Sophie, e Roy se coloca diante dela, esticando o braço na direção dele. Bo ainda me segura com força.

— É melhor recuar dez passos. Esta mulher acabou de ser agredida. Você acha que ela quer ser atacada verbalmente por outro homem? Acho que não. Para trás. — Sua voz é baixa e promete dificuldade para quem lhe desobedecer.

O sr. Girard parece entender e retrocede.

— Agora, acho que você precisa esfriar a porra da cabeça para que possamos

explicar a situação por completo — Royce ordena.

O homem aperta os lábios e anui.

— Vá em frente, Sophie — diz Roy, pondo-se de lado, mas perto.

Eu tenho os melhores amigos do mundo.

— Seu filho tem assediado mulheres nesta empresa há dois anos. Uma delas é um caso digno de processo por assédio sexual, não apenas contra o seu filho, mas também contra o Grupo Rolland. O sr. Moreau vinha acobertando o seu filho nestes dois anos, pensando que isso ajudaria a você e a ele. Ele também foi demitido. — Ela inspira rapidamente e limpa a garganta. — Eu conversei com as mulheres que ele assediou. Apenas uma foi tocada de forma inapropriada, mas isso já é suficiente para acabar com a empresa. Ela concordou em não prestar queixa contra o Grupo Rolland, ou contra o seu filho, se for deixada em paz. Estou me certificando de que isso aconteça. Além disso, não vou permitir que o seu filho assedie mais ninguém aqui. No entanto, vou prestar queixa por causa deste ataque.

O sr. Girard empalidece. Ele sabe que um escândalo como esse envolvendo o nome da sua família não é um bom presságio para sua carreira.

— Sophie, nossas famílias se conhecem há muito tempo. Tenho certeza de que podemos resolver isso sem envolver as autoridades...

— Eu não sei como. Ele é uma ameaça para a sociedade e para as mulheres em qualquer lugar.

— Eu posso cuidar disso, garanto. Ele vai ser punido de mais maneiras do que um tribunal poderia determinar. Me diga apenas o que é necessário para deixar isso longe dos tribunais e da imprensa.

Sophie torce os lábios em uma expressão de desprezo antes que seu semblante e sua atitude adquiram uma serenidade da qual eu não sabia que ela era capaz, especialmente depois de ter sido estrangulada e socada duas vezes.

— Você vai abrir mão da sua posição no conselho. Vai me vender a sua participação de dez por cento na empresa e eu nunca mais vou ver nenhum de vocês dois.

— Sophie...

— Esse é o preço para eu não prestar queixa. — Seus olhos são verdadeiros punhais. — Quero os Girard longe da minha empresa e de mim.

— Você não pode tirar de um homem o seu investimento suado...

Ela endireita os ombros e a coluna.

— Eu posso e vou. Se me der a sua palavra de que vai me vender suas ações e renunciar ao conselho, este assunto desaparece. Pegue o seu filho desprezível e desapareça da minha vida. O acordo é agora ou nunca. — Ela vai até o telefone e o pega. — Devo ligar para a polícia e prestar queixa, ou para o meu advogado,

para redigir os documentos? Você escolhe.

Nesse momento, percebo que nosso trabalho aqui está concluído. Sophie vai ficar bem administrando o Grupo Rolland. Na pior situação possível, ela foi forte, inteligente e implacável. Exatamente o que precisa ser para administrar uma empresa deste tamanho e magnitude. No futuro, vou garantir que ela compreenda a necessidade de ter um segurança ao lado nas reuniões em que precise dizer a um homem algo que ele não queira ouvir. Como o fato de que está demitido.

Por anos eu vou me sentir culpado por não ter conseguido reagir com rapidez suficiente para impedir que ela fosse ferida. Se eu desconfiasse de que Enzo Girard poderia ser violento, teria me sentado ao lado dela, não do outro lado da sala, relaxado, checando meus e-mails. Respiro fundo; Bo deixa cair as mãos e me dá um tapinha nas costas. Com sua bota, ele cutuca o homem no chão.

— Você está morto? — E chuta a canela do sujeito, não com força suficiente para machucar, mas para chamar atenção.

Ele geme e se encolhe mais.

— Não, não está morto.

— Deixe o meu filho em paz. Você já fez o suficiente! — diz Girard pai, voltando o olhar em chamas para mim.

— Nem perto do suficiente, depois de ele estrangular e socar a Sophie várias vezes, enquanto batia a cabeça dela na parede.

Girard pai fecha os olhos.

— Sinto muito, Sophie. Nada justifica que um homem ponhas as mãos em uma mulher.

Royce entra em cena.

— É isso aí. Agora, você vai assinar o acordo ou não? Estou ficando cansando desse impasse entre você e a Sophie.

— *Oui*. Vou assinar — diz o homem, deixando cair os ombros, derrotado.

— Vou mandar o meu advogado preparar os documentos e ligo para você amanhã de manhã — ela confirma.

— Certo. Posso levar o meu filho para o hospital agora?

Ele olha para mim e depois para Roy, que é quem, compreensivelmente, mais o intimida. Mesmo eu tendo batido em seu filho, Royce é um sujeito assustador quando quer, e neste momento parece capaz de enfrentar Evander Holyfield.

— Se você insiste... Apesar de que, considerando o que ele fez, eu o deixaria curtindo a dor um pouco mais, para aprender uma lição inesquecível — diz Roy, colocando as mãos nos bolsos e olhando para o arremedo de homem que eu espanquei.

O sr. Girard vai até o filho, Bo pega o outro braço do sujeito e juntos eles o

levantam.

— Vou te ajudar a levar o lixo para fora — meu amigo diz e sorri, nem um pouco preocupado com o tato.

— Adeus, sr. Girard — Sophie se despede enquanto eles saem pela porta e de sua vida.

Abro os braços e ela vem direto até eles.

10

Pelo reflexo do espelho, vejo os hematomas no rosto de Sophie praticamente curados.

— Mesmo que você esteja bem agora, Sosso, eu ainda me sinto mal pra caralho por não ter conseguido impedir aquilo. — Eu a abraço por trás e beijo seu pescoço enquanto ela se prepara para dormir.

Já faz uma semana que aquela confusão aconteceu. Passei todas as noites com ela, com a cabeça em um travesseiro em sua cama. Transamos inúmeras vezes, consolidando nosso vínculo, curtindo a companhia um do outro. Nunca na vida tive uma amiga como Sophie. Ela é doce, gentil, sensível e muito boa de cama. Liberal e gosta de foder tanto quanto eu.

Royce trabalhou na empresa com ela durante o dia, passando por todos os departamentos, certificando-se de que ela esteja totalmente preparada para assumir o comando sem preocupações.

Bo garantiu que seu guarda-roupa esteja abastecido. Ela teve aulas de maquiagem e agora sabe combinar joias, roupas e sapatos para cada ocasião. E ele terminou a maior parte dos dias com uma “mocinha” diferente. Diz que as francesas são doces por dentro e por fora. Eu também sei que isso é verdade.

Amanhã vamos partir. De volta aos Estados Unidos.

— Você está triste — diz ela, se virando e passando os braços em volta do meu pescoço.

— Não achei que ficaria. Eu sempre fico feliz de voltar para casa, especialmente depois de semanas fora. Mas...

Ela sorri.

— Você vai sentir a minha falta.

É isso. Minha menina é superdoce e direta, como de costume.

— Sim, Sosso. Vou ficar com saudade de você.

Sophie passa as mãos pelo meu cabelo, afastando-o de minha testa.

— Eu também vou sentir a sua falta. — A mão dela desce pelo meu abdome nu e pega meu membro. — E, principalmente, vou sentir falta do seu pau, *chéri*.

Rio e encosto a testa na dela enquanto ela solta minha quase ereção. Eu me inclino e beijo seu pescoço, inalando seu perfume divino, tentando gravá-lo na

alma.

— Você adora meu cheiro, *n'est-ce pas*? — pergunta ela, do nada.

— Acho que a esta altura você já sabe disso, *ma chérie*. Nunca consigo absorver o suficiente. Nem quero. — Especialmente porque a primeira coisa que faço quando vejo Sophie é mergulhar o rosto em seu pescoço e inalá-la. E também é a última coisa que faço antes de fechar os olhos, quando estou na cama com ela.

Seus olhos se iluminam e um grande sorriso surge em seu rosto. Ela empurra meu peito, e franzo o cenho.

— Eu estava gostando de você tão perto — digo com um beicinho.

Ela ri, passa por baixo dos meus braços e corre para o quarto. Vejo sua bunda balançar dentro de um short minúsculo de cetim rosa-claro que faz conjunto com uma regatinha. Ela pega algo na cômoda e volta para o banheiro.

— Leve com você quando for embora amanhã — diz, me estendendo um vidro de perfume. — É a minha marca especial. Eu mesma faço essa fragrância no laboratório, não está à venda. Você não vai conseguir em lugar nenhum. Assim, quando sentir a minha falta e quiser pensar na sua amiga de Paris, vai poder sentir o meu cheiro.

Pego o vidro dourado em forma de coração, quase do tamanho de uma bola de golfe. Retiro a tampa, levo-o ao nariz e inalo. Seu perfume enche minhas narinas e eu sorrio.

— *Merci beaucoup*.

Ela abre um sorriso enorme, passa os braços em volta do meu pescoço e me beija. Deixo o vidro em segurança em cima da pia e a puxo para mim. Quando já estamos os dois ofegantes e meu pau está duro contra sua barriga, mordisco seu lábio e levanto o rosto.

— E o que você quer de mim?

— Eu diria que meia dúzia de orgasmos, para começar.

À menção da palavra *orgasmo* meu membro palpita, querendo sair da cueca subitamente apertada.

— Seis... Meio gananciosa, *ma chérie*.

Ela dá de ombros.

— Esse perfume é caro. Você precisa trabalhar para pagar por ele.

Minha doce Sophie, não mais tímida. A mulher diante de mim é confiante, forte e sabe o que quer, na cama e fora dela. Eu adoro isso. E a adoro.

Espalmo sua bunda e começo a conduzi-la de costas para a cama.

— Então é melhor eu começar. — Como da primeira vez, eu a levanto e a jogo na cama macia, encantado com seus gritinhos de prazer.

Quando acabo de abalar o seu mundo, eu a puxo para meus braços, seu peito

nu no meu, sua coxa sobre minhas pernas.

— Valeu o preço? — brinco, tentando amenizar uma situação que sinto que está ficando pesada, sabendo que, quando eu acordar, em poucas horas, será para deixá-la. Ainda assim, como ela está pagando duzentos e cinquenta mil dólares, preciso saber que não só o tempo que passou comigo valeu a pena, mas também a contratação da International Guy.

Sophie é inteligente e capta rápido.

— Eu já recomendei seus serviços a uma série de empresárias conhecidas. Então, *oui*, valeu o preço.

— Bom saber. E valeu a pena ficar tão próxima de mim? — pergunto, mal reconhecendo minha voz, devido à emoção que a domina.

Quando comecei esta história com Sophie, eu não tinha ideia de que me sentiria tão ligado a ela. Não a ponto de querer largar tudo, casar e ter filhos, mas definitivamente ela é alguém que eu quero conhecer mais e com quem pretendo continuar me relacionando em outro nível.

Amizade.

Com uma mulher.

Com *essa* mulher.

Sophie.

Ela aperta meu peito.

— Independente do que você pensou, ou do que eu tinha em mente quando contratei vocês, as coisas evoluíram, Parker. Você me deu muito mais que confiança e as ferramentas necessárias para administrar a empresa. Vocês três juntos me fizeram mudar, fizeram de mim uma nova mulher, de quem eu me orgulho.

Eu a aperto em meus braços e passo o queixo em seu cabelo desgrenhado de sexo.

— Meu carinho por você cresceu, Parker, como amigo. Como um homem de quem eu agora gosto, por quem tenho um interesse pessoal. Eu quero te ver feliz, quero que você encontre uma mulher que um dia lhe dê isso. E quero uma vida inteira de felicidade com um homem um dia, também. Mas isso não muda o fato de que você se tornou o meu melhor amigo e eu te amo como se fosse da minha família. Eu tenho poucos parentes. Não quero nunca perder sua amizade, então não pense que vai embora amanhã e nunca mais vai ouvir falar de mim. Vou te ligar com frequência, e é melhor que você faça o mesmo. Amizade é como uma conta bancária: os dois fazem depósitos e saques iguais, para evitar que a conta aumente ou diminua. A menos que você não queira. — Ela levanta a cabeça e descansa o braço no meu peito para poder olhar em meus olhos.

— Eu também te amo, Sophie, como amiga. E quero que continue assim.

Ela beija meus lábios.

— Que bom. Mas esta é a última vez que vamos ter o que temos nesta cama. Depois de hoje, não vou ser mais sua amiga colorida. Vou ser só a Sophie.

Eu sorrio, passo os braços em volta dela e a beijo.

— Então é melhor fazermos esta última rodada valer a pena.



Meu celular vibra na pia do banheiro. Termino de arrumar a gravata e olho para a tela.

Mago do Dinheiro
Esperando no carro. Se despeça da nossa linda por nós.

A mensagem de Roy provoca uma explosão de eletricidade em meu coração. Eu me inclino para o espelho com os ombros rígidos e a mente confusa e olho para meu rosto. Cabelos loiro-escuros que precisam de um corte já há uma semana, olhos azuis cercados de bolsas pela falta de sono e dois dias de relaxamento nos quais eu não me preocupei com a barba, pois isso implicaria tempo longe de Sosso. E eu precisava desse tempo para poder deixá-la para sempre.

Abro a gaveta do banheiro e pego um dos batons vermelhos Viva Glam que comprei. Lembro de quando o apliquei em seus lábios. Linda. Sorrio, giro o tubo e a cor aparece. Olhando para a enorme penteadeira, escolho o canto superior direito do espelho diante do qual ela geralmente se arruma.

Pressionando com força suficiente para deixar uma boa marca vermelha no vidro, dou à minha nova melhor amiga algo para se lembrar de mim.

MA CHÉRIE,
VOCÊ VALE OURO.
COM AMOR,
EU

Quando termino, jogo o batom estragado no lixo — ela tem mais dois mesmo. Pego o vidro do perfume especial dela. Puxando a manga da camisa, borrifo um pouco no pulso, cubro-o e a seguir coloco o vidro com segurança no bolso do paletó. Seu cheiro de açúcar e especiarias flutua ao meu redor, me deixando feliz

e seguro. Eu sei que ganhei uma amiga. Ela pode viver a um oceano e um continente de distância, mas tenho certeza de que Sophie é uma mulher de palavra e não vai deixar a distância estragar nossa amizade.

Pegando minha bagagem de mão em cima da pia, volto calmamente para o quarto. Sophie está nua, dormindo de lado, os longos cabelos castanhos espalhados no travesseiro. O lençol está puxado para cima, cobrindo seus seios, mas as costas nuas estão expostas. Ela parece um anjo. Pego meu celular e me permito esse instantâneo secreto de sua beleza desprotegida. Tiro a foto, guardo o celular de volta no paletó e vou para a cama. Sento na beirada e passo o dedo pelo braço dela, do ombro até a mão, pegando-a. Ela abre os olhos e sorri suavemente.

— Isso é um adeus? — pergunta, com palavras baixinhas e roucas de sono.

— Sim, é um adeus.

Ela se senta, permitindo que o lençol caia até a cintura, e passa os braços em volta de mim.

— Faça uma boa viagem. E me ligue quando chegar para eu saber que está tudo bem.

Rio em seu pescoço. Sentir o cheiro dela na fonte é ainda melhor que no vidro, e absorvo o máximo que posso.

— Sim, mamãe.

Ela ri e faz carinho em meu pescoço, dando-me um beijo.

— Amigos para sempre. — Suas palavras estão cheias de esperança, confiança e amor.

Descanso a testa na dela.

— Amigos para sempre, Sosso.

— Combinado, Park. — Ela usa o apelido pelo qual os rapazes me chamam e se afasta, me dando dois beijinhos no rosto, não nos lábios. Compreendo o significado: somos amigos agora. Não mais amantes. — *Au revoir*.

Eu entendo por que ela fez o que fez, então, em vez de beijá-la na boca, pressiono os lábios em sua testa.

— Adeus.

Com isso eu me afasto, levanto e saio de seu quarto sem olhar para trás.

Despedidas, mesmo em circunstâncias favoráveis, são uma merda.



A cerveja desce gelada pela minha garganta. Meu pai dá um tapinha em meu ombro e o aperta.

— Bom ver os meus garotos em casa. Fizeram boa viagem? — pergunta.

Já voltamos há alguns dias, e meu pai estava louco para ver o nosso rosto. Pelo menos foi o que ele disse quando eu entrei.

Roy responde primeiro, com um grande sorriso branco:

— Nós sempre teremos Paris. — Ninguém como o grandalhão careca para citar *Casablanca*.

Jogo um amendoim nele, mas ele é rápido e o rebate, erguendo a sobrancelha, arrogante, como se dissesse: “Manda ver”.

— Paris é demais. As mulheres... — Bo balança a cabeça e esfrega o cavanhaque. — Experientes, meu amigo. — Arqueia as sobrancelhas em um gesto sedutor. — Não vejo a hora de voltar. — Então ergue a cerveja e dá um longo gole.

Eu uivo de rir.

— Cara, não tem mais mulheres lá que você já não conheça.

Ele sorri maliciosamente.

— Eu sei. Mas sempre gosto de um repeteco.

Roy sorri e balança a cabeça.

— Um dia a cabeça de baixo vai meter você em confusão. Que o Senhor ajude a mulher que jogar a rede e te pegar pelo pau.

— Vou precisar de uma dose de tequila para essa conversa — diz meu pai, jogando o pano em cima do ombro antes de bater na mesa e voltar para seu posto, atrás do balcão.

Observo o bar aconchegante e percebo todos os detalhes que fazem dele mais que o local de trabalho do meu pai — uma segunda casa, mais até que o meu próprio apartamento.

— No que está pensando? — pergunta Roy, erguendo o queixo. — Sentindo falta da doce Sophie?

Suspiro.

— Sim e não. A gente se despediu como amigos.

— Amigo? De uma mulher? — Bo arregala os olhos e balança a cabeça. — Não é possível, cara. Amizade e mulheres não combinam. É como óleo e água.

— Não, *você* e mulheres não combinam. A Sophie é legal. A gente se divertiu tanto como amigos quanto transando. — Sorrio e lembro da nossa última vez, quando a peguei bem selvagem por trás, a mão dela entre suas pernas, as minhas em sua bunda. — Mas o sexo era fenomenal.

— E você não se apaixonou por ela? — pergunta Roy, com sinceridade, sem julgamento.

— Não. A gente se conectou em um nível profundo e se divertiu na cama, só isso. Eu conversei com ela depois que voltamos, sem ressentimentos. Ela ficou falando de trabalho. Está mergulhada em um projeto que está adorando. Estamos

bem, definitivamente amigos. Acho que ela está entre os meus melhores amigos agora.

Bo volta a cabeça para mim.

— Sério?

— Sim. Eu gosto da amizade dela, cara. Nunca tive uma amiga antes. É diferente, mas eu acho legal. Ela me dá outro ponto de vista sobre as coisas. As mulheres são incríveis quando se trata de ver o lado emocional e sincero da vida. Ela sempre vai ser um porto seguro para mim, e espero que eu seja para ela.

Roy assente.

— Entendo. Bom, eu sabia que você estava na dela, mas também dava para ver que não ia durar muito.

— Isso também foi recíproco — acrescento, saboreando outro gole de cerveja.

— E agora? — pergunta Bo. — Para onde?

Abro a agenda no celular e noto minha mão tremer levemente. Eles não vão acreditar em quem é a nossa próxima potencial cliente. Eu ainda não acredito. A fim de ir direto ao assunto — porque, uma vez que eu disser quem é a cliente, eles nunca mais vão parar de falar —, começo com a parte fácil.

— Em primeiro lugar, precisamos começar a entrevistar os cinco candidatos que o Andre arranjou para o cargo de assistente executivo.

Royce assente e bebe seu uísque. Bo franze a testa e resmunga baixinho.

— Você vai conhecer todos eles — digo, apontando para seu peito de forma acusadora.

— Meu irmão... quando você escolher o candidato que quiser, eu vou conhecer. É o melhor que posso fazer por você — diz Bo, jogando um salgadinho na boca.

Ser sócio de uma empresa implica fazer o que o outro não quer. Bo não está interessado em selecionar nosso novo assistente, nem é sua obrigação. Eu posso escolher a pessoa, e ele vai aceitar o que eu decidir. Por enquanto, deixo passar. Quando surgir algo que eu não queira fazer, a vingança será maligna, e ele vai ter que assumir, porque vai me dever uma.

— Tudo bem — concordo.

— Valeu — diz ele, sugando sua cerveja até o fim.

— Em segundo lugar, eu recebi um e-mail muito surpreendente sobre um novo trabalho. — Fico chocado por conseguir manter a voz firme.

— É mesmo? — pergunta Royce.

Bo se inclina para a frente.

— De uma agente. — Pigarreio.

— Que tipo de agente? — Bo quer saber.

— Do tipo que trabalha com atores de primeira linha — respondo, girando o

porta-copos na mesa.

— Primeira linha? — Roy ergue as sobrancelhas.

Aperto os lábios.

— Parece que a agente da Skyler Paige quer a nossa ajuda para algo especial.

— Skyler Paige? Está me tirando! — diz Bo, batendo na tigela de salgadinhos e fazendo o conteúdo voar e se espalhar pelo chão.

Meu pai grita do balcão:

— Vou pegar a vassoura.

— Valeu — Bo responde.

— Caraaamba. A Skyler Paige é famosona... e também é o seu maior crush de todos os tempos — diz Roy, bebendo e sorrindo largamente.

Faço cara feia e aponto para ele.

— Não se atreva a falar merda! Se a agente da Halle Berry ligasse e pedisse para trabalharmos para ela, você ia chorar feito um bebê!

Royce ri.

— Longe disso. Eu cairia de joelhos e agradeceria ao Senhor pelas minhas muitas bênçãos. Aí eu faria de tudo, até aquela mulher ter a minha aliança no dedo. Esse seria o grande dia.

Desta vez eu morro de rir. Uma vez que estabelecemos nossa admiração por Skyler Paige e Halle Berry, Bo entra na conversa:

— E por que a mulher que tem fama, fortuna e um visual de matar precisa da gente?

— Pois é. Especialmente depois que ela rendeu cem milhões de dólares no cinema sozinha. — *Valeu, Google*, penso, balançando a cabeça. — Ainda não sei. Mas já marquei uma reunião ao vivo com a agente.

A sobrancelha de Roy está erguida mais uma vez.

— Reunião ao vivo? Em Boston? Não imaginei que essa agente morasse aqui.

— Não, ela vem de Nova York. É lá que fica a residência principal da srta. Paige. Parece que ela quer discrição absoluta.

Bo estende o braço no encosto do sofá.

— Skyler Paige. Bonita, gostosa e talentosa. Eu vi todos os filmes dela.

Estreito os olhos para ele.

— Ela faz basicamente filmes de mulherzinha.

— Sim... e daí? Eu também tenho um pau, e ele gosta de entrar em ação. Portanto, quando uma mulher que eu quero comer quer ver um filme, eu a levo. Isso me dá a chance de entrar nas preliminares no início do encontro. Você sabe, escurinho do cinema...

Bo nunca deixa de me surpreender. Em vez de dar trela a seu comentário, sigo em frente.

— Tudo que eu sei é que a agente quer contratar a IG.

— Como elas souberam de nós? — pergunta Roy.

Abro um largo sorriso e lhes dou um nome.

— Sophie.

— A garota já está fazendo indicações? Você deve ter sido selvagem — elogia Roy.

Eu rio.

— Seja como for, ela tem muitos contatos com gente importante na indústria da beleza, o que aparentemente inclui a srta. Paige, que acabou de fazer a campanha de um perfume do Grupo Rolland. Quando a agente falou com a Sophie, ela nos recomendou para o que quer que a srta. Paige precise. Não faço ideia do que seja, mas vou descobrir na reunião.

— É isso aí — diz Bo. — Eu adoraria conhecer a Skyler — ele sorri maliciosamente.

Balanço a cabeça, já me arrepiando. *Ela é minha.* Penso isso, mas não digo. Os rapazes sabem que eu sou louco pela estrela loira.

— De jeito nenhum. Você não vai chegar nem perto da Skyler Paige até nós sabermos qual vai ser o trabalho. E mesmo então vai ficar longe. Assim como a Sophie, a Skyler não é uma das suas "mocinhas". Ela é uma cliente, uma cliente muito rica que precisa dos nossos serviços.

— Entendi. Você pode trepar com elas, mas eu não — ele resmunga baixinho, mas eu consigo ouvir.

— É isso mesmo. Você viu a Sophie chorando por mim diante de uma garrafa de vinho? — Espero até que Bo entenda o que quero dizer. — Não. Não viu. — Outra carranca. — Ela está falando mal da International Guy?

— Já entendi. Continue — diz ele, fazendo um movimento com a mão. Ele sabe que não tem a melhor reputação quando se trata de misturar negócios e prazer. Ainda assim, geralmente faz com que tudo dê certo para nós no fim.

— Quando vai ser a reunião? — pergunta Roy no momento em que meu pai chega com a vassoura e uma bandeja de bebidas: uísque para Roy, chope para mim, cerveja para Bo.

Meu pai deixa as bebidas na mesa e Bo pula do assento.

— Deixa comigo. Eu limpo a bagunça que fiz. — Pega a vassoura e meu pai volta para o balcão.

— No fim da semana — respondo para Roy. — Vou mantendo vocês informados. Enquanto isso, vamos resolver algumas coisas menores. Vou analisar as solicitações pendentes e distribuir as tarefas, além de marcar entrevistas com os candidatos para o cargo de assistente.

— Então no momento estamos de boa. — Royce se recosta e bebe seu uísque.

Fecha os olhos, sereno e feliz.

— Um brinde. — Levanto meu copo.

Ele abre os olhos e bate o copo no meu. Bo põe a vassoura de lado, pega sua bebida e tilinta na nossa.

— A mais uma doce cliente que vai me deixar mais perto do meu bebê prateado — diz Roy, referindo-se ao Porsche 911 pelo qual está babando.

— Eu brindo a Skyler Paige na minha cama — acrescenta Bo.

Ignoro o comentário, tentando não deixar que me incomode. Mas incomoda. Ouvi-lo falar de Skyler na cama dele me faz ranger os dentes.

— A mais um sucesso com os meus irmãos — digo, batendo em seus copos e voltando para o que somos. Irmãos, antes de tudo.

— Ninguém segura a IG, baby — acrescenta Roy.

— À IG. — Bo faz tintim.

— É isso aí... À International Guy.

SKYLER

— Pra fora da cama! Estou falando sério desta vez, Skyler! — O timbre estridente da voz de Tracey invade meus tímpanos dolorosamente. Puxo os cobertores e ponho a cabeça debaixo do travesseiro para abafar o som. — Que saco, Skyler! — escuto, um segundo antes de o cobertor ser arrancado de meu corpo quase nu.

Um arrepio percorre meus braços, pernas e costas expostos ao ar-condicionado. Gosto dele frio. Gelado. Me faz lembrar que ainda estou viva — muito poucas coisas me fazem sentir assim ultimamente.

Indignada, finjo estar dormindo, mesmo ciente de que ela sabe que eu não estou. Tracey pode ser um pé no saco como agente, mas é minha melhor amiga desde a escola. Enquanto eu mergulhava de cabeça nas aulas de teatro na Universidade de Nova York, ela arrasava no curso de administração de empresas, se formando como melhor da classe. Eu quase não me formei. Entre sessões de fotos, comerciais, aparições na TV e os pequenos papéis que tive na telona, precisei implorar para conseguir meu diploma.

Meus professores da época eram bem legais. A maioria ficava extasiada por lecionar para uma atriz que estava realmente *trabalhando* na indústria do entretenimento. Um monte de tarefas extras e prazos dilatados depois, consegui meu diploma de bacharel em artes. Isso é importante. Na verdade, é um dos meus bens mais valiosos.

A vida era muito mais simples antes de eu chegar lá. Meu ofício tinha a ver com a atuação. O amor pela história. Quão bem eu poderia retratar um personagem. Que novas características poderia lhe atribuir. Se conseguiria encontrar aquele lugar profundo dentro de mim e lhe dar vida na tela.

Agora tem a ver com o tom perfeito de loiro. Se meus dentes são suficientemente brancos. Se eu ganhei um quilo e posso perder dois no lugar. Que estilista me veste. Se o cara que estou namorando está me traindo ou não. Eles sempre estão. Pelo menos é o que a imprensa diz.

Eu não tenho um namorado de verdade, um *homem* na minha vida, desde a faculdade. Algumas tentativas de relacionamento me ensinaram uma lição da maneira mais difícil. Entregue um pouco de si a um homem e o que ele faz? Dá

meia-volta e vende seus segredos pelo maior lance. Não, eu já tive mentiras suficientes. Nada de homens para mim mais.

Mas eu sei que sinto falta de sexo. Nem lembro da última vez que tive um orgasmo que não fosse autoinduzido. Sinceramente, não lembro nem de quando tive um que fosse. Por que me dar o trabalho? É rápido, sem sentido e vazio. Como a minha vida.

Sinto um tapa retumbante na bunda por cima da minha calcinha minúscula. Calor e dor tomam meu corpo como um relâmpago. Eu me sento feito um foguete, e meus peitos balançam, soltos. Os mamilos endurecem pelo choque do ar frio.

— Ai! Não acredito que você me bateu! — grito e esfrego minha bunda dolorida.

Tracey aponta um dedo de unha feita na minha direção. Seu cabelo castanho com mechas cor de mel está preso em um rabo de cavalo apertado, e sua expressão é letal.

— Se vai agir como criança, vai ser tratada como tal. Agora tire essa bunda da cama, se vista e desça para as fotos da Versace em... — ela puxa a manga do blazer e checa seu Rolex — duas horas.

Balanço a cabeça, pego o travesseiro e o coloco na frente do meu corpo nu. Não que ela já não tenha me visto assim antes, mas é estranho conversar com alguém de roupa social, séria, quando você está na cama só de calcinha.

— Eu não vou, Trace. Eu... — Minha voz treme e meu estômago revira só de pensar em fazer mais fotos produzida como uma mulher perfeita.

Uma mulher que eu não sou. Nem de longe.

— Não posso — sussurro. — Você tem que cancelar. Eles precisam arranjar outra pessoa.

Tracey coloca as mãos na cintura.

— Skyler, eu achei que esse desânimo já tivesse passado. Normalmente você só precisa de algumas semanas de folga entre filmes e sessões de fotos para se preparar para a próxima rodada. — Ela baixa a voz para um timbre mais suave e gentil. — Passarinha, estou preocupada com você.

Passarinha. Meu apelido desde a infância.

Os pássaros voam no céu, e eu sempre vivi nas nuvens. Sempre precisei ter o vento embaixo das asas para me sentir livre.

— Flor, eu não consigo. Nem sei se vou conseguir de novo um dia.

Tracey contrai os lábios ao ouvir seu apelido de infância. Flor, porque ela é enraizada no chão, curte o solo onde está plantada. Nós não usamos nossos apelidos com frequência, só quando precisamos lembrar que somos apenas nós, Sky e Trace. Não a garota mais requisitada de Hollywood e a CEO da maior

agência de talentos de Nova York. Só nós, Passarinha e Flor.

Ela senta na cama e pega minha mão.

— Você sabe que isso não é raro na indústria. É chamado de esgotamento por uma razão.

Mordo o lábio inferior e passo a mão pelos meus cachos loiros emaranhados, de tanto ficar revirando na cama a noite toda. Tenho perdido o sono ultimamente, e é por isso que ela muitas vezes me pega dormindo ao meio-dia. Preciso tirar o atraso onde posso, e me recuso a me automedicar. A última coisa de que necessito é deixar o mundo ao meu redor mais embotado do que já é.

— Trace, não sei se ainda tenho isso dentro de mim. Aquela parte minha que ficava animada com um novo papel, com a emoção de começar uma nova filmagem... desapareceu. *Puf.* Não sei onde foi parar nem como recuperar. Só sei que não está mais aqui. O desejo de atuar sumiu. — Lágrimas fazem meus olhos arderem ao admitir isso.

Minha melhor amiga aperta minha mão, tentando me acalmar.

— Você vai encontrá-la de novo. Eu prometo que vai. Esse sempre foi o seu sonho, e ele se tornou realidade.

Eu me encolho.

— É mesmo? Com tantas entrevistas falsas e a imprensa dizendo coisas sobre mim que não são reais? Vomitando as merdas que o meu RP fala que eu tenho que dizer para ter as melhores avaliações para um filme, ou para manter os meus fãs interessados em mim?

— Os seus fãs te amam.

— E eu amo todos eles. Mas eles não me conhecem. Não conhecem meu verdadeiro eu! — digo, batendo no travesseiro sobre meu peito.

Tracey tem a delicadeza de baixar o olhar. Há uma nota de culpa ou vergonha em sua coluna curva e na cabeça caída.

— Talvez. Mas o seu trabalho é dar uma ilusão para essas pessoas. Você dá esperança a elas e alguma coisa para admirar.

Eu bufo.

— Fazendo foto atrás de foto. Não comendo quase nada. Eu me pesei outro dia e quase vomitei porque ganhei um quilo e meio. Um quilo e meio. Foi como se eu tivesse levado um tiro. Corri para o elíptico e passei duas horas naquela máquina dos infernos. Depois levantei peso até achar que os meus braços iam cair. Isso não é normal. Não é saudável! — grito e pressiono os polegares nas têmporas, onde uma dor de cabeça está começando a latejar.

— Skyler, eu odeio dizer isso, porque eu te amo. Você sabe disso. Mas eu sou sua agente. Você assinou dois contratos para fazer dois filmes este ano. Vai começar a trabalhar em Nova York daqui a seis semanas, antes de partir para

Milão no meio das filmagens. Eu posso cancelar o contrato com a Versace, a sessão de fotos de lingerie da Aubade, até a próxima campanha de perfume do Grupo Rolland. Assim você vai ter um pouco de tempo para descansar.

— Obrigada...

Ela suspira.

— Não me agradeça ainda. Você é contratualmente obrigada a fazer esses filmes. De modo que, entre agora e o começo do próximo filme, vai precisar reencontrar aquele fogo dentro de si.

Um arrepio de medo rasga meu peito e aperta meu coração.

— E se eu não conseguir? — sussurro.

Minha voz sai tomada por um turbilhão emocional que não sinto desde que perdi meus pais, há alguns anos, no acidente de barco. “A viagem da nossa vida”, eles disseram e me agradeceram sem parar pelo iate particular no qual navegariam ao redor do mundo, aproveitando seus cinquenta anos. Eles só conseguiram chegar ao mar uma vez antes de...

— Eu vou arranjar ajuda — diz Tracey, me arrancando de meus pensamentos sombrios com sua declaração.

Franzo o cenho.

— Que tipo de ajuda?

Ela respira fundo antes de endireitar os ombros e cravar o olhar no meu.

— Tem uma empresa chamada International Guy. Eles fazem uma série de coisas para mulheres em posições de poder.

Não posso evitar o riso que borbulha da minha garganta e se derrama, soando alto e impetuoso na quietude do quarto. Morar numa cobertura em Nova York oferece mais que luxo. Estar no quadragésimo andar com vista para o Central Park tem seus benefícios, e a tranquilidade é um deles. Graças aos céus.

— International Guy. Parece nome de perfume masculino — digo e abafo o riso com a mão na frente da boca.

Tracey sorri.

— É, mas eles foram muito bem recomendados e fazem um trabalho nada tradicional. Vou ver como contratá-los.

Eu me recosto na cabeceira e abraço o travesseiro.

— E o que você acha que eles podem fazer por mim?

Seu rosto se transforma em uma máscara inexpressiva, antes de um sorriso atrevido dominar suas feições bonitas e simples.

— Trazer de volta a sua inspiração, é claro.

AS AVENTURAS DE PARKER E SEUS SÓCIOS
AO REDOR DO MUNDO CONTINUAM.

INTERNATIONAL GUY

Nova York

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

International guy: Paris

Site da autora
http://www.audreycarlan.com/

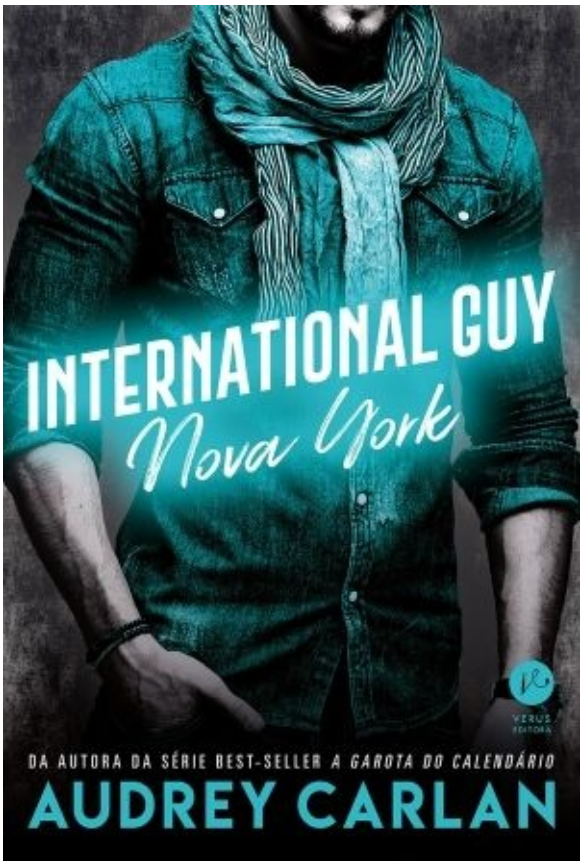
Facebook da autora
https://www.facebook.com/AudreyCarlan/

Twitter da autora
https://twitter.com/audreycarlan

Instagram da autora
https://www.instagram.com/audreycarlan/

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan


INTERNATIONAL GUY
Nova York
DA AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER A GAROTA DO CALENDÁRIO
AUDREY CARLAN

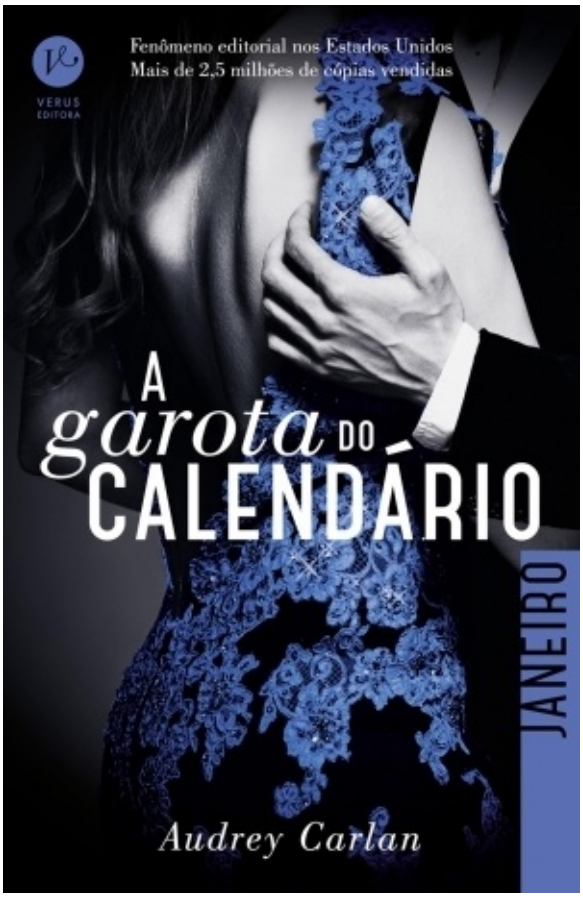
International Guy: Nova York - vol. 2

Carlan, Audrey
9788576867258
124 páginas

Compre agora e leia

Mesma autora da série A garota do calendário, que vendeu mais de 670 mil exemplares no Brasil. International Guy é a agência de Parker Ellis, um dos maiores especialistas do mundo em vida e amor, que tem como missão ajudar as mulheres em questões tão diversas quanto se sentir sexy e poderosas, aprender a administrar um impér io empresarial ou conquistar o homem dos seus sonhos. Parker e seus dois sócios atendem mulheres ricas do mundo todo, como atrizes de Hollywood, membros da realeza e CEOs de multinacionais bilionárias. E, às vezes, eles não podem evitar que as coisas esquentem e vão parar na cama de suas clientes. Literalmente. Parker adora sua vida de playboy e não está procurando compromisso. Afinal, há um mundo inteiro à sua frente: os negócios o levam de Paris a Milão, de Berlim ao Rio de Janeiro. Mas, conforme ele pula de cidade em cidade — e de cama em cama —, é possível que acabe encontrando mais que sexo ao longo do caminho... Neste volume, a International Guy vai a Nova York, onde a atriz mais badalada do momento precisa reencontrar a paixão pela profissão.

Compre agora e leia


VERUS
EDITORA
Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas
A
garota DO
CALENDÁRIO
JANEIRO
Audrey Carlan

A garota do calendário: Janeiro

Carlan, Audrey
9788576865247
144 páginas

Compre agora e leia

Fenômeno editorial nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de cópias vendidas. Mia Saunders precisa de dinheiro. Muito dinheiro. Ela tem um ano para pagar o agiota que está ameaçando a vida de seu pai por causa de uma dívida de jogo. Ela precisa de um milhão de dólares. A missão de Mia é simples: trabalhar como acompanhante de luxo na empresa de sua tia e pagar mensalmente a dívida. Um mês em uma nova cidade com um homem rico, com quem ela não precisa transar se não quiser? Dinheiro fácil. Parte do plano é manter seu coração selado e os olhos na recompensa. Ao menos era assim que deveria ser... Em janeiro, Mia vai conhecer Wes, um roteirista de Malibu que vai deixá-la em êxtase. Com seus olhos verdes e físico de surfista, Wes promete a ela noites de sexo inesquecível — desde que ela não se apaixone por ele.

Compre agora e leia


VERUS EDITORA
Ele venderia sua alma de guerreiro para possuí-la...
Brumas do tempo
Karen Marie MONING
HIGHLANDERS | LIVRO 1

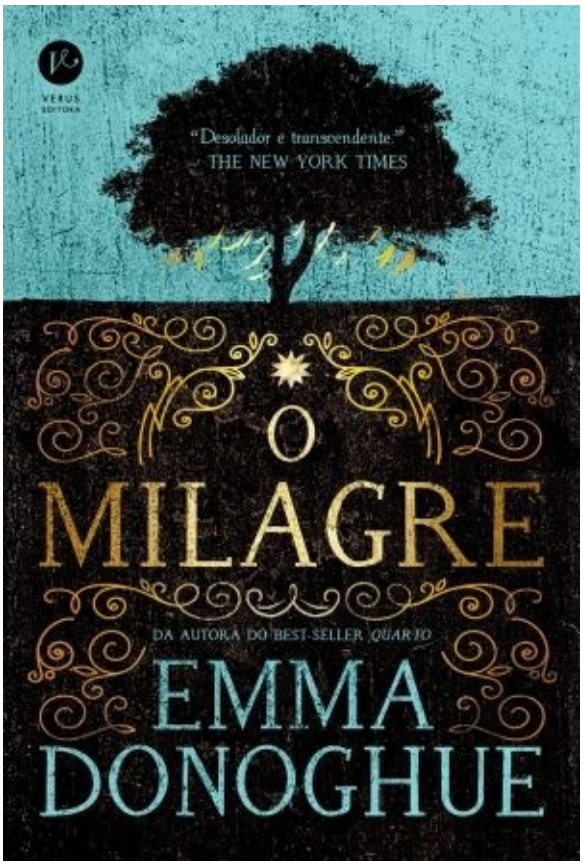
Brumas do tempo - Highlanders - vol. 1

Marie Moning, Karen
9788576866404
308 páginas

Compre agora e leia

Primeiro volume da série Highlanders. Um sedutor lorde escocês é conhecido no reino como Falcão, lendário predador nos campos de batalha e na cama. Nenhuma mulher resiste e ele, mas nenhuma jamais conseguiu mexer com o seu coração. Até uma fada vingativa levar Adrienne da Seattle dos dias de para a Escócia medieval. Presa em um século que não é o seu, ousada demais, franca demais, Adrienne representa um desafio irresistível para esse conquistador do século XVI. Forçada a se casar com Falcão, ela jura manter distância do marido, mas o poder de sedução dele vai destruir lentamente a determinação dela. Adrienne tem o "não" na ponta da língua, mas Falcão jura fazê-la sussurrar seu nome com desejo, implorando que ele a incendeie de paixão. Nem mesmo as barreiras do tempo o impediriam de conquistar o amor dela. Apesar das incertezas sobre seguir seu coração apaixonado, a hesitação de Adrienne não é páreo para a determinação de Falcão de mantê-la a seu lado.

Compre agora e leia


VÉRUS EDITORA
"Desolador e transcendente."
THE NEW YORK TIMES
O
MILAGRE
DA AUTORA DO BEST-SELLER QUARTO
EMMA
DONOGHUE

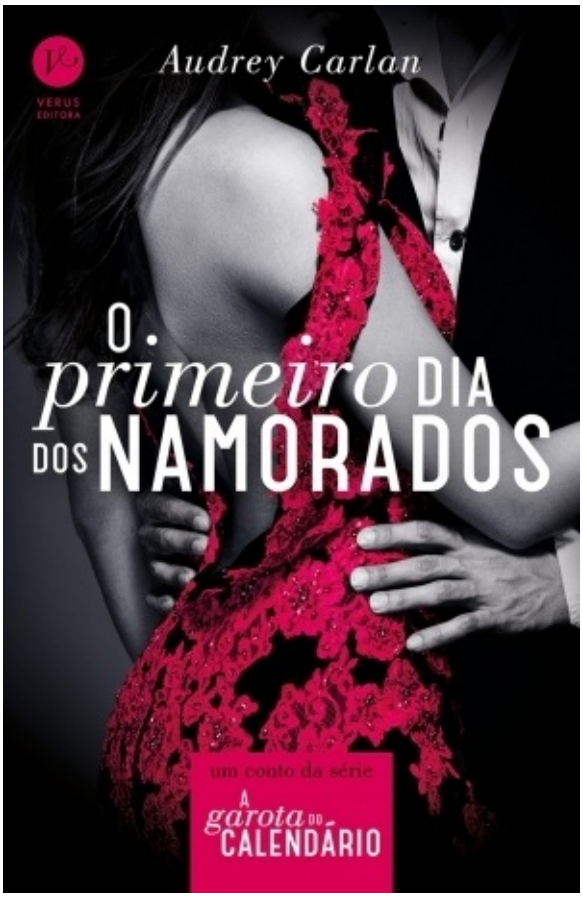
O milagre

Donoghue, Emma
9788576867289
266 páginas

Compre agora e leia

Novo livro da autora do best-seller Quarto. Irlanda, 1859. Anna O'Donnell, de onze anos, se recusa a comer e, apesar disso, sobrevive há meses, aparentemente sem graves consequências físicas. Um milagre, dizem os habitantes do vilarejo profundamente enraizado na fé católica. Mas quando Lib Wright, uma jovem e cética enfermeira inglesa, é contratada para vigiar a menina noite e dia, os acontecimentos seguem um rumo diferente. Anna começa a definhar, diante da passividade de todos e da impotência de Lib. E assim cresce o mistério ao redor dessa família pobre de agricultores, que parece envolta em mentiras, promessas e segredos. O que o mundo está testemunhando é uma fraude sofisticada, ou uma revelação do poder divino? Escrito com a tensão que fez de Quarto um best-seller mundial, O milagre é uma história sobre duas estranhas que transformam a vida uma da outra, além de um poderoso thriller psicológico e uma narrativa sobre como o amor pode vencer o mal em suas mais diversas formas.

Compre agora e leia


Audrey Carlan
VERUS EDITORA
O primeiro DIA DOS NAMORADOS
um conto da série
A garota do CALENDÁRIO

O primeiro Dia dos Namorados

Carlan, Audrey
9788576866428
26 páginas

Compre agora e leia

Seis semanas após o casamento de Mia e Wes, chegou o primeiro Dia dos Namorados que eles vão passar como marido e mulher. Qual será a surpresa especial que Wes preparou para sua amada? E o presente divertido que Mia comprou para ele? E o que vai acontecer quando eles estiverem a sós no hotel...? Descubra tudo neste conto especial da série A garota do calendário.

Compre agora e leia

Table of Contents

Também de Audrey Carlan
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
Skyler
Colofão
Saiba mais